

Núcleo
do Ator/
Uni-Rio

Investigação e Documentação Teatral

COLEÇÃO
CADERNOS

Nº 5

CADERNO DE TEXTOS



SOBRE

O PALHAÇO DE HOSPITAL

Organização
Ana Achcar



2018

CADERNO DE TEXTOS SOBRE O PALHAÇO DE HOSPITAL

Edição: Projeto Núcleo do Ator – Investigação e Documentação Teatral

Organização: **Ana Achcar**

Curadoria e Seleção de Textos: **Ana Achcar, Ana Kailani, Julia Fernandes e Wanderson Rosceno**

Colaboração: **Bel Flaksman e Camilla Farias**

Capa: **Flavio Souza, Wanderson Rosceno**

Diagramação e Revisão Geral: **Ana Achcar, Ana Kailani, Flavio Souza, Julia Fernandes, Juliana Brisson**

PARA FINS DIDÁTICOS

C122

Caderno de textos sobre o palhaço de hospital / organização Ana Achcar. – Rio de Janeiro : UNIRIO / Núcleo do Ator – Investigação e Documentação Teatral, 2018.
128 p. – (Coleção Cadernos; n.5).

ISSN da série: 2525-6270.

1. Palhaços - Formação. 2. Crianças. 3. Hospitais.
4. Riso. I. Achcar, Ana. II. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Escola de Teatro. Departamento de Interpretação Teatral. Núcleo do Ator - Investigação e Documentação Teatral.
III. Série.

CDD – 791.33

APRESENTAÇÃO

Quinto número da Coleção Cadernos, editado para fins didáticos pelo Núcleo do Ator – Investigação e Documentação Teatral da UNIRIO, esse Caderno de Textos é resultado da parceria com o Programa Interdisciplinar de Formação, Ação e Pesquisa Enfermaria do Riso que completa 20 anos de sua criação em 2018.

Para celebrar esse tempo de construção, risos, muito trabalho, encontros, descobertas e sobretudo, enorme aprendizado, realizamos, nos últimos três anos um extenso trabalho de leitura e seleção dos relatos das atuações em hospital de todos os estudantes de palhaçaria, bolsistas ou não, que seguiram formação no Programa desde 1999 e atuaram, entre 2000 e 2017, nos ambulatórios, enfermarias, quartos, boxes, corredores e CTIs dos serviços pediátricos do HUGG (Hospital Universitário Gaffrée & Guinle), do IFF (Instituto Fernandes Figueira) e do Hospital da Lagoa. E como toda distância entre dois pontos, quando se trata do palhaço, nunca é uma linha previsível e reta, o que encontramos foi incrivelmente surpreendente, tanto na quantidade como na variedade, particularidade e emoção das histórias.

Assim, aquele que se aventurar por essas páginas encontrará textos dos palhaços, formados no Programa, e dos colaboradores, profissionais e docentes, que participaram da sua construção e desenvolvimento. São, principalmente, relatos de atuação e de visitas de observação nos hospitais, mas também há cartas: do ator para si mesmo, da palhaça para a mãe, da atriz para o pai, daquele que está saindo para aquele que está começando; e ainda desdobramentos de textos retirados de dissertações, doutoramentos, monografias, cujos temas foram desenvolvidos pelos palhaços e estudantes a partir da sua vivência.

Na fase de revisão e diagramação final, nossa tentativa em criar uma unidade formal para os escritos sucumbiu à força da diversidade dos conteúdos revelados, e seus modos de contar, relatar, refletir através de diálogos, descrições, respostas, provocações, críticas, confissões, versos, reproduções, queixas, prosas, tópicos, ficções e um sem fim de variantes que constituem essa experiência essencialmente coletiva.

E porque ela é de todos, se espalha e se infiltra para sempre na vida de cada um. Muito grata a todos que participaram e construíram o Programa Enfermaria do Riso. Todos. Os que estão aqui, e os que não.

Boa leitura!

Ana Achcar

Com a palavra, os palhaços!

Madame.....	05
Palhaça Viola	07
Palhaça Shei-lá	08
Palhaço Vladimir	10
Palhaça Pororoca	15
Palhaça Barbuleta	17
Palhaço Teréu	18
Palhaça Aspirina	20
Palhaça Dona Roxa	21
Palhaça Matilde	25
Palhaça Pérola	29
Palhaça Girassol	30
Palhaça Charlotte.....	32
Palhaço Joselito	37
Palhaça Cassandra	44
Madame	49
Palhaço Lindomar	50
Palhaço Claudinei	52
Palhaça Mari-êta	54
Palhaço Tubias.....	55
Palhaça Catarina	57
Palhaço Custódio	59
Palhaça Lola (ex Neca de Pitibiriba)	59
Palhaço Arlindo Ovelha	63
Palhaço Batatinha	65
Palhaça Maricota	69
Palhaça Margot	72
Palhaça Paulalaura	74
Palhaça Abrobinha	77
Palhaço Ramiro Ramos	81
Palhaça Fúfia	83
Palhaço Zeca Vado	85
Palhaça Amnésia	88
Palhaça Capricho	92
Palhaça Carminda	94
Palhaço Etiqueta	95
Palhaço Vaso.....	96
Palhaço Dagoberto	98
Palhaço Wanderful	99
Palhaça Aurélia	102
Palhaça Pastilha	103
Palhaço Baqueta	105
Palhaça Sabuga	108
Palhaça Almofadinha	110
Palhaço Tobe	113
Palhaço Arame	115
Palhaça Sona	118

Outras Palavras

Cristina Soares	122
Luciano Maia	123
Diana Herzog	124
Renata Mizhari	125
Edson Liberal	126

COM A PALAVRA, OS PALHAÇOS!

Madame

Ana Achcar

Paris, 27 de fevereiro de 2003

Institut Gustave Roissy. Entre nove horas da manhã e cinco horas da tarde. Oito graus lá fora. No quarto estão a mãe, uma tia e um amigo da família que aparenta dificuldades de locomoção. A menina deitada, de olhos fechados, deve ter aproximadamente dez anos. Parece tranquila. Chama-se J. Recuo da porta, para não invadir o ambiente com a minha presença, e espero no corredor. Os dois palhaços que eu estou seguindo avançam e entram, a porta fica aberta. Mas nesse primeiro momento, eu só escuto o silêncio. Chegamos ao hospital pela manhã. Pela primeira vez eu integro a equipe do Le Rire Médecin, programa francês de atuação de palhaços em hospitais existente desde 1992, em seu trabalho de campo, na condição de observadora participante. No encontro de rotina entre os médicos e os atores, em que os primeiros passam informações sobre o estado físico e emocional das crianças hospitalizadas, a enfermeira chefe, bastante mobilizada emocionalmente, já nos adiantou que a menina J. não passaria dessa tarde. A sala dos médicos está cheia e a notícia impõe o silêncio. Os profissionais de saúde que ali estão parecem transportar-se para algum lugar do passado ou do futuro, como qualquer bom ser humano faz, ao receber uma notícia que o entristece. Subitamente, alguém concorda que é melhor para J. e para todos que estão ao seu redor, que o sofrimento é muito grande e ela não merece tamanha dor; uns falam sobre o estado de saúde de outras crianças; outros comentam os sapatos de uma das médicas de plantão; duas enfermeiras comem sanduíches

quentes de queijo. Mas nada do que se passa após a conversa sobre J. pode aliviar em mim a impressão de perda, fracasso, desamparo e desilusão na luta da vida desse pequeno anjo contra o desaparecimento tão prematuro. Acompanho os atores em mais duas reuniões com equipes médicas do serviço de hematologia e da oncologia pediátrica e depois os sigo até o vestiário onde eles trocam de roupa e colocam seus narizes vermelhos. Eles se divertem juntos, são engraçados, é verdade. Uma graça suave. Uma nova visão sobre o mundo já conhecido. O palhaço vê aquilo que os outros não vêem. Podem parecer bobagens, mas são, de fato, visões que, em geral, só nos permitimos quando estamos sós ou na companhia de pessoas nas quais confiamos. Tentando parecer o menor inseto que já pôde penetrar num corredor de hospital, passo o resto da manhã seguindo o trabalho da dupla de palhaços, uma moça e um rapaz, por todos os ambientes. Das enfermarias às salas de lazer infantil, passando pelo CTIp e pela área de isolamento, com direito até a me vestir de plástico dos pés à cabeça, enquanto os palhaços têm o privilégio de, bem desinfetado, ainda deixar o nariz vermelho para fora da veste-abrigo. Já não me lembrava mais de J. Pausa. Hora do almoço sem nariz. Conversamos sobre a profissionalização dos palhaços que trabalham em hospitais. Os dois palhaços me perguntam sobre o processo de formação dos atores no Brasil. Sobre como funciona o sistema de Saúde do Brasil. Sobre as crianças pelo Brasil. São curiosos. Ainda tomada pelas imagens do que observei durante toda a manhã, me esforço para não perder a oportunidade de falar sobre a proposta de um

intercâmbio de formação profissional para palhaços brasileiros e franceses e, embora conheça bem a língua, me engano na compreensão de palavras mais do que conhecidas, e percebo que talvez esse não seja o momento apropriado para tratar de projetos para o futuro. Quero ficar ali, apenas usufruindo da presença dos dois palhaços que, com seus narizes pendurados no pescoço, dão conta de um prato

de dar inveja ao caminhoneiro mais brasileiro. Será que depois vou me arrepender de não ter falado? Me lembro que errar faz parte, é a nossa possibilidade de nos aproximarmos uns dos outros. E penso, imediatamente, que reside aí, na relação desmitificada com o fracasso, a maior força do palhaço e a razão principal de ele ser, do teatro e do circo, a figura escolhida para atuar no meio hospitalar. Me encho de esperança e humanamente renovada, volto a acompanhar os palhaços no árduo e belo trabalho com esses pequenos anjos que, quem sabe, estão apenas brevemente adoecidos, mas logo voltarão recuperados para casa, para suas brincadeiras, seus pais e irmãos, sua curiosidade, sua energia, sua força de crescer e viver. Penso nessa característica do palhaço de hospital, para a qual talvez eu jamais esteja totalmente preparada: a de enternecer-se sem me deixar invadir completamente pela emoção. Logo no corredor que dá acesso aos quartos das crianças em estado grave, sentada numa cadeirinha infantil que alguém esqueceu por ali, uma senhora chora, sem desespero, copiosamente. A palhaça da dupla senta ao seu lado em outra cadeirinha esquecida, e delicadamente lhe estende a mão. Ficam ali, as duas. Uma mulher que chora e uma palhaça que

lhe estende a mão. Não tenho mais a noção de quanto tempo se passa: não sei dizer se ficamos dez ou quarenta minutos ali, sem dizer palavra; as duas, eu e o outro palhaço que também, nesse momento, apenas observa. Não tenho coragem de pensar em nada nem em ninguém. Estou ali, presente, agora, de verdade, subitamente, e sinto uma enorme força me invadir. Observo cada detalhe, o cabelo cheio de pontas da senhora, seu nariz fino, os dois olhinhos miúdos de um claro brilhante como se fossem duas pedrinhas preciosas. Noto o rosto da palhaça. Ele está sério, sem peso, mas concentrado. Um palhaço de hospital também atua quando não faz rir e isso compreendemos bem numa situação como esta. Quando um palhaço, no contexto hospitalar, se coloca dessa forma no seu trabalho, ele está trazendo para alguém toda a beleza e toda a esperança, mas também toda a fragilidade, a impermanência a inconstância, a vulnerabilidade de ser humano. Não há nada a fazer, mas podemos esperar juntos por um momento em que as coisas estejam melhores. É isso que, para mim, quer dizer a atitude silenciosa do palhaço. Estou cansada, quero ir embora para casa, mas fico ainda para observar uma última ação dos palhaços. Percebo que estou do lado de fora do quarto de J. e só escuto o silêncio. Não dá para ter a mínima ideia do que se passa lá dentro. De repente, o som da flauta da palhaça toca a música do Caetano Veloso, Luz do Sol “que a folha traga e traduz, em verde novo, em folha, em graça, em vida, em força, em luz”. Entendo que é uma forma que os palhaços encontraram de me colocar para dentro do quarto. Me emociono de estar ali tão longe e tão perto do Brasil e me orgulho do contato com os palhaços do

Le Rire Médecin. Eles saem, entram em outro quarto, mas não os sigo. Quero ficar ali, esperar alguma reação de dentro da nuvenzinha silenciosa onde descansa o anjinho J.. Um médico e dois enfermeiros entram no quarto. Fico na dúvida se J. já terá voado. Permaneço no corredor, e critico meu próprio voyeurismo. Sou uma pesquisadora, penso para compensar, preciso saber o que acontece depois da passagem dos palhaços, o que resta da relação que se estabeleceu entre eles, o que cada um leva para si e para sempre. Os homens de branco saem. Silêncio. Ainda silêncio. Não me movo. Mas também não quero ficar lá muito mais tempo, parada no meio do corredor, onde transitam macas, aparelhos grandes e estranhos, médicos apreensivos. Não quero atrapalhar nada. Tomo a direção da saída, e já perdida dos palhaços, enquanto espero o elevador, ouço novamente a melodia da música de Caetano, desta vez pelo assóvio de alguém. Num impulso, eu volto correndo à porta do quarto de J. Vem de lá o som. E num instante, passageiro e efêmero momento, eu experimento uma forte sensação, madura e material, de que o fim, enfim, não existe. O que segue é vida.

Palhaça Viola

Laura Becker

TCC Licenciatura em Teatro, UNIRIO, 2017

Não falo do lugar da certeza, de quem chegou a alguma conclusão, mas falo de algum lugar. Falo porque preciso dizer. Sobre a delicadeza, sobre a sutileza e a alegria de ser palhaça. Palhaço era sonho distante, era monstro de quatro cabeças que me desafiava e eu insistia em correr de medo.

Corria, mas sempre olhava para trás, curiosa para ver que forma tinha o bicho. Nariz redondo e vermelho, sapato maior que o pé, um cabelo estranho, um sorriso grandão e engraçado que sorria direto para mim. Com pernas bambas, mãos suadas e coração mole, um dia, sorri de volta. E fui. "Relaxa a boca, solta os braços, endireita a coluna, olhar vivo, energia, atenção ao espaço, atenção para o outro, espaço massa, corpo, corpo, corpo!", Madame sabe o que quer, Madame não deixa para lá, é firme, atenta e tem sensibilidade à flor da pele. Quem não se derrete com uma gargalhada gostosa de criança? E quem não tem saudade da leveza de não ser adulto? A leveza de apenas ser. E o palhaço, o que é? É tudo o que ele quer e pode ser, mas tudo o que for de verdade, espontâneo. É ele todo, do início ao fim, da criança ao adulto. É riso, choro, dor e amor. Ser palhaço significa abrir a sua janela para o mundo. Quando colocamos o nariz, estamos dizendo: "Estou disponível". O palhaço se coloca em relação com o outro, o tempo todo. Não há como fugir. Ele é notado por onde passa e, o que mais importa, todos são percebidos por ele. O palhaço não deixa escapar um olhar. Não se trata de uma visão romântica, o palhaço não é um super herói, apenas vive o momento presente, o aqui e agora, sem se preocupar com passado ou futuro. Isto é, as relações que estabelece são as coisas mais importantes para ele naquele momento e isso torna cada instante especial e único. O palhaço é uma espécie de conector, um comunicador. Ele convida, chama para si e para todos. Inclui, envolve, cria novos espaços, promove novos encontros, tira do lugar, por vezes incomoda, faz levantar, faz sair, faz rir, faz pensar. Ele apenas é, do jeito que ele é. Tentando e se arriscando na

frente de todos. E como é bom vê-lo em risco. Tudo pode acontecer!

Palhaça Shei-lá

Júlia Schaeffer

Novembro de 2000

Hospital Universitário Gaffrée & Guinle

O caráter de intervenção não tendo um início e fim determinados, o fato de não ser uma apresentação fechada, é interessante e funciona pela forma como é recebida pelos pacientes e médicos em geral, a intervenção não é invasiva, é aos poucos, dando a oportunidade de ambos perceberem o ambiente, a proposta, o possível jogo que pode ser criado.

Nossa dificuldade muitas vezes foi em sair dos ambientes. Como perceber a hora de ir, sem se despedir? Essa percepção tem que ser conquistada. Fomos muito cautelosas ao entrar em cada ambiente por ser o primeiro dia, isso talvez tenha limitado um pouco nossas possibilidades. Sinto também que muitas vezes nos apoiamos muito na palavra, como uma maneira mais fácil de jogar.

Ação no local de Espera dos Ambulatórios

Foi o primeiro lugar de jogo. Fomos recebidas com sorrisos curiosos, nos apresentamos e procuramos estabelecer o jogo em cada situação: cantamos uma música para uma senhora que abriu seu coração, e nos relacionamos muito com as mães, pois muitas crianças eram de colo. Outras, um pouco maiores, ficaram tímidas, e então íamos até elas. Outras simplesmente olhavam meio receosas. Aos poucos, estas, mais assustadas, foram se acalmando. Não impusemos um jogo com

elas: tentamos através do jogo com as mães tranquilizá-las. Foi o lugar mais difícil, acredito que por ser aberto e, portanto mais disperso, em constante fluxo de pessoas, nomes sendo chamados e uma certa expectativa com a espera de ser atendido.

Ação nos Ambulatórios

É um espaço conturbado, pois estão acontecendo consultas. Ficamos nas portas das salas, e quando acontecia um jogo com alguma criança, tínhamos receio de atrapalhar os procedimentos. Acho que por isso foi um jogo um pouco limitado. Mesmo assim, no primeiro ambiente onde ficam os residentes, jogamos, nos apresentamos e fomos sempre muito bem acolhidas.

Ação no CTIp

No CTIp tinham quatro leitos ativos: dois prematuros que estavam em incubadoras com suas mães ao lado, uma criança com hidrocefalia, portanto deitada de lado e só podendo mexer os olhos, e outro neném HIV muito pequeno com um catalisador de oxigênio, uma espécie de recipiente de plástico que fica em torno da cabeça da criança. Nos limitamos a cantar uma música e brincar com um passarinho-fantoches de pano, levando-o ao campo de visão da criança. Como os prematuros não estavam de olho aberto, cantamos uma música e conversávamos com as mães. A reação das crianças que estavam acordadas foi boa, acompanhando com os olhos e se acalmando. Uma das mães agradeceu após finalizarmos a música. Sentimos falta de músicas que permitissem a inclusão do nome da criança ou algo que personalizasse aquela canção.

Ação na Sala dos Médicos

Foi o último lugar em que estivemos. A reunião, ou *round* (reunião da equipe médica para avaliação dos casos), estava um pouco atrasada, então quando chegamos só havia alguns estudantes. Entramos, mas acho que não soubemos propor um jogo que justificasse nossa permanência ali. Então, logo após entrarmos, eles voltaram ao que estavam fazendo. Após um tempo, já estava na hora marcada para o início da reunião, então nos apresentamos e saímos.

Ação na Enfermaria

Foi o lugar mais interessante em termos de jogo. No primeiro espaço, onde ficam os bebês menores, o jogo aconteceu mais com as mães. No segundo espaço, as crianças nos receberam com sorrisos e conseguimos interagir com elas. Uma das crianças ficou um pouco assustada no início e por isso jogamos com o outro primeiro. Após algum tempo assistindo ao jogo, ela se rendeu e nos presenteou com alguns sorrisos. Usamos bolinhas de sabão, e brincamos muito com o passarinho-fantoches. Uma das crianças o batizou de Piu. Fiquei muito surpresa com a recepção que tivemos. Essas duas crianças, que se animaram de início, fizeram com que as mães e outros pacientes também se abrissem para o jogo.

Público de espera (familiares)

Em sua maioria foram receptivos. Sem saber do que se trata, imaginam que o papo é com as crianças e logo chamaram sua atenção para que nos vissem. Cantamos uma música para uma e conversamos fazendo trocadilhos com o que

diziam. Algumas mães agradeceram e elogiaram o trabalho. Usamos muito a pandeiro, o apito da Gyu, que faz um som engraçado para tocar músicas, e bolinhas de sabão para limpar o ambiente, o que nos permitiu abrir um pouco mais o jogo.

Médicos (residentes e estagiários)

Os médicos que estão no hospital há mais tempo, e muitas vezes são um pouco mais sérios, falam com a gente como se não estivéssemos com o nariz e com aquela roupa. Outros propuseram um jogo dizendo, por exemplo, que não estavam se sentindo bem. Os residentes e estagiários foram os menos receptivos, às vezes ignoraram nossa presença ou simplesmente deram um sorriso amarelo.

Crianças

De cara já se identificam. Na Enfermaria, os maiores se sentiram mais à vontade para propor e entrar no jogo, facilitando assim o estabelecimento de uma comunicação. No Ambulatório, geralmente, nós tivemos que procurá-las para que entrassem na brincadeira. Usamos muito o fantoche de dedo e bolinhas de sabão, o passarinho nos levou embora e as bolinhas de sabão nos possibilitam fazer a brincadeira de engoli-las.

Enfermeiras

Algumas nos auxiliaram dando informações sobre pacientes e outras ficaram observando. Procuramos falar com elas, nos apresentar, pedimos um lanche e foram, em sua maioria, bem receptivas.

Do que você sentiu mais falta?

Senti falta de um instrumento musical melódico que possa ser usado no CTIp: usamos um pandeirinho e um chocalho. Também senti falta de ter um domínio maior de propostas de jogo com aqueles mesmos objetos, podendo explorá-los melhor.

O que o fez se sentir mais apoiado?

A presença da Layla como parceira de jogo, e nossos objetos, quando conseguimos explorar suas possibilidades.

Palhaço Vladimir

Flavio Souza

Março e Abril de 2002

Hospital Universitário Gaffrée & Guinle

O que eu falo agora não conto porque lembro, conto porque estou vendo. Vejo como se fosse um filme que se desenrola na minha frente. I. era moreno, um moreno meio mulato, era claro demais para mulato, e escuro demais para ser só moreno, era colorido e magro, pequeno. Ele estava hospitalizado e essa era mais uma das séries de internações que aconteciam em sua vida. Suas internações estavam se tornando mais frequentes. Ele já conhecia bem as duplas de palhaços que atuavam no HUGG. Eu, Vladimir, trabalhava com Pororoca, palhaça que me ensinou a ser mais livre no jogo, porque se deixava tomar por certo ar inebriado de quem não brinca no jogo, joga de verdade. I. estava sentado em uma sala posterior à sala de entrada na Enfermaria. Eu já trabalhava, na sala anterior que servia de passagem, com o meu sapato. Ele, o sapato, que ficava saindo do pé, descontroladamente, ainda fazia com que meus pés não tivessem controle, me obrigando a

atravessar a sala um pouco deslizando, um pouco escorregando. I. estava vendo televisão, de pernas para o ar apoiadas num banco, sentado em uma cadeira que na verdade era uma espreguiçadeira de praia. Talvez de hospital, não me lembro. Quando entrei na Enfermaria em que ele se encontrava, vi que meu sapato havia saído do meu pé, e reclamei dizendo a ele que não conseguia controlar mais essa coisa. Ele com a mesma cara que assistia televisão e com o mesmo corpo apoiado na cadeira, fez com que o chinelo pulasse do pé. “O meu também não para” – disse ele. Não havia diferença naquele que via televisão, hospitalizado, e naquele que acreditava que o chinelo tinha vida. O que se desenrolou depois disso foi um momento único de encontro e jogo. Uma cena perfeita para o palco. Não cabe aqui desenvolver sobre ela, o que sei é que ele me ensinou a jogar como palhaço, ali sentado na espreguiçadeira. Ele sem falar nada, sem ser palhaço (não se sabe ao certo), simplesmente sentado, me revelou que não há diferença: jogar é como estar dando continuidade no que ocorre na vida. A verdade é a mesma. Ali eu me configurei como palhaço! I. um pouco depois foi jogar em outras nuvens, mas fez o que tinha que ser feito, me apadrinhou.

Clown: Linguagem, Construção da Lógica, Espaço, Objeto, o Outro, Música

Shei-lá e Vladimir iniciaram os trabalhos no hospital com bastante saudade. Há um tempo não trabalhavam juntos. Esta saudade num primeiro momento rendeu bons frutos já que ambos com muita criatividade propunham inúmeras situações de jogo. Nessa busca ansiosa pelo outro, se

confundiram um pouco com suas funções de Augusto e Branco no jogo. Muitas vezes, a partir de um jogo, essas naturezas surgiam e eles então conseguiam se identificar, porém, queriam mais, queriam saber como construir esta relação sem depender do acaso da sorte e de um dia inspirado. Chegamos a conclusão que denominamos como o X da questão: o problema. Explicamos: percebemos que um palhaço teria que interferir no objetivo ou trajetória do outro, criando assim um problema a ser resolvido e (principalmente) explorado. Lembramos do texto O Riso (BERGSON, 2004, p. 14-15) [1] e então citamos: “Alguém a correr pela rua tropeça e cai: os transeuntes riem. Não se riria dele, acho eu, caso se pudesse supor que de repente lhe veio a vontade de sentar-se no chão. Ri-se porque a pessoa sentou-se sem querer. Não é, pois, a mudança brusca de atitude o que causa o riso, mas o que há de involuntário na mudança, é o desajeitamento. [...] uma pessoa que se empenha em suas pequenas ocupações com uma regularidade matemática, e cujos objetos pessoais tenham sido baralhados por um brincalhão: mete a pena no tinteiro e sai cola; acredita sentar numa cadeira sólida e cai estatelada no chão; enfim, age sem propósito ou o que faz dá em nada, sempre em consequência de um ritmo adquirido. O hábito imprimiu certo impulso. Seria preciso deter o movimento ou dar-lhe outro rumo. Mas, em vez disso a pessoa continua em linha reta. [...] O risível [...] é certa rigidez mecânica onde deveria haver maleabilidade atenta e a flexibilidade viva de uma pessoa.

Sendo assim um palhaço seria esse brincalhão que muda os objetos de lugar, seria o que desestabiliza o outro, entrando em relação

direta com o parceiro e fazendo aparecer essas duas naturezas tão fugazes! (Nossa! Que palavra bonita!).

Animados com as aulas de arquitetura do movimento, nós descobrimos que também fazíamos parte da arquitetura do hospital, sendo Vladimir uma roleta pela qual tinha de se passar para atravessar o Corredor. Ao dar um aperto de mão ela se abria com a sonorização prontamente realizada por Shei-lá que, colocando a mão em seu bolso, rodava uma matraca que parodiava o som de uma roleta real. Quando conseguimos explorar o espaço com essa ótica extra cotidiana e alterá-lo com nosso corpo e imaginação, obtivemos quase sempre um resultado positivo.

Descobrimos também a possibilidade de jogar com estados de emoção. Por exemplo: Vladimir ao rever uma antiga paciente ficava chocado e paralisava. Shei-lá ia em seu socorro, mas quando ele a olhava, acontecia de novo, como uma máquina quebrada ou disco arranhado. Essa dilatação do estado e a repetição fizeram muita gente se divertir com a possibilidade de rever a situação que não se resolvia. “[...] quando certo efeito cômico derivar de certa causa, quanto mais natural a julgarmos tanto maior nos parecerá o efeito cômico. Rimos já do desvio que se nos apresenta como simples fato. Mais risível será o desvio que vimos surgir e aumentar diante de nós, cuja origem conhecermos e cuja história pudermos reconstituir”. (in: “O Riso”, BERGSON, Henri.)

Usamos e abusamos também das dilatações de tempo e ritmo, saindo de lugares em câmera lenta ou acelerando uma cena que se repetia até a exaustão.

Na tentativa de investir no jogo em função de procedimentos médicos, sentimos falta de objetos que possam ser mais facilmente associados ou distorcidos da realidade, como por exemplo, um serrote de plástico para uma operação em crianças com mais de oito anos e que entendam a brincadeira sem se assustar. Em consequência dessa falta às vezes forçamos uma barra com o que tínhamos e nós mesmos duvidamos da graça de determinados objetos.

Relação com a criança e a doença.

Após onze meses em cartaz no CTIp do Gaffrée, “G. que lindos olhos”, a principal atração, teve alta e pegou suas coisinhas para animar outra freguesia. Apesar da falta que sentimos, as últimas recordações são boas, notando um aprofundamento na relação e amadurecimento na comunicação, evoluindo de músicas cantadas para exploração de sons como beijos e assobios, e ainda objetos coloridos como o passarinho Piu e bolas com sininhos. Podendo também brincar de esconde-esconde com objetos. Percebemos também, e assim amadurecemos nós, que ele preferia uma coisa de cada vez, um palhaço de cada vez, uma bolinha de cada vez para que pudesse dedicar toda sua atenção. Suas reações melhoraram muito e nos últimos dias sorria e às vezes gargalhava com as dinâmicas. Foi bom poder vê-lo reagir com um bebê, independentemente de seu estado de saúde, se envolvendo e descobrindo o mundo à sua volta.

Com o aprendizado obtido com G., estamos agora aprimorando a comunicação com I. que, após alguns meses na Enfermaria, desceu com mala, mãe e cuia para o CTIp, por causa de uma

infecção hospitalar. Ela tem 1 ano e 10 meses, mas por ser HIV positivo e ter uma lesão cerebral sua aparência e reações são de um bebê de pouco mais de 9 meses. Sua mãe está sempre presente e estamos aprimorando nossa relação com ambas. I. também tem dificuldade de focar, então estamos explorando a animação de um objeto de cada vez e cantamos músicas com sua mãe participando ativamente. Deixamos uma florzinha e ela (a mãe) tem se empenhado em cuidar. Na última visita, seguindo orientação de nossa psicóloga Cristina Soares, deixamos uma bola de encher (cheia claro) com nossa assinatura, ao lado de várias outras assinadas por parentes e amigos.

Temos ficado mais atentos quanto aos acompanhantes percebendo e investigando como torná-los parceiros e como apoiá-los no enfrentamento das situações.

Por vezes nos Ambulatórios e na Enfermaria descobrimos a possibilidade de inversão da situação habitual: nos colocamos em situação de pacientes solicitando ajuda do outro palhaço e por vezes das próprias crianças na resolução de nossos problemas. Por vezes deitamos em macas vazias possibilitando que a criança assista a uma intervenção médica realizada pelo outro palhaço e agora estamos a ponto de tornar as crianças agentes de procedimentos de cura, deixando que elas tomem decisões do que fazer em determinado caso de “risite aguda” ou miolo mole na cabeça do paciente-palhaço.

Acreditamos, (nós palhaços apoiados teórica e psicologicamente pela Cristina) que desta maneira elas possam expor suas fantasias sobre um procedimento médico ou representar como estão sendo tratadas no hospital, possibilitando assim,

através da brincadeira, a representação e superação/transformação da realidade vivida. Ideia que está presente no livro “Quando brincar é dizer” de Eliza Santa Rosa.

Algumas características de jogo têm se repetido por serem eficazes nas Salas de Atendimento Ambulatorial. Geralmente as entradas que já estabelecem alguma cumplicidade com a criança são mais bem-sucedidas. Às vezes perguntamos à criança se podemos entrar para pegar um chapéu ou um lenço caído e a partir daí desenvolvemos este ou outro jogo.

O Clown e o ambiente hospitalar; médicos, enfermeiros, outros

Temos que estar sempre atentos para não deixar que nossa presença seja absorvida pelo ambiente, observando nossa energia de jogo e nossos corpos em relação ao espaço, para que possamos efetivamente estar possibilitando um novo olhar para as situações rotineiras. Esse cuidado deve ser redobrado na Enfermaria, pois, sendo o último lugar de ação, já estamos um pouco cansados e é onde encontramos crianças grandes e bebês, mães e pais, enfermeiras, residentes, médicos, ou seja, pessoas com quem estabelecemos diferentes qualidades de relação. Percebemos por vezes no decorrer da intervenção que estávamos com um comportamento físico e energético bastante cotidiano comprometendo a qualidade das relações; é como se estivéssemos descansando enquanto estamos atuando, sendo difícil resgatar o vigor próprio do jogo. Como se ficássemos no meio do caminho entre a ideia e a execução desta.

Apesar disto... Vale ressaltar um dia particularmente animado em que festejamos não só nossa parceria com os imprevisíveis residentes, como também o aniversário de um menino internado. Foi assim: entramos na Sala dos Médicos, onde as residentes conversavam, entramos na conversa e uma delas cochichou com Shei-lá que era aniversário do R., um menino de uns 9 anos que estava há duas semanas na Enfermaria. Vladimir as convidou e elas toparam. Saímos todos juntos em cortejo e envolvemos a cadeira em que ele estava sentado assistindo TV. Cantamos junto com os outros pacientes o tradicional “Parabéns” quebrando totalmente a lei de silêncio do hospital.

Shei-lá aproveita o ensejo para declarar que ainda se sente bastante sem graça com alguns residentes e médicos que por vezes dizem ou fazem gestos tipo “agora não, tá?”... Ah! Dá vontade de sumir ou de gritar... Mas como o local não é apropriado fico na minha e procuro cada dia lidar com essa questão. Ainda preciso amadurecer para lidar com adultos.

Questões individuais

Com a palavra Shei-lá:

“Queria falar de um dia em que particularmente as coisas não estavam boas pro meu lado. Eu estava pensando na morte da bezerra e nem um bezerrão como Vladimir conseguiu me tirar da inércia. Senti que não estava conectada com o que estava fazendo e não consegui reverter a situação. Apesar de extremamente incomodada era como se tivesse me dado um branco. Acho que sentimentos e fatos particulares estavam tomando meu pensamento e como consequência

paralisaram minha ação. Vladimir segurou a onda e conseguiu por alguns momentos salvar o dia. Foi estranho e me senti exposta. Mas tentei entender o que se passou e acho que detectei um problema que estou tentando superar que é: como se colocar disponível para o trabalho quando a gente não está legal? Tenho tentado construir os jogos com Vladimir sempre baseados em princípio concretos e tentado entender por que e como as coisas funcionam e então tentar repetir os meios, sem ter que depender tanto da intuição e inspiração. Por mais que soubesse disso antes, essa necessidade só se mostrou essencial quando passei por esse dia. Gostaria também de registrar algumas questões até o momento indissolúveis: é possível realmente nos tornarmos palhaços? Ou isso é alguma coisa que se é ou não é? Algum dia será que vou me achar realmente engraçada? Foi bom o exercício de intervir com outros. Senti falta do Vladimir, de seu jeito, de suas manias e tendências, mas por isso mesmo fui obrigada a me virar e a estar aberta para outros parceiros. Por momentos fiquei mais ativa e buscando uma urgência que predomina no jogo com Vladimir. Outras senti que não escutava meu novo parceiro por esperar reações de tempos que são característicos do jogo com minha dupla. PS: Quero continuar com ele!!! Meta para próximas intervenções: me arriscar mais.”

“Na primeira intervenção com Alê foi interessante perceber outras formas de assimilar as aulas de formação. Exploramos a relação com o espaço de maneira extra cotidiana ou simplesmente estranha, o que funcionou muito. A possibilidade de subir e descer de uma cadeira (por exemplo) explorando as diversas formas de fazê-lo

já cria mais uma possibilidade de ver e se relacionar com aquele objeto cotidiano, o que para nós interessa muito. A partir desse princípio conseguimos criar situações bem interessantes que nos colocaram em circunstâncias inimagináveis.”

[1] BERGSON, Henri. O Riso: Ensaio Sobre a Significação da Comicidade. São Paulo: Martins Fontes, 2004

Palhaça Pororoca

Layla Ruiz

Março de 2002

Hospital Universitário Gaffrée & Guinle

Clown consigo mesmo

A volta ao trabalho depois de tanto tempo, revelou dificuldades e pontos que não estavam bem resolvidos. Fazia um tempo que não trabalhávamos e percebi claramente no dia da minha primeira intervenção, como eu havia me apoiado em uma forma que, a princípio me sugeria certa segurança, mas que já não me sustenta mais, e que, pelo contrário, me desestimula a jogar e a criar.

Senti certo desânimo em relação à qualidade de meu trabalho, estabeleci relações de maneira artificial, sem vivacidade. Tive muita dificuldade em permanecer ou estabelecer um estado, várias vezes me peguei no meio da intervenção completamente alheia às situações ou sem saber o que fazer. Não consegui manter uma energia que me colocasse de verdade no jogo, no momento presente. Aqui/agora.

Quando voltamos, tive a certeza de que este não é um trabalho que se faça de uma

maneira burocrática, cumprindo uma função terças e quintas de manhã, usando recursos mais ou menos conhecidos e que possuem uma certa garantia de sucesso. Não que eu achasse isso antes, mas percebi que era o que estava acontecendo comigo.

Só que como se trata de um trabalho que tem como um dos princípios as relações humanas, não existe chance de acontecer a intervenção, o jogo e principalmente o contato se não houver uma real disponibilidade para estar presente, aberta aos estímulos. Temos que estar ali de verdade, não dá para fingir estar presente. Pensando nesses pontos, resolvi, no meu segundo dia de intervenção, mudar um elemento do meu figurino, trazer um novo estímulo que me colocasse de encontro com o inesperado. Deixei de lado o tênis e usei um salto verde, coisa que não tenho o hábito de usar no meu dia a dia. Não pelo fato de ser verde, mas porque é salto.

Além disso, o Alexandre me deu uns óculos enormes e sem armação, que também incluí na composição do meu figurino. Imediatamente, ainda dentro do micro banheiro, senti diferença: o salto me sugeria uma certa instabilidade e junto com os óculos, um certo ar de mulher madura, meio professora. Senti que a Pororoca tinha crescido.

Foi muito interessante, porque quem trabalha no hospital e já nos conhece, reparou nas mudanças. Surgiram vários comentários e, a partir disso, vários jogos. Eu me apropriei imediatamente de uma nova postura em relação às pessoas.

No meio da intervenção, me peguei sentindo um prazer enorme de estar ali, de ser palhaço, ou estar palhaço, de participar desse

projeto e de jogar. Como se eu tivesse sido resgatada de uma forma cristalizada e entrasse novamente em um processo criativo. Eu estava presente de verdade.

Claro que pode sugerir certa angústia, porque nunca se tem a garantia de que vai dar certo, ou que se aprendeu a fazer bem e pronto, fim das preocupações. Pode também servir como estímulo para evitar a estagnação, sempre estar tentando e arriscando coisas novas, a fim de manter o trabalho vivo e em constante mudança.

Relação com a criança e a doença

Neste relatório, acho que o aspecto mais importante para se falar está incluído no item um, até porque fizemos poucas intervenções para falar mais sobre esse assunto.

Mas não podia deixar de falar do G., que recebeu alta. O caso dele é bem específico porque desde o I., ele foi o paciente que tivemos mais contato e mais vínculo afetivo.

Nosso trabalho com ele teve uma evolução bem clara. Primeiramente havia certo receio. Além de ser pequeno, ele tinha uma aparência que impressionava muito, e estava sempre enfaixado. Acredito que esses fatores, pelo menos para mim, geraram desconforto e piedade. Ele era muito frágil e sempre havia uma enfermeira dando banho e trocando os curativos.

Mas, com o tempo, e como ele, apesar do seu sofrimento, é uma criança muito expressiva (e para nossa sorte possui lindos olhos), logo ganhou a música tema e foi se construindo uma relação de muito carinho.

Acredito que a nossa relação com o G., tenha também influenciado a relação com as enfermeiras do CTIp e principalmente com o A.,

que era uma pessoa com grande resistência ao nosso trabalho. Ganhamos a confiança e estabelecemos uma parceria que só tinha a beneficiar o G..

Nos últimos dias, a mãe dele estava presente e agradeceu nosso trabalho, acreditando de verdade no valor dele. Ela sabia que nosso encontro com seu filho era periódico e que havia uma relação de respeito, de tratá-lo como um bebê, e não com a piedade que eu disse sentir no início.

O Clown e o ambiente hospitalar; médicos, enfermeiros, outros

Já falei em vários relatórios sobre as principais diferenças na qualidade do jogo nas áreas do hospital. Mas para essas diferenças acontecerem, o fator espaço físico é muito determinante.

Desde o dia em que assistimos a fita da intervenção coletiva no final do ano, e que a Andrea Jabor propôs a apropriação da arquitetura local de maneira corporal, ou seja, não verbal, para favorecer a desconstrução da lógica, venho percebendo como essa fonte pode ser rica para a criação de jogos.

Aproveitar o espaço, e não apenas ocupá-lo, fazer dele um elemento e um participante do jogo. Tive pouca chance de aproveitar as possibilidades, mas assim como mudei alguns objetos do meu figurino, quero pensar nessa proposta como um novo desafio, um novo problema que levo para o jogo. Como me utilizar dos espaços? O que eles sugerem?

Sobre a questão das relações com as pessoas (profissionais de saúde, funcionários e pais), não senti ou não deu tempo de perceber se

houve mudanças. Os que aceitam o projeto continuam abertos e os que são indiferentes ou rejeitam, continuam com a mesma postura.

Acredito que hoje a maior abertura aconteça no CTIp e a maior rejeição seja na Sala dos Médicos. Lá ainda é o lugar mais inconstante em termos de receptividade, depende de quem se encontra e o que estão fazendo. Mas também acredito que falte um pouco de segurança de nossa parte, de entrar sabendo que ali também faremos uma intervenção, não é só para contar piadas ou ser palhacinhos.

Jogos e Princípios

Aconteceram alguns jogos que funcionaram, outros que não, como sempre. Alguns se esvaziaram, outros deram origem a novas propostas. Com certeza, devido a tudo que eu já mencionei, minha segunda intervenção teve muito mais fluidez. Quando o dia de trabalho está difícil, fica tudo fragmentado, cheio de início, meio e fim. Toda hora tem que partir do zero, recomeçar. Isso vai desgastando e dando um desespero.

Quando o trabalho flui, existe uma continuidade de propostas, uma nasce da outra, não existe tanto desgaste racional. É como uma dança, que um passo leva a outro, sem o esforço de pensar o que fazer após cada passo.

Palhaça Barbuleta Barbuleleta Xuleta

Gyuliana Duarte

Novembro e dezembro de 2002

Hospital Universitário Gaffrée & Guinle

Ser *clown* é aceitar sua verdade

Clown: linguagem, construção da lógica; espaço, objeto, o outro, música

Mesmo com muita dificuldade, a vontade de aprofundar-me no mundo clownesco foi maior. Aceitar certos desafios e conseguir entender o seu processo desde o começo é a chave que vai sendo moldada com o tempo. Aprender a se conhecer melhor – uma ponte que a arte do palhaço constrói com o seu interior como um espelho, onde você se vê dos dois lados sem saber dizer qual é a imagem. Criar o seu mundo clownesco, com suas verdades, com sua lógica única e exclusiva. Deixar aflorar os seus absurdos sem limitá-los, ter a essência e inocência de uma criança no ar que respira. Aprender a ver o espaço com o olhar inesperado dos palhaços. Ter em mãos objetos que se transformam, mostrando que no mundo do palhaço nunca nada vai faltar. Deixar o seu corpo dançar com sua música individual, abrindo espaço para novos ritmos e sons surgirem, incrementando a sua melodia. Encontrar companheiros palhaços que embarcam com você, e com eles poder ensinar e aprender mais sobre esta arte.

Enfim, foi prazeroso fazer parte do Programa Enfermaria do Riso e poder ter trabalhado com todos os enfermeiros palhaços, curtindo todos os momentos inesquecíveis, desde os falhos até aqueles que nos proporcionaram um grande retorno positivo.

Nas últimas intervenções, minha companheira tanto na vida real quanto na de

enfermeira palhaça, foi a Layla (Pororoca). A afinidade que criamos, com a nossa amizade de anos, nos alimenta no trabalho. Nossa escuta já é orgânica e imediata, facilitando o nosso desempenho no jogo, onde as relações são bem estabelecidas.

Talvez, devido ao longo caminho já percorrido com este trabalho, aprendendo com os erros e acertos, o nosso desempenho tem sido lapidado. Mas muito nos falta ainda, e a resposta disso tudo vimos nas últimas intervenções. A sensação é de que estamos finalizando onde deveria ser o começo.

Relação com a criança e a doença

Várias foram as crianças com as quais dividimos momentos preciosos, mas algumas delas nos deixaram, e também deixamos - onde quer que elas estejam - marcas profundas e inesquecíveis.

Saber dosar precisamente até que ponto o nosso trabalho ajudou na recuperação de uma criança para nós é difícil e impossível. Mas sabemos que, no momento em que estivemos presentes com elas, algo mudava para melhor. Mesmo com as relações mais estranhas e inesperadas, que chegavam até a um choro, a criança reagia com a nossa presença, que minutos depois arrancava sorrisos.

Nas últimas intervenções, um momento marcante foi o reencontro com o ex-paciente R. no corredor do hospital. A surpresa foi enorme quando ele começou a conversar com a gente e reagir fisicamente, com ações a tudo que fazíamos. Quando ele estava internado, ele não estava falando há um bom tempo e mal reagia aos nossos estímulos.

O clown e o ambiente hospitalar, médicos, enfermeiros, outros

A aceitação do nosso trabalho por algumas pessoas da equipe hospitalar foi sendo estabelecida com o tempo, através do entendimento dos nossos princípios. Ainda hoje esbarramos com pessoas da equipe que nos acompanham há um tempo, infantilizando o nosso trabalho: "Olha! Os palhacinhos vieram brincar com as criancinhas!".

E é nestas horas que entramos com o jogo real, mostrando que somos enfermeiros palhaços e que não estamos ali para brincar, e sim para trabalhar, como eles. Em geral, criamos muitos amigos dentro do hospital: médicos, enfermeiros, residentes, faxineiros, telefonistas, etc. O sorriso com a nossa chegada é imediato e espontâneo, todos entram no jogo sem restrições.

Palhaço Teréu

Alexandre Barros

Março e abril de 2002

Hospital Universitário Gaffrée & Guinle

Clown: linguagem, construção da lógica; espaço, objeto, o outro, música

Na primeira atuação da dupla, Teréu já tinha iniciado o trabalho anteriormente (três outras intervenções com a palhaça Shei-lá, palhaça Pororoca e palhaça Aspirina), e a enfermeira palhaça Barbuleta estava voltando ao trabalho depois das férias. Percebemos no trabalho de cada um a diferença entre estar e não estar exercitando a lógica do *clown*. Quando ficamos um tempo sem estar trabalhando no hospital, na volta temos a tendência a repetir os jogos que funcionaram no

passado, tendo esses jogos como uma bengala, um ponto de apoio. Esse passado que funcionou é uma armadilha que nos distancia da possibilidade de jogar no presente e escutar novas propostas. Intervindo na espera do Ambulatório notamos uma dificuldade em mantermos no trabalho um foco que abrangesse toda a área externa. Individualizamos muito os nossos jogos, trabalhando em blocos. Percebemos que no jogo estabelecido verbalmente a tendência é fechar o foco, excluindo a dupla. A finalização dos jogos ficou indefinida e não esgotamos as propostas que surgiram. No CTIp e na Enfermaria, sentimos que o trabalho musical se cristalizou. Sempre as mesmas músicas e a falta de um instrumento melódico.

No segundo dia de intervenção, fizemos uma aposta: quem falasse primeiro pagaria uma prenda! A proposta do jogo não verbal estimulou nossa escuta, possibilitando uma comunicação mais delicada e mais definida entre a dupla. Aconteceu o inesperado: depois do trabalho não verbal, não conseguimos falar mais nada! Fizemos um caminho que nos surpreendeu: do trabalho não verbal para o gromelô e depois para palavra. O gromelô foi a ponte entre essas duas etapas.

Em toda a intervenção percebemos como a verbalização esvazia nossas propostas, exclui a dupla e não nos permite definir com clareza a relação Augusto e Branco.

Relação com a criança e a doença

A criança com a qual tivemos mais contato nessas duas intervenções foi a I.. Ela era a única criança que sabíamos, de fato, a patologia (soropositiva com lesão cerebral). Quando a gente chegava, I. estava sempre no colo da mãe. Por ter

um corpo frágil, ela não tem condições de se locomover, o que não é comum na sua idade cronológica (por volta de 1 ano e meio). Suas reações ao nosso trabalho eram mais focadas no seu olhar, que ficava atento aos nossos movimentos e à nossa voz. A música é a melhor forma de se comunicar com I., que já tinha até uma música tema, “Que lindos olhos tem você” (Villa Lobos). Fizemos um show acompanhado pela sua mãe. Atualmente temos sentido necessidade de saber qual a patologia da criança, acreditando que isto torna nosso trabalho mais personalizado.

Clown e o ambiente hospitalar

A dupla sente muita dificuldade de intervir na Sala dos Médicos por ser um espaço delicado onde os médicos discutem as doenças, e onde a gravidade do ambiente não os deixa receptivos à situações inesperadas como as intervenções dos palhaços. Barbuleta abriu um pouquinho a porta e jogou bolhas de sabão, tentando comunicar a chegada dos palhaços de uma forma mais suave. Ao abrir toda a porta demos de cara com os médicos que não reagiram muito à nossa chegada triunfal. Com isto, não conseguimos realizar nenhum jogo e a solução foi a saída mais próxima.

Decidimos entrar de supetão no segundo dia, com mais vigor, chamando atenção para a entrada. Os médicos reagiram à nossa entrada, mas logo se voltaram para o médico chefe que já estava falando e não parou de falar. A solução palhaça foi sentar e também ouvi-lo. Ficamos desconcertados ao interromper a palestra do chefe, mas ao nos sentarmos para ouvir, despertamos, pouco a pouco, a atenção dos médicos.

Jogos e princípios

- Passarela palhaça – palhaços desfilam imitando as pessoas que passam no corredor.
- Cai não cai – Teréu deixa cair objeto no chão, criança vai pegar e Barbuleta deixa cair outro objeto e assim sucessivamente, enchendo a mão da criança de objetos.
- Troca-troca – Teréu pede a alguém que segure um objeto por um instante, depois pede que segure também outra coisa. Barbuleta pede a esse mesmo alguém que segure outros objetos até confundir os objetos e a pessoa. Obs.: Jogo repetido em ambientes distintos do hospital, e no ambulatório uma médica incluiu objetos dela no jogo.
- Chorarô – na espera do ambulatório, palhaços despertam atenção das pessoas ao fazerem diferentes sons que criam a sonoridade de um choro.
- A poça – a partir de uma pequena poça d'água, palhaços começam a nadar, transformando a espera do ambulatório numa grande piscina.
- "Embololô" na tripa – palhaços medem partes do corpo de uma paciente usando uma tripa de balões. A ação não é concluída porque os palhaços se embolam na tripa.
- Corda bamba azul – transformação da linha de azulejo azul do corredor em corda bamba.

Questões individuais

No dia 5 de março, fazendo dupla com a Julia (Shei-lá), minha primeira intervenção no ano teve um grande momento de jogo numa cadeira, na espera do ambulatório. Esse momento me fez ficar pensando na relação Augusto e Branco e quais meios podemos usar para estabelecer e definir

essa relação. Em outra intervenção, também com a Julia, ela me propôs que criássemos problemas um para o outro durante a intervenção, e a partir disso, a relação Augusto e Branco ficou estabelecida com mais clareza. Perigo: três meninos de sete, oito anos nos seguiam e um deles propôs um jogo de hipnose e paralisação (ele nos encostava e nos permitia andar ou ficar parados). Resultado: ficamos na mão dele, que, por sua vez, não queria parar o jogo. O jogo ficou com ele, e agora?

Palhaça Aspirina

Flavia Pepe

Maio de 2002

Hospital Universitário Gaffrée & Guinle

Clown: linguagem, construção da lógica, espaço, objeto, o outro e a música

Durante este período de intervenção tive muita dificuldade com relação à urgência e ao estado no jogo. Acredito que isso possa ter atrapalhado na relação com minha parceira.

Pensando na intervenção do dia anterior, percebi que a Aspirina tem mais apoiado a palhaça Pororoca do que proposto novas situações. Acredito que eu tenho tido dificuldade em propor, por estar tentando buscar jogos não verbais e isso tem sido muito difícil – a Aspirina acabou ficando muito presa à palavra. Tenho tentado trabalhar o gromelô completamente desvinculado da lógica verbal. Mas vou confessar: está difícil! Outra dificuldade da nossa dupla era a relação Augusto e Branco. Mas na intervenção seguinte, na Jornada de Medicina, conseguimos, Aspirina e Pororoca, reencontrar o estado de Augusto (Aspirina) e Branco (Pororoca).

E aí pensamos depois da intervenção: o que aconteceu? O que nos fez encontrar o estado do *clown* e a relação verdadeira entre eles? Foi a urgência que estava presente? A energia? A prontidão para o jogo? A relação com o espaço novo e um público diferente? Ainda não sei a resposta. Talvez tenha sido tudo.

Relação com a criança e a doença

Nesse ponto é muito importante falar sobre o R.. Ele tem uma deficiência no pé esquerdo, além de um problema auditivo, e sempre nos surpreende na forma com que ele lida com aquilo que, a princípio, o faria diferente.

A Aspirina às vezes faz uma mágica. A mágica dos pezinhos. Ela pega um lençol, esconde os dois pés e pede para que as crianças falem uma palavra mágica. Então a Aspirina suspende um pé e um pedaço do lençol, aparecendo apenas o outro pé.

Depois o R. pegou o lençol e fez a mesma mágica, que colocava em foco sua deficiência. Ele ficou num pé só, o pé que não é igual ao meu, mas R. mostrou que funciona da mesma forma.

O clown e o ambiente hospitalar

No CTIp tem um professor que ignora a nossa presença. Ele ouviu a Aspirina e a Barbuleta cantando para um bebê e comentou que nós éramos melhores cantoras que palhaças, então nós resolvemos cantar uma música para ele, “Carinhoso” do Pixinguinha. Nós cantamos até a parte que diz: “mas mesmo assim foges de mim...”, depois Aspirina recitou para ele a parte que diz “Ah se tu soubesses como eu sou tão carinhoso e o muito muito que te quero/E como é sincero o meu

amor/Eu sei que tu não fugirias mais de mim.”. E nos viramos para cantar para outro bebê sem olhar para trás.

No CTIp

Aspirina e Pororoca tinham feito uma aula da Andréa Jabor no dia anterior à intervenção. No dia da nossa atuação, nós desenvolvemos vários jogos usando exercícios da Andréa. Um deles foi no CTIp, Aspirina e Pororoca foram engatinhando até a porta do CTIp, mas de gatinho elas não alcançaram a maçaneta para abrir a porta, então Aspirina subiu nas costas da Pororoca, de gatinha, e abriu a porta.

Na Enfermaria

Um jogo com música: nós começamos a cantar uma música para um menino que não se virou para nos olhar. O pai ficou chamando por ele para que se virasse para nós. Então combinamos que seria uma banda, a Barbuleta cantava a música, o pai chamava o M., como se fizesse parte da música, e a Aspirina regia.

Palhaça Dona Roxa

Simone Beghini
Novembro de 2017

Enfermaria do Riso, Enfermaria do Eu

As experiências que vou revisitar a partir de agora aconteceram bem no início deste século. Eu era dezoito anos mais jovem do que sou agora. Portanto, conto com o mapa (nem sempre preciso, mas precioso) da memória. Um mutirão entre olhar, cabeça e coração (o coração também

lembra), estimulados pelas fotos e anotações realizadas na época.

Logo após finalizar o primeiro período do Bacharelado em Artes Cênicas na UNIRIO, em 2000, vejo no mural do Departamento de Interpretação Teatral a chamada para um Curso de Extensão – O *Clown* de Si Mesmo – que inaugurou um programa interdisciplinar (Teatro-Medicina) de criação/ formação de palhaços para intervenções em ambientes hospitalares. Eram os primórdios do Enfermaria do Riso. Eram os primórdios de Dona Roxa. A palhaça cantora decadente de ópera, (segundo ela conta) descendente dos lendários Vikings. Bipolar. Roxa de riso. Roxa de raiva.

Tudo foi se consolidando. Do Curso de Extensão (que gestou e deu à luz Dona Roxa), passamos a uma espécie de estágio preparatório (um ciclo intenso de leituras, discussões, improvisações, jogos cômicos, dinâmicas psicofísicas, etc.) com os Professores Doutores idealizadores do projeto: Ana Achcar e Luciano Maia. Paralelamente, acompanhamos e debatemos o trabalho dos Doutores da Alegria pelas alas infantis do Hospital Universitário da UFRJ. E, assim, depois de muito treino, de muitos experimentos, chegou a hora tão esperada: as visitas regulares ao Hospital Universitário Gaffrée & Guinle (HUGG), nosso território-alvo.

As visitas, naquele período, aconteciam às terças e quintas-feiras, na parte da manhã. Eram conduzidas por uma dupla de palhaços, Enfermeiros do Riso. Havia um rodízio, os pares não se fixavam por muito tempo. A ideia era experimentar a interação entre todos os enfermeiros palhaços, a fim de explorar e detalhar cada vez mais as personalidades de cada um, de

aprimorar as técnicas, investigando as implicações da relação branco e agosto.

As intervenções começavam sempre no Ambulatório, que era composto por uma parte a céu aberto (um pátio onde se esperava) e uma parte interna (um conjunto de salas suspensas onde se atendia). Para este setor, iam pessoas de todos os tipos e idades, casos geralmente mais brandos (gripe, viroses, fraturas simples, cortes, dores incômodas). Depois atravessávamos dois largos corredores. Ao percorrer o primeiro, passávamos pela Ala Psiquiátrica e por uma seção onde pacientes eram submetidos a procedimentos relativamente simples, como nebulização, aplicação de soro, etc. No final do segundo Corredor, uma escada em forma de U nos conduzia ao ponto nevrálgico das nossas intervenções: a ala da Enfermaria Infantil (na qual também havia um Centro de Terapia Intensiva Neonatal).

Nos travestíamos numa saleta (alguns médicos se trocavam nela também) próxima ao Ambulatório. Eu me lembro que na época sempre pensava que éramos como Clark Kent, entrando e saindo da cabine telefônica nas histórias do *Superman*: entrávamos naquele vestiário como Simone, Layla, Julia, Flavia, Flávio, e saíamos de lá como Dona Roxa, Pororoca, Raqueta, Aspirina, Vladimir. Mas esses enfermeiros palhaços, embora aguerridos, não eram os verdadeiros heróis. Se havia heróis e heroínas ali, eram aquelas crianças que conhecemos. E que nos fizeram nos conhecer também.

Tinha a A., um bebê com uma grave hidrocefalia. Apesar de sua situação delicada e de suas reações à nossa presença serem pequenas, devido a sua fragilidade, não me esquecerei jamais

daquele sorrisinho suave que surgia quando cantávamos em seu leito o conhecido refrão dos *Los Hermanos*: “Ô, Anna Juliaaaa...!”. Não me esqueço também da sua mãe (o seu nome agora me foge). Moça jovem. Solteira. A exaustão que a contínua preocupação traz estampada no rosto. Sempre ali, ao lado da filhinha. Não se opunha de forma alguma que interagíssemos com a A., mas era reservada e não se permitia participar do jogo. Havia nela alguma resistência, sutil, mas havia.

No entanto, numa manhã, no final de uma das intervenções, quando estávamos de saída da Enfermaria, enchemos um balão que – dentro do jogo – nos serviria como meio de transporte. Só que estávamos sem combustível e era preciso que todos ali assoprassem para colocar o balão em movimento. As crianças, imediatamente, entraram no jogo. Quando descíamos os últimos degraus, olhei para cima, e ao ver a mãe da A. pendurada na mureta da escada, assoprando com toda força, acreditando na magia, pela primeira vez em meses, me senti profundamente recompensada e compreendi melhor a dimensão do que fazíamos. Ela não apenas se permitiu, como permitiu aos palhaços e ao jogo existirem, ganharem corpo, transformando a realidade hospitalar (e talvez a realidade interior dela mesma). Por alguns instantes (sublimes), essa realidade se tornou um espaço-tempo menos duro, cruel.

Muitas vezes eram os acompanhantes, pais, mães, avós, tios (e até os profissionais de saúde, médicos e enfermeiros) que necessitavam de um gesto, de uma palavra, de algum estímulo lúdico, de um toque ou de um banho de poesia. A resistência, nesses casos, era enorme e teve de ser pouco a pouco contornada/abolida/amenizada,

sempre através do jogo, do ato lúdico no presente. Este, com certeza, era um dos nossos maiores desafios dentro do projeto: envolver/atingir/transformar também a realidade dos doentes por tabela, sensibilizar/mobilizar/humanizar os profissionais de saúde.

É fato que onde encontra maior resistência, a poesia tende a irromper mais potente. Muitas vezes os gatilhos poéticos eram as crianças internadas. A poesia nascida da dor, da doença, da infância roubada. Nascida para superá-las, mesmo que efêmera e simbolicamente.

Assim foi com o menino do carrinho de Polícia. Me refiro dessa forma a ele, pois não sei até hoje seu nome. Eu fazia intervenção com a palhaça Aspirina neste dia. Ele não estava internado, o encontramos casualmente. Topamos com este menino num dos corredores, em frente à Ala da Psiquiatria, esperando por uma consulta. Era notório um leve distúrbio psicológico/neurológico nele (devido aos seus trejeitos). Ele devia ter uns 5, 6 anos. O garoto reagiu a nossa presença imediatamente, escondendo-se atrás do pai, arisco. Tentamos alguns meios de aproximação, mas o menino ficava cada vez mais agitado.

Quando íamos desistindo do jogo, o telefone de Aspirina começou a tocar (era um celular de brinquedo, a palhaça fazia o som do toque com a boca), mas ela não o encontrava para atender. A reação do garotinho foi imediata: ele ouviu o estímulo sonoro, saiu detrás do pai, pegou seu carrinho de polícia de brinquedo, levou-o à orelha, dizendo: “Alô, aqui é da Polícia!”. Aspirina achou o celular. Sacando o aparelho, disse: “É da Polícia!? Graças a Deus...!”. Minha palhaça tomou o

celular da mão da outra e entrou na conversa: “Polícia?! Precisamos de ajuda! Tem duas palhaças fingindo que são enfermeiras aqui no hospital!” Aspirina, recuperando o celular: “É verdade! Venha logo aqui prendê-las!”. E a conversa durou... E o menino finalmente esboçou um sorriso. Dona Roxa e Aspirina tomaram e retomaram o celular uma da outra diversas vezes, até que o jogo se finalizou com a Polícia (o menino fazia o som da sirene com a boca, como fez Aspirina) chegando e as palhaças fugindo em direção à Enfermaria Infantil.

Este foi um encontro único. Nunca mais vimos esta criança por lá. Espero que tenha conseguido algum tipo de melhora, ou de cura. Ele me ensinou que a poesia (a imaginação) e o humor são ferramentas poderosas para acessar o outro. São meios determinantes para o processo de empatia.

Na Enfermaria tinha também o menino I.. Com 10 anos. Magricela. Olhos grandes, vivos, atentos, pretos como jabuticaba. Cabelinho ralo. Nasceu marcado, soropositivo. Já havia perdido os pais para a mesma doença. Estava internado. Passou quase a vida toda em hospitais. A avó não o largava (sua luta diária era fazer com que o neto comesse). I. não tinha muito apetite. Além disso, sofria restrições alimentares sérias. Apesar da saúde debilitada, era um menino inteligente, esperto, maroto. E, por mais incrível que pareça, às vezes sentia-se feliz. Um parceiro de jogo raro, rápido e criativo. I. ampliou a minha capacidade de viver o presente (arma tão preciosa ao palhaço).

Jogar para I., jogar com I., era sempre uma aventura imprevisível. Se perdêssemos o contato com o imediato, o menino nos pegava de calças curtas. Com ele aprendi a ser mais ágil no jogo.

Uma vez, tentando ajudar a avó na tarefa de convencê-lo a comer um prato de banana amassada, duas colegas palhaças do projeto viveram um momento especial. Soltando bolhas de sabão pelo ar, uma delas perguntava o que ele mais gostava de comer. Ele dizia: “pizza de calabresa!” Outra palhaça da dupla bradava: “Saindo uma pizza de calabresa!” E estourava uma das bolhas, fazendo o gesto de misturá-la à comida; então a avó dava uma colherada cheia ao garoto. I.: “bolo de chocolate!”. “Saindo um bolo de chocolate especial!”, e mais uma bolha era estourada e adicionada ao prato... Assim, por meio do jogo, pergunta a pergunta, resposta a resposta, colherada a colherada, o menino comeu tudo, para júbilo da avó.

Com o menino I., vivi algumas das experiências mais fortes dentro do projeto e, arrisco a dizer, da vida. Ele acabou falecendo meses depois que começamos as intervenções. Soube da notícia em plena ação como Dona Roxa, através de uma enfermeira, quando me deparei com o seu leito vazio. Neste dia, perdi o estado do palhaço, e não consegui mais recuperá-lo durante toda aquela manhã. Acho que um pedaço da Roxa foi com ele. Acho que um pedaço do I. ficou com ela.

Com o palhaço, a humanidade e a teatralidade são colocadas em xeque, em estado de suspensão. O tempo todo. O humano e o teatral sempre estão em jogo, numa fusão irremediável. O nariz, minúscula máscara, é a máscara que dissolve outras máscaras, expondo o melhor e o pior de nós. O palhaço não é um super-herói (na verdade, ele é mais um anti-herói), mas é uma superlógica, um superestado, uma super teatralidade, uma superpotência, uma super presença e uma super

realidade. Tende a ressurgir com força nos locais onde a crise se instala (o ambiente hospitalar é um exemplo disso). O Palhaço segue forte, some, ressurgir. Por isso, sempre existiu. Existe. E reexistirá.

Revisitar esses episódios foi como revisitar fragmentos e potências que, descuidada, fui deixando cair pelo caminho. Escrever sobre eles foi um golpe de resgate e de restauração. O Enfermaria do Riso foi crucial na minha formação, e reeducação. É um projeto multidisciplinar, plural, multifacetado. Engloba a saúde, a estética, o humor, a filosofia. Promove o intercâmbio permanente entre o caráter artístico e o caráter humano. Um espaço tempo do devir, entre a realidade e o sonho, entre a doença e a cura, entre a teatralidade e a vida.

Palhaça Matilde

Letícia Medella

Agosto e setembro de 2012

Instituto Fernandes Figueiras e Hospital
Universitário Gaffrée & Guinle

A volta dos que não foram, mas que agora vão e não sabem quando voltam

Atuação com a palhaça Amnésia

Eu estava há um tempo sem atuar no hospital e sobrou para mim a difícil tarefa de avisar para as pessoas de lá que aquele dia de atuação no IFF seria o último antes de um recesso por tempo indeterminado. Para dificultar ainda mais, atuaria pela primeira vez com a Isabel (enfermeira palhaça Amnésia) e esta nunca havia atuado no IFF (muitas primeiras vezes juntas). Nada disso era um empecilho para o trabalho acontecer bem, mas

tenho que confessar que bateu uma insegurança naquela tarde. O mais estranho para mim era avisar que estávamos entrando de férias por tempo indeterminado quando, na verdade, eu estava voltando depois de um tempo sem aparecer por lá, e a Bel indo pela primeira vez. É bem verdade que nós duas, enquanto dupla do Enfermaria do Riso, estávamos apenas dando continuidade ao trabalho de nossos colegas e falávamos em nome do Programa, ainda assim, era estranho.

Passadas todas as estranhezas e receios, a dupla, ainda que frágil, conseguiu ser muito forte. As duas palhaças resolveram enfrentar e fizeram isso juntas. O fato de uma estar muito ligada na outra foi determinante para que encontrássemos momentos justos de relação e prazer com os terceiros, quartos e salas.

Como sempre, os leitos do IFF estavam ocupados em sua maioria por bebês, e foi muito importante o trabalho que fizemos de tentar encontrar o ritmo de cada um deles. Esse exercício de encontrar o ritmo de cada criança foi uma experiência vivida em sala de aula, na oficina do Olivier e da Flávia. No exercício, uma dupla de alunos entrava no que eles chamavam de Dispositivo, no qual eles colocavam outros alunos no papel das crianças, numa determinada disposição, remetendo a um ambiente hospitalar. A dupla deveria encontrar, junta e através do corpo, o ritmo interno de cada um dos alunos que se encontravam no Dispositivo. É um exercício de observação, identificação, apoio e pura relação. Parece abstrato, mas se torna muito concreto através de algo que se pode nomear que é o ritmo. O palhaço, a comicidade e o teatro dependem muito do ritmo, são constituídos de musicalidade.

Apesar de ser algo tão presente no trabalho do palhaço, voltar o foco totalmente para esta questão pode ser muito rico com os bebês, pois eles se expressam bastante através do ritmo de seus corpos e balbuciações.

Um ponto fraco que também foi um ponto forte na atuação: o fato de estarmos com roupas de férias fez com que nos explicássemos o tempo todo. Era uma forma de abordagem: chegávamos avisando da partida. Às vezes era um bom início e, para quem já conhecia os palhaços, era um aviso do recesso. Às vezes era só uma muleta para explicar por que estávamos com roupas de viagem e carregávamos objetos como mala e câmera fotográfica. O tema da partida gera movimento no jogo, mas quando vira só uma explicação, sem as ações que envolvem a partida, ficamos engessados. Afinal de contas, o palhaço precisa se explicar?

Como partir quando a criança está fazendo de tudo para você ficar?

O momento mais difícil e longo da atuação foi com a menina L. de 9 anos. Matilde já conhecia L. e por isso poderia ser difícil, por haver algum apego pessoal. Mas não era isso, pois Amnésia não a conhecia e também foi difícil para ela. L. é muito cativante, gosta de jogar e acho que gosta dos palhaços, pois solicita bastante a presença deles e fez uma carinha bem triste quando soube que os palhaços não voltariam. As palhaças ficaram muito tempo lá e estava difícil engatar um jogo de início meio e fim, pois foram interrompidas por muitas situações e estavam muito falantes (isso dificulta a ação). No mesmo *box* de L., havia uma mãe grávida que estava acompanhando seu outro bebê. Num determinado momento, a dupla tentou descobrir o

que tinha naquele barrigão e depois iniciaram uma busca por descobrir o que havia na barriga de Matilde. L. falou para fazer um parto e as duas palhaças entenderam que deveriam partir. Pegaram suas coisas e saíram, mas foram interrompidas por L. que as chamou de volta e explicou que parto era para fazer sair o que estava na barriga de Matilde, e assim Amnésia tirou uma lagartixa de Matilde. Amnésia e Matilde tentaram engatar esse jogo e por um tempo até conseguiram, porém foram interrompidas. A dupla voltou ao tema da partida e começou a fazer os planos de viagem tentando descobrir onde poderiam passar as férias. Decidido o percurso, pegaram o guarda-chuva de Matilde, que era o meio de locomoção delas, mas antes de sair, Matilde deixou com L. um outro guarda-chuva, que por acaso estava dentro de sua mala, para que ela pudesse encontrar as palhaças na viagem se quisesse. Depois de pegar o guarda-chuva que ganhou de presente, L. ficou brincando com ele e não deu mais atenção para a partida das palhaças que se entreolharam rindo e admiradas com a troca de afeto pelo objeto.

Desligando a mãe

Muitas das máquinas que estão ligadas às crianças apitam quando estamos presentes. É algo bem forte que não se pode ignorar. Nesse dia, a mãe estava com o bebê no colo e a máquina começou a apitar. Por uma coincidência muito feliz, Matilde apertou o braço da mãe fazendo um barulho de botão com um objeto que se esconde em sua mão, e a máquina na mesma hora parou de apitar. A dupla de palhaças e a mãe se surpreenderam com a coincidência. Isso aconteceu

assim algumas vezes. Outras, Matilde esperou a máquina parar e apertou um segundo depois. Em umas duas vezes, Matilde apertou insistentemente o braço da mãe até Amnésia observar que deveria estar com mau contato, pois depois de algumas tentativas a máquina parava novamente. Como estávamos de partida, deixamos a tarefa, de continuar desligando a mãe, para o enfermeiro, muito simpático por sinal, que se encontrava no quarto.

Atuação com o palhaço Zeca Vado

Foi uma atuação ágil e dinâmica. Saí de lá com a sensação de que o trabalho havia ocorrido bem, pois me senti renovada e inspirada ao final. Não que tenha sido perfeita, nem tudo é riso e flor na vida de um palhaço. Estava há um tempo sem ir ao HUGG e por isso demorei um pouco mais com as perguntas aos médicos e enfermeiros sobre as crianças, aproveitando a atenção dedicada que eles estavam dispensando a nós. Também levamos um bom tempo para nos arrumarmos e aquecermos. Não atuávamos juntos há alguns meses. Isso fez com que nos atrasássemos um pouco para começar. Sempre penso na pergunta de Ana: “o que preciso para começar o trabalho?”

Não lembro exatamente por que fomos primeiro no Ambulatório do primeiro andar onde fica a Nutrição. A Nutrição é uma sala pequena que está sempre cheia, onde costumamos fazer muitos trocadilhos e ajudamos os médicos a decidir a dieta dos pacientes. A falta de espaço não nos possibilita muitos jogos corporais, no máximo algumas pequenas mágicas e movimentos curtos e contidos. A recepção na Nutrição costuma ser muito boa e neste dia não foi diferente. Recebemos atenção, a

equipe médica nos deu espaço (como sempre), mas sinto que precisamos explorar esse ambiente de outras formas e melhor. Acabamos por repetir o jeito de abordagem e já não causamos tanto impacto no que diz respeito ao ritmo que imprimimos ali e a utilização dos nossos corpos como ferramenta. Depois de conversarem um pouco conosco e de nos tratarem com certa intimidade, as médicas abrem o tempo para um pequeno jogo. Se não engatamos algo forte e realmente relevante, continuam conversando com as mães enquanto nós fazemos um trabalho com as crianças, e de vez em quando chamamos atenção das mães e das médicas. Não acredito que isso seja errado ou ruim, e nem estou dizendo que é sempre assim, apenas acho que é frequente e que podemos dar atenção a esse aspecto.

Sáímos da Nutrição junto com uma médica que disse que ia pegar uma paciente na espera do Ambulatório. Fomos prontamente ajudá-la e na intenção de seguir a lógica literal, eu fui precipitada ao pegar a paciente pelos braços, invadindo seu espaço físico pressupondo que, por sua resposta corporal, ela teria visto a dupla ao lado da médica e estivesse tranqüila. Talvez ela estivesse à vontade mesmo, mas fui muito afoita na minha percepção e cometi três erros de principiante: pressupor ao invés de observar melhor; aproximar-me demais de alguém que não conheço e não sei que tipo de doença tem; e não fazer uma coisa de cada vez, atropelando etapas. A paciente era uma moça com algum tipo de deficiência mental e tinha reações totalmente imprevisíveis. Como eu invadi o espaço dela e me aproximei demais, ela se sentiu à vontade para puxar meu nariz. Ela era forte e agia de maneira um pouco agressiva e dessa forma

pediu, quase exigindo, um nariz igual ao meu. Por sorte carregou um nariz vermelho extra para fazer transplantes de nariz. Tentando contornar a situação, após agradecer por ela retirar toda a minha meleca ao puxar o meu nariz, entreguei o nariz extra para que ela tivesse onde guardar a meleca (afinal, lugar de meleca é no nariz). Quem disse que ela ficou satisfeita? Apontava para o meu bolso e pedia para eu dar o que tivesse ali. Zeca Vado me apoiou o tempo todo, ainda que com cara de desespero, e me defendeu perplexo enquanto a menina tentava colocar a mão nos meus bolsos. Fiquei com medo como há muito não ficava e comecei a me esquivar, pois ela estava agindo de maneira cada vez mais agressiva. Foi uma cena de gato, rato, mãe gata e cachorro manso. Eu era a rata que fugia, a menina a gata atrás da rata, a mãe dela corria atrás dela e Zeca Vado, o cachorro manso estabanado corria de um lado pro outro tentando confundir as gatas e me amparar. Até que a mãe conseguiu controlar a filha e elas entraram no Ambulatório. Ai, ai, Matilde, nem parecia macaca velha...

Atuação com a palhaça Fúfia

Matilde e Fúfia saíram do Banheiro jogando uma bola invisível. Esse jogo comandou a relação até o CTIp onde foram deixar as chaves. Acredito que foi um bom aquecimento para a dupla.

No Ambulatório, a dupla ajudou duas médicas a examinar um garoto que não conseguia se manter acordado. Ele estava debruçado sobre a mesa com sono e não havia jeito de sentar direito na cadeira. Matilde e Fúfia perguntaram à mãe se ela não saberia dizer qual era o botão de liga e desliga dele, já que ela havia fabricado o menino.

Alegando que ela teria perdido o manual, foram examinar em busca dos botões e descobriram que embaixo dos braços ele ligava (cosquinha) e tocando na cabeça desligava novamente. Aproveitando que a médica estava fazendo anotações, pediram que ela escrevesse um novo manual para que isso nunca mais acontecesse. Deixaram uma bolinha vermelha na testa de todos como um atestado de que havíamos passado por ali.

Num segundo *box*, as palhaças encontraram uma menina de uns 10 anos que usava brinco e pulseira. Estava com sua mãe e umas duas ou três médicas. Perguntaram a ela sobre a festa que estava acontecendo ali dentro. As palhaças falsificaram convites em papéis de recado (*post-it*) para entrar, mas Fúfia muito enrolada tentava disfarçar e escrevia tudo errado delatando que as duas eram penetras. A menina e sua mãe muito risonhas compraram o jogo e foi muito prazeroso estabelecer essa relação através do espaço e dessa menina arrumada e alegre. Ela tinha cara de anfitriã-simpática-da-festinha-do-colégio. Um *box* pequeno, com muitas pessoas dentro e uma menina arrumada. Fizemos a festa.

No CTIp, uma das médicas falou para as palhaças acordarem L., um bebê no quarto de isolamento do CTIp. Fúfia ficou revoltada e falou que não acordaria um bebê dormindo. Matilde disse que, sendo uma ordem médica, acordaria (quando um palhaço diz que vai fazer algo...). Matilde entrou no quarto olhou para o bebê e voltou para fora perguntando se deveria mesmo acordar L., e a médica rindo dizia que sim. Matilde entrou e saiu arranjando sempre uma desculpa

para não acordar, porém afirmando que acordaria. Perguntou se deveria usar pratos (instrumento musical), cantar, sacudir a criança que estava em sono profundo... Até que, contrariada, Fúfia que estava verdadeiramente preocupada com a questão, entrou decidida a impedir Matilde. Para a surpresa de Fúfia, Matilde apenas cantou uma música que aprendeu com a palhaça Kassandra. A música falava sobre acordar, mas não acordava de verdade por ser uma canção doce.

Quanto à última situação, cheguei a pensar que acordar L. poderia até ser algo bom para ela já que a médica verdadeiramente pediu isso. Parece que L. dorme o dia inteiro. Acredito, porém, que isso não deve ser feito assim. Precisa ser algo combinado e de caso pensado. Às vezes não dá para avaliar uma situação como essa, no calor do momento em meio à atuação. A melhor coisa é não ignorar a questão, porém não seguir à risca o pedido e sim, ser coerente com a nossa ética e a nossa função que é artística.

Na Enfermaria Pediátrica surgiu um jogo bem definido com a porta de entrada. Quando uma palhaça entrava, a porta voltava e batia na cara da outra que tentava entrar em seguida e acabava ficando do lado de fora. A palhaça, que ficava do lado de dentro, abria a porta para a outra entrar, empurrando para fora indo junto com a porta; deixava a outra passar educadamente e esquecia-se de entrar junto, ficando assim do lado de fora. Isso se repetiu algumas vezes até que Fúfia ficou do lado de dentro e, toda vez que tentava abrir a porta, batia na cara de Matilde com ela. Isso também se repetiu algumas vezes até que o enfermeiro M. entrou e Matilde entrou atrás, atendendo a ordem de Fúfia. Só que logo depois

M. saiu e Matilde abriu a porta gentilmente para ele e acabou ficando novamente do lado de fora. Ponto forte da atuação: utilização do espaço.

Todas as três atuações fizeram parte de um período no qual o meu foco era o princípio básico do jogo do palhaço: dizer sim. A vantagem de voltar depois de um certo tempo ao trabalho com um pouco mais de maturidade é não ter medo do desconhecido e nem de arriscar cada vez mais. Ter confiança na relação com o seu parceiro. Tive a sorte de poder aprender com a generosidade e as bobeiças de Isabel (Amnésia), a curiosidade questionadora de André (Zeca Vado) e a loucurinha criativa de Luiza (Fúfia). Três palhaços muito diferentes que me permitiram olhar o trabalho por vários prismas.

Palhaça Pérola

Tatiana Athié

Setembro de 2005

Hospital Universitário Gaffrée & Guinle

Orientações

1. Descobrir a realidade como se fosse a primeira vez ☞ um dos objetivos é ajudar a ficar na máscara (aqui/agora).
2. Exercício do sim o tempo todo ☞ atitude de permissão, aceitar o jogo e deixar ser percebido através da ação do outro.
3. Ter calma, não precipitar e não ficar ansiosa ☞ com o objetivo de neutralizar a vontade e perceber a necessidade da ação e do objeto.

Observações e percepções

1. Como se estabelece o jogo e como dar um fim a ele: a resolução de um problema com outro problema.

2. O ritmo do palhaço: como entrar em relação com os outros dois palhaços (dois mundos, dois olhares). O exercício da xerox ajudou-me a entrar em relação fisicamente com a dupla, descobrindo uma qualidade de energia, um ritmo, uma pulsação em cada palhaço. A partir dessa sensação, ficou claro quando eu estava em relação e quando ela se perdia.
3. A máscara e relação com a plateia: perceber e estar atento ao olhar de cada criança. Os outros também dão estímulos para a atuação dos palhaços. Identifiquei a importância de um olhar singularizado, ou seja, cada pessoa tem a sua particularidade e, por conseguinte, uma necessidade.
4. A relação entre a equipe do hospital e a nova palhaça: é necessário estabelecer um laço de confiança. A nova palhaça tornou-se alvo de comentários, os quais foram recebidos integralmente através do exercício do sim, e foi importante recebê-los, acredito que tanto para mim quanto para eles.
5. Ser descoberta pela ação do outro ajudou a não impor a minha presença, como também, a não me esconder e criar algo que se colocasse entre mim e o outro, mas sim me disponibilizar para o jogo.
6. Utilização do objeto: não sobrepor um objeto sobre o outro.
7. A seringa verdadeira, juntamente com a utilização da palavra injeção na frase “vamos dar uma injeção nela”, fez com que a criança chorasse. Acho que é preciso tomar cuidado com as palavras referentes

ao mundo hospitalar de acordo com o contexto de cada criança hospitalizada.

8. Ponto importante: dosar, equilibrar a energia para chegar até o final da intervenção com fôlego.

Palhaça Girassol

Daniela Piveta

Maio de 2004

Hospital Universitário Gaffrée & Guinle

A relação com a música

A minha relação com a música se modificou logo que comecei a fazer intervenções com os novos enfermeiros. Isso se deu principalmente pelo descomprometimento dos novos palhaços com a música, no sentido de afinação ou acertos vinculados a técnica e ao saber ou não cantar. Com isso me senti mais à vontade de ousar ou simplesmente brincar com as músicas, com os ritmos e, até mesmo, descobri uma forma da Girassol lidar com o não saber, com a falta de domínio dos ritmos, dos sons e da música, o que tem sido mais interessante, mais proveitoso do que ficar correndo atrás da afinação.

Com a palhaça Charlotte também me lembro de um momento que consegui me relacionar com a música e criar um jogo bastante interessante onde competíamos para ver quem conseguia tocar e dançar o melhor ritmo. Foi bastante engraçado e divertido, pois deixei de me criticar e comecei a trabalhar acreditando que a Girassol estava acertando e abafando, mas na verdade estava explicitando minhas dificuldades nas péssimas tentativas de propor o ritmo e a dança.

Em relação à palhaça Matilde, realmente não consegui descobrir uma maneira de aproveitar e

usufruir de suas habilidades, pois o que normalmente acabava acontecendo é que eu era criticada durante o próprio jogo e isso me inibia fazendo com que apenas tentasse acertar. Sobre a música, acabei falando sobre todo o processo de trabalho, não o mês especificamente.

A relação com o espaço, o corpo e o objeto

Tenho verificado ultimamente uma queda no trabalho do corpo e na modificação do espaço. Temos utilizado muito menos jogos corporais em detrimento dos jogos verbais, conseqüentemente também houve uma diferença na utilização do espaço.

O nosso corpo tem ficado muito cotidiano e a lógica do palhaço tem ficado mais na palavra e no momento em que transformamos os objetos.

A relação com o outro

No dia 20 de abril aconteceu um fato bastante peculiar que gostaria de relatar. Patrícia e eu entramos no Ambulatório e fomos direto para a sala onde havia umas quatro pessoas. Entre elas, um senhor bastante frágil pelo qual Girassol ficou apaixonada. O grande problema foi quando ela tentou entregar-lhe um balão, mas foi rejeitada. Na verdade, nem sei bem o que aconteceu. Sei apenas que fiquei muito emocionada por aquela figura, e ao mesmo tempo não soube lidar com a rejeição. Enquanto Charlotte o conquistava maravilhosamente bem, meus olhos faziam uma força tremenda para não transbordar, o que ocorreu logo que saímos da sala. Na verdade, todos acabaram se emocionando com a relação concluída e melhor estabelecida por Charlotte, que o conquistou lindamente.

Disso tudo só ficou uma questão: o que fazer quando o palhaço chora? Porque, no caso, a Girassol ficou muito mais ressentida com a rejeição do que a Dani em relação ao senhor, embora essa relação também tenha sido forte.

A relação com os parceiros

Girassol e palhaço Joselito: nós tivemos, a princípio, uma boa relação, sendo que, na primeira intervenção, Joselito estava mais junto de mim, mais atento, mais cuidadoso enquanto que na segunda, talvez por se sentir mais seguro, propunha conduzir o jogo. Nessa situação, algumas vezes, esqueceu da dupla o que dificultou nossa escuta e nos afastou. Desenvolvemos bons jogos utilizando o corpo no espaço e trabalhando a relação branco e augusto.

Girassol e palhaça Cassandra: nós ainda não descobrimos, não nos ajustamos, mas temos como ponto positivo no trabalho a relação com a música. A Cassandra tem uma relação diferente com a música (relação de brincadeira) que me estimula a entrar no jogo sem constrangimento.

Girassol e Matilde: inconsciente ou conscientemente, desta vez tive outra relação com a Matilde no que diz respeito aos momentos em que me sentia negada ou desnecessária no jogo. Essa situação ocorre normalmente quando a relação a ser estabelecida com o outro não parte de dupla. O que ocorreu nesta última intervenção foi que praticamente eu assumi o afastamento da dupla, ou a negação, e passamos a trabalhar individualmente em alguns momentos. No Ambulatório, estávamos trabalhando juntas com boa utilização do espaço, só nos separamos uma vez. Matilde me requisitava quando necessário e,

enquanto não era requisitada, estabelecia relação com outros dois residentes que estavam na sala. No Corredor, trabalhamos individualmente, sendo que neste caso eu trabalhava com pessoas diferentes das que Matilde estava trabalhando, mas estabelecendo relação com as propostas dela. Já no Ambulatório (Imunologia), não houve escuta. O espaço estava muito agitado e cada palhaça trabalhou por si, mas neste caso foi muito ruim, pois isso não era possível num espaço tão pequeno. Na Enfermaria, nos separamos totalmente a ponto de cada palhaça trabalhar assumidamente com uma criança diferente. Eu acho que o trabalho individual é possível, mas acredito que o trabalho da dupla é muito mais rico e permite possibilidades muito maiores, e é assim que eu pretendo trabalhar, mas precisava experimentar esta outra forma, numa tentativa de lidar melhor com a falta de escuta, negação ou sei lá o quê que às vezes ainda tem ocorrido entre mim e Letícia.

Girassol e Charlotte: na saúde ou na doença sempre estou satisfeita com a Charlotte, normalmente nos divertimos muito e sinto prazer em trabalhar com essa palhaça. Já tivemos momentos muito melhores, agora estamos tentando não sermos mais tão amiguinhas e pensar mais na relação branco e augusto para o desenvolvimento dos jogos.

A relação com os médicos e enfermeiros

Essa relação passa por muitas mudanças no decorrer do trabalho, ficando normalmente difícil quando há mudanças de residentes e muito fácil após a apresentação do Programa. Podemos concluir que a recepção negativa em relação ao

trabalho, em sua maioria, ocorre devido à falta de informação e entendimento sobre nosso trabalho.

Palhaça Charlotte

Patrícia Ubeda

Outubro de 2005 a Junho de 2007

Hospital Universitário Gaffrée & Guinle

Lisboa, Junho de 2017- Operação Nariz Vermelho

Relação com a pesquisa e com os colegas

Desde que entrei no Programa Enfermaria do Riso, acho que esse está sendo o período mais prazeroso no hospital. Foi um ano de grande crescimento, em que tive muitas barreiras, mas também um amadurecimento reconfortante, me trazendo mais segurança (eu estava precisando disso). O primeiro ano de trabalho no HUGG foi como um aquecimento; uma introdução. Tudo era novidade, o que tornava o trabalho delicioso e desafiador. Não havia uma intervenção sequer que não tirasse uma boa lição, um ótimo exemplo, um novo comentário. Esse frescor foi desaparecendo no segundo ano e me vi numa babel de confusões. Tive uma série de equívocos, erros em cima de erros que tiveram o seu ápice (numa reunião) em outubro de 2004. Era necessário recomeçar praticamente do zero, repensar por completo o meu trabalho. No final desse ano ainda tive uma intervenção que me deixou extremamente insegura.

Quando 2005 começou, não achei que estivesse pronta para voltar ao HUGG, mas respirei fundo e fui. Dentre todas as minhas dificuldades costumeiras (principalmente com a palavra), tive que enfrentar um dos meus maiores fantasmas: como não me relacionar com extrema

personalidade? As consecutivas interações de J. me tiraram do eixo e logo fiquei muito frágil novamente. Além disso, estava intervindo com alguém que não podia me dar um suporte maior. Quanta dificuldade em entender meu parceiro. Não me senti à vontade de propor, não me sentia dona do jogo. Pensei em me afastar do trabalho no hospital. Não sabia exatamente o meu lugar no programa. [...]

Três eventos foram decisivos para a minha reviravolta: o curso da Merche Ochoa, o curso de máscara da Ana Achcar (ambos em setembro) e a entrada dos novos enfermeiros palhaços. Consegui ficar mais atenta aos jogos e percebi que quando completamente relaxada e sem cobrança (a minha própria, digo), o jogo fluía, o corpo ia para o espaço, a lógica do palhaço ia sendo, a cada instante, revelada. O primeiro curso me deu a possibilidade de abrir novos canais, de conhecer outros jogos e de saber que tenho uma boa base, um bom chão (fundamental para quem quer voar). No curso de máscara entendi um pouco mais essa base; esse lugar pessoal, delicado e subjetivo de que é feito o palhaço também. Experimentei (ainda superficialmente) como é possível expandir esse lugar; vê-lo de outro ângulo.

Os enfermeiros palhaços ingressantes me revelaram alguns novos e velhos vícios – o que tem sido absolutamente importante. Além de pensar com frequência a ideia de estratégia que Merche tão bem falava. Para que tudo fique bastante fresco, a cada intervenção, antes do trabalho, levantamos (seja com Claudinei, Mari-êta ou Pérola) alguns pontos que devemos trabalhar: ritmo, o jogo de branco e augusto, calma, escuta,

divertimento, apoio, delicadeza... Isso, para mim, tem sido um grande aliado.

Numa das últimas reuniões do Programa, Pérola comentou que lhe tenho acolhido com delicadeza, calma (duas importantes conquistas para mim) e igualdade. Fiquei muito feliz com esse depoimento porque os pontos que Pérola enfatizou são exatamente os que mais tenho trabalhado. Às vezes o outro percebe com mais clareza as nossas dificuldades e as nossas conquistas. A delicadeza e a calma são dois importantes aliados que devem estar sempre próximos (não posso me descuidar, tenho que estar sempre vigilante), mas acho que é a quebra da barreira da experiência que é o grande ponto desse período. Eu precisava (mais do que queria) que os novos palhaços se sentissem confiantes na sua trajetória, nas suas descobertas, nos seus truques. Eles não podiam se sentir inferiores ou omissos. A relação de superioridade na dupla não cabe. Os dois palhaços devem se apropriar do jogo. É tão importante, para mim, confiar nos meus parceiros, assim como ter a confiança dele. Outro ponto extremamente relevante para mim é poder trocar os papéis – experimentar o branco e o augusto (não é divertido assumir uma única função) e para isso o meu companheiro não deve ter pudor em assumir o branco. Sabia que de alguma forma nós tínhamos que nos apoiar e as conversas antes do trabalho têm me ajudado muito, e imagino que a eles também.

Ainda não sei qual é o meu lugar no Programa – nem sei se preciso definir um lugar – mas esse último semestre tem me ajudado a entender o lugar do palhaço, da cumplicidade, do humor, da generosidade, do fracasso. Todos,

impressionantemente, têm sido muito generosos comigo e muito corajosos! Tento retribuir. A generosidade e a coragem.

Reflexão sobre o Palhaço

Apesar da grande desordem desse período, algumas boas questões. A primeira me foi presenteada por um amigo que não é palhaço. Enquanto estávamos almoçando, duas crianças, de mesas diferentes, mantiveram um olhar fixo em mim (sabe lá Deus o porquê). Quando terminei de comer, fiz algumas gracinhas de longe para elas e meu amigo veio com uma frase mais ou menos como essa: “Acho que palhaço é igual bailarino. Os dois trazem o tempo todo consigo a sua profissão. Só que no caso do bailarino todo mundo vê – está no corpo - e no palhaço apenas quem é mais sensível, como as crianças, consegue perceber – porque está mais dentro do que fora.”.

Tentei absorver o que ele estava dizendo e, depois de fazer outros paralelos nessa mesma metáfora, achei muito boa essa comparação. Assim como o palhaço, o bailarino tem uma perspectiva bem particular de ver e se colocar no mundo - uma atitude moldada por anos e anos de trabalho. O bailarino tem um olhar treinado para ver ao redor, espaços, formas, trajetões, linhas, energias e movimentos. O palhaço tem um olhar treinado para ver o humor, a delicadeza das relações, as necessidades subjetivas, o que está atrás das máscaras sociais. Um olhar pronto para subverter objetos, espaços, relações e atitudes. Esse também é um olhar que deve ser treinado. A postura do bailarino não é construída somente pelos exercícios, mas pelo tempo, pela disciplina, pela entrega, pelo esforço, pela insistência, pelo erro,

pela maturidade, pela escolha. Ele pratica a sua arte todo o tempo, quase que involuntariamente, na maneira com que anda e com que se relaciona com tudo. Acredito que o bom palhaço também tem esse tipo de engajamento com a sua arte. Ele é incansável na sua pesquisa, no seu amadurecimento. Deve ser disciplinado com essa escolha, com suas conquistas.

Porém bailarino e palhaço são dois extremos da mesma linha: o bailarino é o corpo perfeito, é o apolíneo, é a harmonia – é o que o homem quer ser. Estuda incansavelmente para moldar com graça seu corpo, seus movimentos – quer a beleza e o acerto. Já o palhaço está na outra ponta: o acerto para ele não está em não cair, mas em fazer o melhor tombo! É o corpo desajeitado, é o dionisíaco, é a confusão. – é o que o homem é (ou o que ele não aceita que é ou o que ele quer esconder). Deve se concentrar nos seus erros, deixar aflorar os seus defeitos e dar um trato artístico neles. O palhaço é um homem sob uma lente enorme de aumento. E se “procurando bem, todo mundo tem pereba, marca de bexiga ou vacina. E tem piriri, tem lombriga, tem ameba. Só a bailarina que não tem” (Ciranda da bailarina, Edu Lobo / Chico Buarque), o palhaço tem isso e muito mais.

Depois de ter entendido mais conscientemente a minha escolha no último período, acho que tenho ainda longos anos de trabalho para enxergar e expor as minhas perebas, marcas de bexiga e vacina...

Relação com a criança

Muitas vezes não vemos concretamente o benefício do palhaço na rotina hospitalar, mas A.,

nesses sete meses de convivência, revelou, aos poucos, toda a importância da nossa presença ali. Apesar do menino não falar, ele utiliza todos seus recursos para se comunicar e evidenciar a relevância do palhaço no hospital. Com muita habilidade, o pequeno expressa as suas vontades e suas emoções e estabelecendo comunicação preciosa conosco. A reação do menino ao nosso trabalho é endossada pelos relatos da sua mãe, da sua avó e da mãe de V. (colega de *box*) que insistem em contar de maneira carinhosa quanto A. espera nossa visita. As inúmeras fotos com a equipe do Enfermaria do Riso (com todas as combinações de palhaços que já passaram pelo *box* da criança) ficam no seu leito, num albinho já cansado de ser manuseado. As residentes e os enfermeiros já olharam inúmeras vezes, uma vez que A. adora exibir as fotos. “Vamos fazer uma ampliação dessa foto para ver esse menino feliz sempre”. Exageros da equipe à parte, é indiscutível a força da troca com A. que nunca se satisfaz com a visita ao seu *box* (nos acompanha com o olhar até desaparecermos da sua vista). “É impressionante, mas ele sabe o dia e a hora que vocês vêm aqui”, ressalta a mãe de V.. Certo dia, A. acordou num solavanco nos procurando, durante nossa atuação no último *box* da Enfermaria... Ainda com o rosto inchado do cochilo da tarde, pediu que fôssemos até ele, com a mesma ansiedade de sempre. E fomos nós para mais um encontro para lá de especial!

Em quatro anos de intervenção e estudo (alguns a mais) do palhaço, muito foi dito e lido, mas isso não é suficiente. Nada supera a vivência. É fundamental ser os conceitos e princípios e, nesse sentido, percebo que dei um passo na

compreensão do chão, da base que sustenta o palhaço. Não aprendo fácil, preciso de tempo (um grande tempo, diga-se de passagem) para assimilar, de fato, o conhecimento. Com o palhaço não foi diferente. Depois de um primeiro reconhecimento do começo da estrada, voltei muitas vezes ao ponto zero para entender bem por onde estava pisando e também por medo de avançar. Voltava e continuava tropeçando, às vezes, nos mesmos lugares e avançava pouco. Agora decidi seguir em frente. A vontade sempre foi grande e já não me falta coragem. Não que eu tenha mapeado com precisão toda a geografia desse pequeno trecho que percorri, mas agora sinto que ele já é meu; esse caminho que andei (e voltei) tantas vezes já está dentro de mim. Talvez outro pedaço da estrada até me ajude a entender um pouco mais esse começo do caminho. (...)

Nas aulas de máscara neutra finalmente entendi (não apenas com a cabeça, mas com o corpo) que o palhaço é máscara. Ainda que já tivesse lido essa máxima em vários textos, somente agora sei que essa informação está em mim e isso muda tudo. O palhaço é ritmo, é estado, é triangulação. O olhar do outro é uma necessidade. Entendi no corpo que o palhaço não existe sem o olhar do outro. Na oficina com o mestre Chacovachi, vi outras possibilidades do jogo e entendi um pouco mais essa super humanidade do palhaço. É um lugar puro e sensível, mas também ativo e faminto que a gente tende a pôr de lado no hospital. Ele deve ser trabalhado sim, só que com dosagens e coloridos diferentes do palhaço *callero*, de rua. (...)

Os erros já não são tão imperdoáveis, tampouco as dificuldades tão intransponíveis. O

repertório de jogos não é mais entediante, ao contrário, é prazeroso roteirizar jogos e dispor deles com a vitalidade da primeira vez, mas com uma cumplicidade ainda maior do seu parceiro. O cansaço, às vezes, existe, mas temos controlado melhor isso. Como diz a música: “Agora não pergunto mais aonde vai a estrada” (“Fé cega, faca amolada”, Milton Nascimento e Ronaldo Bastos)

Historieta do Hospital

Neca e eu chegamos no *box* da S. (10 anos) e propusemos uma anamnese completa. No final do interrogatório absurdo, veio a pergunta fatídica:

“ - Quem é mais bonita? Neca ou Charlotte? (fizemos uma pose)

- Neca!”

Não acreditei na resposta. Tentei mais uma vez:

“- Quem é mais bonita? Neca ou Charlotte? (pose das palhaças)

- Neca!

- E a mais charmosa? (nova pose)

- Neca!

- E a mais elegante? (outra foto)

- Neca!”

Enquanto Neca comemorava, eu dava socos no ar. Não aceitava a resposta de S. e pedia para ela dar mais uma olhada:

“- E agora? Quem é a mais bonita? (outra pose)

- Neca!”

Nova seqüência de comemorações e soquinhos no ar. E de novo requisitava uma nova avaliação:

“- E agora? Quem é a mais bonita? (outra pose)

- Neca!”

Tentei o quanto pude. Inúmeros tira-teimas e caras e bocas para conquistar o voto de S.. Já estávamos fora do *box* e ainda parávamos em pose e ela sempre respondia (já não era necessário perguntar nada):

“- Neca!”

Andávamos mais um pouco, discutindo entre nós, e... nova pose:

“- Neca!”

Passamos para outras crianças e outros jogos, mas eventualmente fazíamos uma pose nova e S.:

“- Neca!”

Andamos por toda a pediatria do IFF, mas arrumávamos um tempinho para parar à porta da S. com nova pose:

“- Neca!”

Até que enfim nos despedimos da enfermaria... e...

“- Neca!”

Lisboa, 22 de junho.

Tem umas cenas na vida que são muito engraçadas... Pude oferecer agora em 2017 – no Instituto Português de Oncologia – um presente que recebi em um hospital no Rio de Janeiro, em meados de 2004. Vamos fazer um *flashback* como se estivéssemos no cinema? Vamos!

Nesse ano eu era a enfermeira palhaça Charlotte no Programa Enfermaria do Riso dentro da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). O HUGG foi o primeiro hospital onde atuei e guardo num lugar muito quentinho dentro do meu coração. Um dia eu estava na Enfermaria e decidi buscar um bom marido para casar. A avó de J.- o paciente mais querido, com quem mais aprendi, disse-me:

“- Antigamente, Charlotte, para casar tinha que saber fazer arroz? Você sabe fazer arroz?

- É claro!

E dei a melhor receita de arroz que tinha em mente. Alho, cebola, arroz, água, sal, um fiozinho de azeite... A cada novo ingrediente, a avó repetia:

- Ainda falta um ingrediente...

- Falta? Então, põe amor, dedicação, gratidão, bons sentimentos,...

- Ainda falta um ingrediente...

- Falta? Então, põe a fome, a vontade de comer,...

- Ainda falta um ingrediente...

- Falta? Hum... Não sei... Desisto.

- Para o arroz ficar pronto, tem que pôr tempo.

- (depois de uma pausa de surpresa com a resposta) A senhora é minha ídola, minha inspiração!”

Saí feliz com o presente precioso que essa avó me deu.

Mais de uma década se passou. Agora é 2017. Sou a Dra. C. Lavi na organização Operação Nariz Vermelho em Lisboa (PT) e estou ali nos corredores do Instituto Português de Oncologia da cidade. Estivemos muito rapidamente com a miúda A.. A equipe já havia advertido que a menina estava muito apática e triste. De fato estava. A cada jogo, a reação dela era mínima. Despedimo-nos com carinho e entendemos que essas pequenas reações eram o máximo que A. podia dar. Logo terminamos o trabalho nos Internamentos. Era hora de almoçar. Enquanto meu parceiro Kotonete KomKapa pedia as senhas do almoço, eu esperava

no corredor. Avistei A. e sua mãe a atravessar o corredor para ir ao banheiro. Decidi apenas acompanhá-las, sem falar nada mesmo, mas sua mãe decidiu conversar. Disse entre outras coisas que a menina estava se recuperando e agora só era importante ter paciência... Lembrei-me daquela manhã lááááá no Rio de Janeiro em 2004 e perguntei para a mãe de A.: “A senhora sabe fazer arroz?”. Ela achou estranha a minha pergunta, mas disse os ingredientes. A cada ingrediente eu falava: “Ainda falta um ingrediente...”. E depois de mais tentativas de sugerir novos ingredientes, eu disse: “Para o arroz ficar pronto, tem que pôr tempo.”. Reconheci na pausa da mãe a mesma surpresa que um dia tive. “A. é igual o arroz. Tem que pôr tempo para ela ficar bem. Adeus, Arrozinho!”. A. e a mãe despediram-se com um sorrisinho no rosto e um tchauzinho. A avó de J. jamais imaginaria que sua história atravessaria o oceano para fazer sorrir uma miúda alentejana.

Foi maravilhoso ter conhecido A. e sua mãe no IPO. Foi inesquecível ter conhecido J. e sua avó no HUGG. Tem umas cenas na vida que são muito engraçadas...

Palhaço Joselito

Pedro Paes

Junho e julho de 2004

Hospital Universitário Gaffrée & Guinle

“De onde viemos? Para onde vamos?”

“Joselito, um homem ou um *clown*?”

“Vai que é tua Ana Achcar!”

“Duro não é dar é resistir”

“A relatório dado não se olha os dentes”

“Se relatório fosse bom, não se dava, se vendia”

“A cura pelo estetoscópio”

“Onde andaré Carol?”

“Anomalias patologias do centopédium rasteiro”

“...”

“2 + 2 = 4”

E Deus criou o homem...

Fazer um terceiro relatório possui, como quase tudo na vida, vantagens e desvantagens. Se por um lado já não posso falar do frescor do ineditismo, por outro posso iniciar um trabalho de sistematização do conteúdo. Ou seja, acabou a surpresa e começa o cotidiano. Este terceiro formato de relatório me inspira a criar uma metodologia de trabalho voltada para a construção de uma estrutura mais definida, uma forma por assim dizer.

É claro que esse relatório poderá focar temas semelhantes, ou mesmo repetir questões já expostas antes. No entanto, desprovido de qualquer intenção de plágio, todo ponto exposto virá com a maturidade ganha até então.

O encontro mensal, onde nós dividimos as experiências e estruturamos o próximo mês de tarefas, é extremamente útil para nortear o

trabalho escrito. São formuladas questões que colaboram para que cada relatório possa ser mais objetivo e consistente.

Este relatório será dividido de acordo com pontos que compõem o trabalho, questões que envolvem o cotidiano das intervenções. Não haverá uma regra ordenada, será a formulação de ideias a partir do acúmulo de experiências. E diferentemente dos outros, este não vai seguir a cronologia das intervenções.

Introdução a parte, vamos ao que interessa...

O dia depois de amanhã

O trabalho no hospital este mês foi um aprofundamento de questões que venho sentindo desde o princípio. É como se os temas que envolvem o palhaço fossem ficando mais claros e as escolhas dentro do trabalho mais definidas. A cada passo dado se somam saberes que de algum modo modificam minha forma de enxergar. O que antes parecia um mistério de sete cabeças, hoje já não possui tantas cabeças assim. Eu começo a descobrir lugares em que me sinto mais tranquilo, sem uma inquietação que antes me prejudicava muito. O corpo vai ganhando melhores dimensões no espaço. É claro que ainda existem longos caminhos para trilhar e que a natureza deste trabalho é nunca definir certezas plenas, pois o presente sempre pode vir para desmentir ou revelar novas faces sobre coisas dadas como verdadeiras no passado. No entanto, sinto que a cada experiência algo vai se somando dentro de mim, mesmo que muitas vezes eu nem saiba explicar. Porém, um passo deve ser dado de cada vez. Se eu começo a achar que sei alguma coisa, isto é um pulo para cristalizar. Esta sensação de

estar descobrindo serve apenas como estímulo para aprofundamento do trabalho. Nada está resolvido.

Esse obscuro objeto do desejo

O trabalho envolve objetos, dos mais variados formatos e cores. Esses são parceiros importantes para os jogos durante as intervenções. Sinto que com eles eu sempre tenho infinitas possibilidades de sair de situações aparentemente complicadas. É como se do meu bolso pudesse saltar qualquer coisa, pois o trabalho de recriar a função dos objetos respeitando as suas respectivas anatomias é um desafio maravilhoso. Confesso que esse mês atentei bastante para isto, pois após um exercício traumático em sala de aula, onde fiz com que um coador virasse uma luneta, fiquei pensando que subverter a função que um objeto traz e revelar para o outro esta subversão pode ser um artifício maravilhoso na relação. Transformar uma corda de plástico em estetoscópio para auscultar uma criança que tem dores pelo corpo, uma flauta em seringa para acalmar uma criança que vai receber uma injeção de verdade, um balão de gás em soro para uma criança deitada e toda furada com soro fisiológico, ou um chocalho em saleiro para salgar uma criança que é doce demais, são alguns dos exemplos em que os objetos podem auxiliar ou mesmo transformar completamente uma situação.

Entender porque carrego os objetos foi um dos pontos que me moveu durante as intervenções. Percebi que há um sistema, uma constante forma de escolher os objetos para cada dia. É como se tivesse criado um pequeno ritual. Ele pode parecer bobo para quem vê de fora,

mas de algum modo me ajuda na concentração antes de cada intervenção. Devo dizer que isto não surgiu por imposição, mas sim de uma repetição cotidiana. Atualmente, antes de cada começo eu sempre faço o seguinte ritual:

1. Bato papo com o colega.
2. Ponho a roupa e me maquio.
3. Retiro todas as opções de dentro da bolsa e espalho pelo chão do banheiro.
4. Faço as combinações por tamanho.
5. Escolho um de cada vez, adequando-o ao espaço que tenho para guardar.
6. Analiso os que sobram.
7. E troco, caso alguns objetos tenham anatomias parecidas.

A escolha dos objetos acabou definindo também uma maneira de entrar, uma linha de concentração. O ponto sete significa que às vezes, certos objetos possuem formatos idênticos, logo, é bom para o jogo que eu não trabalhe com eles, que tenha à mão formas variadas.

Um desafio constante para mim é saber esgotar as possibilidades de um objeto, pois me parece cada vez mais difícil descobrir outras funções que não sejam as mesmas já utilizadas. É incrível quando se consegue retirar de um objeto aparentemente gasto, uma nova possibilidade, é como se um novo mundo se abrisse. Apesar disso, percebi que renovar os objetos é importante, que esta circularidade traz novas compreensões e visões para o jogo.

E como o título desta parte diz, gostaria de terminar deixando claro que para mim só é possível entender o que significa um objeto quando se utiliza um de cada vez.

Um dia em minha vida

Todo trabalho realizado deixa jogos e histórias para trás, logo, é curioso notar que muitas dessas narrativas podem sugerir a criação de pequenos números, cenas por assim dizer. Narrar como foi o meu próprio dia de trabalho é uma forma de refletir e me divertir com os fatos que aconteceram. Envolver numa mesma história o antes (ou seja, toda preparação para o trabalho até a chegada ao hospital), o durante (os jogos) e o depois (como faço para me desprender da experiência), é uma maneira de explicar a si mesmo e de tentar entender como o seu corpo funciona num dia de intervenção.

Agora, vejamos um exemplo de um dia de trabalho na vida do palhaço Joselito.

O antes

Acordo. Tive uma noite ruim de sono, pois sempre nas noites anteriores aos dias de hospital acordo umas três ou quatro vezes. Não tem jeito. O despertador massacra minha paz, e se o inferno tivesse um som seria o “pem-pem-pem-pem” do meu despertador. Escovo os dentes e lavo meus olhos. No espelho, no enfrentamento facial, respiro fundo e percebo que terei uma tarefa importante a realizar. Banho frio, para espantar todos os sons que ainda restam nos meus nervos e músculos. Ponho a roupa e verifico se a minha mala de palhaço está completa. Pego-a pela alça e parto em direção ao Gaffrée. Entro no carro, ligo e ponho uma música. Saber escolher o CD de cada dia é uma lição fundamental para mim, pois de acordo com o som que escuto o meu estado se constrói. Sempre vario entre músicas lentas e músicas alegres. Por alegres, falo daquelas que deixam a

gente empolgado, saltitante... Aquelas que nós conhecemos bem e sempre cantamos junto. Bom, preenchido pela música e por meu videoclipe mental matinal chego no Hospital (rimou). Caminho para o Banheiro, mas sem deixar escapar do meu olhar todos os pacientes e pessoas que estão ali presentes. O primeiro contato com o espaço é essencial. Quando chego, percebo sempre uma mesma situação, e sinto uma tranquilidade, pois sentir-se à vontade com o local onde se trabalha é um fator determinante. Guardo minhas coisas, subo para verificar como estão as crianças na Enfermaria. Na sala estão dois residentes atenciosos. Batemos um papo sobre os meninos e meninas. Minha colega Girassol chega, está um pouco atrasada, mas tudo bem, nada que interfira na minha concentração. Descemos e começamos a nos arrumar. Repito um ritual (está no capítulo acima). E...

O durante

Uma vez com o nariz entre os olhos, o mundo passa a ganhar outra dimensão. Nada fica sendo visto como algo realista. O exercício é entrar numa atmosfera de jogo, atenção e disponibilidade. Faço um alongamento confuso, misturo minha perna com a mão da Girassol, a cabeça dela com o meu ombro, enfim, me contorço todo e num BASTA saio porta afora. O que antes era um simples orelhão transforma-se num ferro de passar roupa de última geração. Entramos numa salinha de espera e o jornal arrumadinho do senhor bem comportado passa a ficar todo desarrumado, o caderno de cultura se mistura como o de esportes, que se mistura com o de carros e assim caminha a humanidade. Peço uma linda senhora de olhos

azuis em casamento, mas ela já é casada e isso corta o meu coração. Um pai com uma menina, que carrega um livro enorme, começa a rir bem antes de nós chegarmos até eles. O livro vira a bíblia e nós abençoamos o casal. Chega o outro filho dele, o J.. Para mim trata-se de um grande profeta, e faço louvores a ele. Girassol e eu nos ajoelhamos e gritamos pelo nome de “J.! J.! J.!”. Este louvor torna-se paixão, e nós agarramos o menino e o enchemos de beijo. Todos estão rindo dos nossos exageros. Girassol pega a corda azul que fica em volta do meu pescoço e me transforma num cachorro durante a espera do Ambulatório. A relação augusto e branco fica clara, e eu passo a ser um cachorro confuso que desrespeito a dona e faço xixi em todo mundo. Girassol me solta e se agarra a uma menina. Somente o poderoso solvente pode desgrudá-las. Bolhas de sabão pelo espaço. Chegamos no Ambulatório. Agora Girassol dá uma deixa e eu a transformo no meu cachorro de estimação. Ela é um cão muito feroz. Surgem jogos que não me recordo com precisão em cada cabine (às vezes, durante um dia de intervenção, por mais que se converse depois, é muito difícil lembrar-se de tudo. E quando os jogos não são muito precisos, aí então é que a coisa complica). Desfile de moda, Joselito e Girassol exibem pelo Corredor suas performances enquanto modelos famosos. Uma criança abre o berreiro e a única solução pensada por nós na hora foi fugir. A espera no Ambulatório da 10ª (Imunologia) se transforma numa sessão de cinema com os filmes: “Atendimento” e “Consulta”. São super lançamentos imperdíveis, tanto que ninguém consegue entrar porque está lotado e a fila fica monstruosa. Entrevistamos as pessoas e aquelas

que estão de braços cruzados são punidas. Não há ninguém no Ambulatório a não ser as senhoras Cadeiras e Mesas. Batemos um papo com elas e vamos embora. Estamos cansados e um encosta-se no outro. Uma senhora sentada diz: “Encostar é bom?”. Girassol: “Sentar é melhor!”. E ela senta no colo da moça. Joselito: “Deitar é ainda melhor!”. E eu me deito entre as pessoas. Deixo claro que havia clima para isto, ninguém saiu deitando assim sem mais nem menos. Havia receptividade. Uma cirurgia séria no CTIp. Certa tensão. Uma criança recebendo uma luz forte, que para mim vira uma praia e nós cantamos: “Nada do que foi será/ De novo do jeito que já foi um dia/ Tudo passa...” (Lulu Santos e Nelson Motta). O que parecia algo importante vira uma bagunça e todos começam a rir de nós. Girassol e eu ficamos impressionados com a tranquilidade durante uma cirurgia. Mas enfim... Não tenho nada com isto. *Round* (reunião da equipe médica para avaliação dos casos): entrada e estadia singela com poucos alardes. O respirador solta muita fumaça e falo que é um absurdo dar cigarro para crianças no hospital. A Enfermaria vira uma aula de ginástica em que todos participam. Bate uma fome e nós vamos almoçar. E assim saímos da Enfermaria e finalizamos o dia (é claro que isso é uma síntese do que foi, e não posso afirmar com precisão que tudo aconteceu assim, pois é apenas a minha impressão do trabalho).

O depois

Estamos exaustos. Não posso falar pela Dani (Girassol), mas o meu corpo é um caco. Há ainda uma eletricidade devido ao estado de atenção presente há alguns instantes atrás.

Tiramos a roupa de palhaço e eu, como de hábito, ponho a cabeça embaixo do chuveiro. Certa renovação. Água fria é ótimo. Começamos a falar sobre o trabalho. "Houve muita palavra... Há muito respeito, né?". Tenho a sensação de que a gente se sente bem trabalhando juntos... É verdade... Bom, vamos comer alguma coisa... E durante a refeição o corpo vai ganhar peso e somente a cama seria a solução. Para mim, o desgaste físico é o principal adversário do palhaço. Fazemos anotações. Comemos um pastel. Nos despedimos e eu vou para casa. Antes de ir para o trabalho, chego em casa, penso na intervenção e inevitavelmente dou uma cochilada. Talvez para recuperar o cansaço, talvez para dormir o sono que não tive e para sonhar os sonhos que queria ter.

O dramaturgo como pensador

Diálogos de palhaços sempre permitem certa atenção, pois afinal qualquer descuido, qualquer ambigüidade é um prato cheio. Perceber estes momentos em que se constrói uma cena clownesca foi um dos pontos em que me debrucei ao final das intervenções, buscando reconstruir dramaturgicamente cenas que tenham ganhado força e expressão. Um bom diálogo foi entre os enfermeiros palhaços Matilde e Joselito com uma menina de 8 anos e sua mãe:

Um dia de chuva fina. Os palhaços entram no ambiente, após terem pegado um mínimo de chuva no caminho. Quando chegam vão logo perguntando para uma menina sentada no colo da mãe:

JOSELITO – Caramba, que chuvona. Como é que vocês chegaram até aqui?

MENINA – Chegando.

MATILDE – Você veio de barco?

MENINA – Não.

JOSELITO – Veio de navio? (menina faz não com a cabeça)

MATILDE – Canoa?

MENINA – Não.

JOSELITO – Nadando?

MATILDE – Bóia?

JOSELITO – Montada num sapo?

MATILDE – Remo?

(Os palhaços falam rápido sem dar tempo de resposta)

MENINA – Vim no meu ônibus.

MATILDE – Ah! Você tem um ônibus.

MENINA – Não, eu vim no ônibus da prefeitura.

JOSELITO – Mas a Sra. Prefeitura é tão rica assim para dar ônibus pros outros.

MENINA – Não, o ônibus é dela.

MATILDE – Que egoísta.

MENINA – O ônibus é do Rio.

MATILDE - É do Sr. Rio ou da Sra. Prefeitura?

MENINA – A prefeitura é do Rio. Eu sou do Rio, então vou no ônibus da prefeitura.

JOSELITO – Você é um peixe?

MENINA – Não.

MATILDE – Mas você não é do Rio?

MENINA – Sou.

MATILDE – Já sei, é uma sereia.

JOSELITO – Linda desse jeito.

(A menina ri assim como a mãe e todos saem entendidos uns com os outros.)

Outro momento que mereceu destaque foi um pátio lotado de crianças e pais na espera do Ambulatório. Dois palhaços, Charlotte e Joselito, resolvem fazer uma apresentação musical para o público. Surge daí uma situação que vale um registro:

Pátio lotado. Gente sentada em quase toda bancada. Dois palhaços entram e são automaticamente percebidos por todos. Cria-se uma expectativa. Segundos de silêncio até que Charlotte resolve apresentar um número musical. Joselito pega sua colher microfona e anuncia: "Senhoras e senhores. Crianças e criancinhas. Bebês e vovós. É com orgulho que apresento para vocês (faz um som de rufar os tambores)... Charlotte!!!"

Ela entra, agradece durante alguns segundos e pega sua flauta. Prepara-se e começa a tocar. Imediatamente Joselito acompanha o som com movimentos esdrúxulos do corpo. A plateia acompanha. Charlotte então para. Joselito continua dançando. Charlotte chama sua atenção e ele para. Charlotte retoma a flauta e é imediatamente atrapalhada por Joselito de novo. Esta confusão permanece até Charlotte desafiar Joselito para ver quem dança melhor. Joselito aceita. Faz seu número e todos aplaudem. Charlotte pede para alguém da plateia ajudá-la no Bolero. Uma senhora se apresenta. Joselito canta enquanto Charlotte dança o Bolero. Todos aplaudem. A plateia não elege vencedores. E o tempo passou sem ninguém perceber.

Certos jogos sempre parecem ganhar a aceitação do público, seriam quase pequenos truques elaborados durante uma intervenção. São situações criadas que de alguma maneira

solidificam-se enquanto cena. Uma delas é a seguinte:

A enfermeira palhaça Matilde carrega consigo um pequeno bloco de papel *post-it*. Vê uma cadeira de rodas com alguém parada no meio de algum lugar no hospital. Chama Joselito. Matilde transforma-se em guarda de trânsito e saca do bolso o seu bloquinho de multas.

MATILDE – O senhor está sendo multado por parar seu veículo indevidamente.

(O homem sorri)

JOSELITO – Matilde, ele está rindo de você.

MATILDE – O senhor está rindo de mim? Pois saiba que sou uma autoridade e isso pode lhe custar mais caro que esta multa.

(O homem continua sorrindo)

MATILDE – Mas que desrespeito. Será advertido por desacato a autoridade.

(O homem continua rindo)

JOSELITO – Vou mandar chamar o camburão.

MATILDE – Imediatamente! Que desaforo!

Sempre surgem jogos: uma pessoa encostada na pilastra sugere que a parede pode desabar a qualquer instante. Quando uma criança não quer falar, os dois palhaços pedem para ver a sua boca e de dentro dela sai um gato em miniatura, pois afinal de contas o bicho tinha comido a sua língua. Uma criança que não para de rir é isolada por uma fita crepe, pois a alegria é contagiosa.

Não defendo que o palhaço deva se apoiar em cima de jogos já testados e aprovados, apenas mostro que uma descoberta sempre pode ser boa

para o trabalho. Não quero de maneira alguma ferir o preceito de que o jogo só se estabelece se houver entrega no presente, se o palhaço estiver aberto às possibilidades que surgem na hora. Repetir fórmulas é se esconder, é não deixar o acaso atuar. Quando faço isso sou o primeiro a perceber que me escondi e fui preguiçoso.

Intimidade indecente

É difícil falar sobre a sua dupla.

O companheiro é essencial no jogo.

Sem ele não há nada.

E criticar é o caminho mais fácil.

Todas as três meninas de algum modo me motivam, instigam e mexem com questões dentro de mim. Existe uma grande entrega em todas elas. É muito importante ser o mais sincero possível num trabalho como este e sobre isto realmente eu não tenho nada a dizer. É mais do que natural que surjam afinidades maiores com uns do que com outros, e isto de maneira alguma exclui ou faz com que alguém seja preterido. Uma parceira que faz tudo parecer bom e agradável é um ótimo incentivo para haver desconfiança, pois para mim, a segurança às vezes se confunde com comodismo. Ao invés de julgar, analisar este ou aquele comportamento, vou colocar algumas palavras que associo com as palhaças:

GIRASSOL – Respeito / Sinceridade / Afinidade / Alegria / Disponibilidade / Diálogo / Branco (para mim) / Desatenção / Igualdade / Desafio / Força.

CHARLOTE – Descontração / Atenção / Desafio / Alegria / Sinceridade / Segurança / Calma /

Confusão / Escolha / Motivação / Comodidade / Oscilação de augusto e branco.

MATILDE – Concentração / Respeito / Desafio / Diversão / Preocupação / Augusto (para mim) / Palavra / Separação / Força / Sinceridade / Receio / Medo / Dificuldade / Maturidade / Admiração.

Cada palavra, mesmo as que se repetem, estão relacionadas com momentos, sentimentos e conversas que tive com cada uma delas ao longo do trabalho. Para mim é impossível fazer qualquer tipo de julgamento, e quero deixar claro que tenho profunda admiração por cada uma.

Finalizando o adversário

O que eu mais quero falar neste momento, para encerrar, é que o trabalho cansa mas é bastante prazeroso. Às vezes, acho um saco ter que acordar tão cedo e partir para uma aventura clownesca. Porém, sempre ao final de cada dia, vou dormir com uma sensação agradável, de como se alguma coisa estivesse alimentando minha alma. Ser palhaço é estar em conflito, é trabalhar o incômodo, a preguiça, o medo, é buscar o jogo como fonte primordial de elevação do prazer. É entender que a vida possui uma outra lógica.

Palhaça Cassandra

Julia Sarmento
Julho e agosto de 2006 – Atuação número 100!
Instituto Fernandes Figueira

Sim, eu pensei em mudar o formato do meu relatório depois das observações da última reunião, mas não o fiz! Não soube por onde começar.

Sempre a mesma, Júlia.

O melhor dos presentes

Foi no dia 28 de julho. Estávamos na espera do ambulatório, quase entrando pela porta, quando C., o interno, pediu que esperássemos. Como eu e a palhaça Mari-êta estávamos no meio de um jogo não demos bola e continuamos o trabalho. De repente C. me estende um lindo colar cervical de plástico, desses que os paramédicos usam em emergências e diz: “Eu não prometi?”. Eu explico.

Há muito tempo atrás, também com Mari-êta, entramos num jogo onde, no desfecho, ele e uma outra interna me prometeram um colar desses. Fiz questão que eles me entregassem o presente em mãos, já que não confio na honestidade das palhaças desse Programa. O fato é que eles cumpriram a promessa e me deram o lindo colar com a seguinte dedicatória: “À Enfermeira Kassandra, com carinho dos internos da 2001/2!”. Eu fiquei absolutamente sem palavras e por um tempo corri e gritei fazendo o escândalo que a ocasião merece. É claro que dois segundos depois olhei o objeto e, com cara de pata, perguntei como se usava. Eles logo deram a dica: “Tenta botar no corpo.” Tentei o braço, mas estava largo demais para uma pulseira. Mari-êta sugeriu a cintura e tentou. Vendo que o colar não fechava, lamentou: “Ai! Ganhei alguns quilinhos!”. Eles sugeriram: “Bota na perna!”. Ao perceber que tinha que erguer a saia, olhei enviesado e fui para trás do banco. Voltei com o objeto mal ajustado na coxa e mostrando de forma desengonçada. Logo ele caiu e fui de novo para trás dos bancos. Voltei com ele fechado em volta do meu rosto como um aparador de queixo caído. Tinha descoberto uma função pro

meu colar e os internos estavam sem fôlego de tanto rir.

Depois da atuação fiquei pensando o quanto foi legal ter recebido esse presente. A gente quase nunca tem acesso aos ecos do trabalho depois que saímos de mais uma atuação, mas esse gesto veio mostrar o impacto do trabalho em, ao menos, duas pessoas.

Me senti reconhecida e realmente percebida por aquelas pessoas. Elas se lembraram de alguma coisa que criamos juntos e se permitiram brincar mais uma vez. Me sinto orgulhosa de mim, de nós.

I., o Terrível

Volta e meia somos presenteados com crianças ou adolescentes de características singulares. Personalidades fortes, gênios difíceis, mães esquisitas. Este é o caso do I..

Desde o primeiro dia que tomei contato com ele, ouvi reclamações da equipe. Dotado de uma grave cardiopatia que aumenta muito o tamanho do coração, I. é um adolescente de 13 anos, bem gordo e muito mimado. Todos tinham algo a falar dele ou da mãe que trazia biscoitos para o filho, quebrando sua rigorosa dieta. Um dia R., uma enfermeira, veio se queixar que ele estava escondido no Banheiro, comendo o que não devia.

Em 21 de julho, quando entramos em contato com ele da primeira vez, R. nos apresentou (eu Kassandra, e a palhaça Charlote) e a mãe foi logo dizendo que é comum as crianças sentirem medo dos palhaços, e Charlote foi logo se revoltando, dizendo que também odiava palhaços e que era justo ele se indignar. Deixamos ele por

último naquele dia. Quando cheguei perto ele fingiu que estava dormindo:

“- Você não está fingindo que está dormindo, está?

- Tô cansado. Quero dormir.

- Que é isso que você tem no nariz?
(apontando pro tubinho de oxigênio)

- É pro oxigênio. (e apontou por cima da cabeça)

- Ah! Eu tenho um ótimo oxigênio aqui!
(enchi um balão) Deixa eu colocar para você!”

Na tentativa de colocar o balão na prateleira logo acima de sua cabeça, minha bolsa encostou no rosto dele. Ao perceber isso resolvi descuidadamente passar a bolsa por seu rosto e pedir desculpas logo em seguida. Ele ficou incomodado e ao mesmo tempo constrangido, o que o fez abrir um sorriso. Desde então passei a insistir em invadir seu espaço como estratégia para desarmá-lo. No dia 26 de julho fizemos eu, palhaço Claudinei e palhaço Batatinha, um jogo onde, no final, eu sacudia a cama de I. com minha bunda, embalada por uma música cantada por meus parceiros.

I. foi um excelente desafio. Percebi que minha natureza se presta bem a esses encontros mais espinhosos, menos ternos. Sou um pouco árida e sem paciência e gosto de me meter onde não sou chamada. É claro que isso pode acarretar muitos problemas e alguns olhares atravessados, mas logo consigo reverter o quadro com doçura. Acho que é uma característica interessante de minha onipotência e da minha forma de lidar com as coisas. Se por um lado acabo menosprezando

certas manifestações do sofrimento genuíno, por proteção ou descrença, por outro acabo desmascarando certos ataques de pelanca de que sofrem alguns pacientes.

Ataques de Pelanca?

Neste período entramos em contato com algumas pessoas com “pitisite”, termo cunhado pela doutora C. ao falar de I. e M..

M. é uma adolescente de 12 anos cujo diagnóstico era dor na panturrilha. Ao perguntar sobre sua estranha condição de saúde, tanto médicos quanto enfermeiras contaram a mesma história. A mãe descobriu um namoro secreto da filha e estava muito chateada. A filha, ao ouvir a mãe se confessar com uma amiga ao telefone, ficou desesperada e correu para o banheiro. De acordo com os médicos ela disse que não conseguia sair do banheiro porque não conseguia andar! Os médicos suspeitam de algum tipo de histeria. Tudo isso aconteceu dentro do hospital, pois a menina já reclamava de dificuldades para andar. Ela recebeu uma cadeira de rodas, mas respondia muito bem aos exames físicos e dava seus passeios pela Enfermaria. Entramos em contato com ela no dia 26 e ela estava ótima, se maquiando. Inclusive o jogo se desenvolveu sobre essa temática, a beleza. Eu quis ser tão bonita quanto ela e meus parceiros Claudinei e Batatinha deram uma mãozinha. Outro caso interessante que aconteceu no mesmo dia, e que Batatinha contou em seu relatório, foi o trabalho com duas mães em clara regressão emocional por conta do estresse causado pela cirurgia que seus filhos enfrentaram naquele dia.

Todos esses casos me parecem muito interessantes e não acho que sejam simples frescuras. É claro que nenhum de nós é psicólogo, mas sabemos que a doença não está só no corpo, está muito na cabeça e devemos estar preparados para enfrentar as implicações não apenas físicas, mas também emocionais, nas interações dos pacientes.

Percebo que é muito duro para os médicos lidar com esses casos, já que eles estão preparados apenas para uma faceta do problema. Além disso, ainda é preciso considerar a questão financeira e administrativa que um leito ocupado por uma pessoa aparentemente saudável acarreta.

Talvez o que passe pela cabeça dos médicos e o que me parece nesses casos, é que o problema daquele indivíduo é muito mais complicado do que aparenta ser e a internação por alguns dias numa Enfermaria não dará conta. Acho que acontece um sentimento de impotência diante de um quadro emocional que vai além do físico e que é fruto da ignorância, da violência ou do desamor.

Não sei bem o que pensar, mas sinto, ao ouvir C. e os outros médicos, que ter a responsabilidade de cuidar da saúde de alguém é algo que implica tantas consequências e tantos compromissos que é preciso uma vida inteira para aprender.

Na marca do 100!!

Dia 08 de agosto!!!! Fiz minha centésima atuação como enfermeira do riso no Instituto Fernandes Figueiras, na companhia da colega Matilde. Esse é um momento de reflexão, de olhar

para trás e pensar em tudo que já foi feito, vivido e sentido.

Nesses últimos meses tenho experimentado um grande prazer no trabalho por conta da sensação de liberdade. Vestir o nariz no hospital tem sido um exercício de libertação e descoberta do meu prazer de estar em relação com as pessoas.

Me sinto à vontade no HUGG, como nunca antes, não no sentido de estar habituada e inserida no cotidiano do hospital, mas na sensação de um espaço aberto para receber minhas propostas. Não sei bem explicar, mas sei que posso arriscar as coisas mais loucas. É como numa relação de muitos anos. Num primeiro momento você não quer fazer feio, não quer decepcionar ou desiludir o parceiro. Depois de um tempo vira um bundalê e você corre o risco de até ofender aquele que te recebe tão bem. Mais tarde, depois de ter vivido os extremos, percebe-se que o melhor é viver e deixar viver, aceitando diferenças, recebendo o outro como ele é e sendo livre para ser o que se quer.

Em dois anos e meio de relação, Cassandra e Gaffrée usufruem, hoje, de uma relação aberta e comprometida apenas com a expressão cada vez mais livre das duas partes. No IFF o processo é outro e há muito o que se conquistar. É certo que o Fernandes Figueira está absolutamente enamorado pelo Enfermaria do Riso, porém parece ir com muita sede ao pote, sufocando de carinhos a nova parceira. Senti uma tremenda ansiedade por parte das crianças e das mães. Uma ansiedade que não era saciada nem com um bom jogo, já que sempre é possível participar do próximo, no *box* ao lado.

Fizemos uma intervenção longuíssima, o que só aumentou ainda mais esse estado de coisas.

Acho que estamos na fase de querer fazer bonito para não decepcionar o parceiro e por isso ficamos horas tentando tirar o melhor de todas as situações, renovando velhas relações. Ao mesmo tempo em que existe uma sensação de necessidade de receber o trabalho, também parece que rapidamente eles se saciam, já que nossa presença é afirmada e reafirmada no espaço, dando lugar a relações sem qualquer necessidade ou urgência. Senti falta de uma certa objetividade, de um dinamismo. A maioria daquelas pessoas está estagnada ali há muito tempo, elas estão acostumadas demais com aquele ambiente, aquele ritmo. Parece que aos poucos vamos sendo sugados para esse registro também. Precisamos aparecer com outro ritmo.

Minhas reflexões estão pautadas sobre as impressões de uma única intervenção e as lembranças dos antigos encontros, assim não sei bem o que acontece, mas sinto que tem algo a ver com o tempo. Ao falar dos meus “100!”, não posso deixar de lembrar daqueles que estão no início da contagem. Fiz uma atuação com Claudinei e Batatinha e posso dizer que é ótimo estar entre dois homens. Me senti arquetipicamente segura! Nossa atuação foi quase didática sobre pontos como escolha e escuta. O trabalho a três é difícil, pois pode cair facilmente num excesso de propostas. Foi o que aconteceu. Tudo era importante, tudo era levado em consideração e acabávamos sempre nos dispersando e não nos dedicando ao jogo proposto.

A atuação com Batatinha foi difícil pelo cansaço. Não consegui me recuperar totalmente do dia anterior no IFF. O fato das atuações serem muito próximas é interessante pela dinâmica

imposta ao trabalho, mas prejudica a documentação dos jogos no caderno. Os dias estão todos embaralhados na minha cabeça, o que dificulta a construção de um olhar mais crítico sobre o trabalho da dupla.

Algumas histórias:

Um ato de coragem

Tínhamos acabado de entrar no corredor e uma moça muito bem vestida me chamou a atenção, mas foi por pouco tempo, pois uma criança, ao ver a gente, começou a chorar muito e pedir que a mãe nos mandasse embora. Não demos atenção para não assustar ainda mais a criança e piorar a situação. Passamos por ela e fomos tentar alguma coisa o mais longe possível. Começamos alguma coisa com os adultos que esperavam no guichê e percebemos que aquela nos olhava fixamente, agora sem chorar. Num dado momento, Claudinei olhou para menina e deu um tchau, que foi retribuído. Essa foi a deixa para ele pegar suas bolinhas de sabão e soprar algumas em direção a menina que, no mesmo instante se animou em saltar do colo da mãe em direção às bolinhas. Ele se aproximou um pouco mais e eu sugeri cautela. Ainda bem que a menina não voltou a se assustar e continuou sua busca pelas bolinhas. Ela nos olhou satisfeita e fomos embora. Ponto para Claudinei por sua coragem em enfrentar uma situação tão delicada!

Bolsos mágicos

Num *box* do Ambulatório encontramos dois médicos conversando com uma senhora e um

Madame

Ana Achcar

Agosto de 2005.

Hospital Universitário Gaffrée & Guinle.

menino, de cara assustada, sentado numa cadeira com o avô em pé atrás dele. Cumprimentamos todos e nos ajoelhamos para falar com o menino que ainda nos olhava assustado. Mari-êta observou que o macacão do menino tinha muitos bolsos e eu achei aquilo muito interessante. Pedimos permissão para ouvir o que tinha nos bolsos dele com minha corda. Num primeiro momento ele ficou com medo e afastou o objeto, mas logo achamos alguma coisa estranha e tirei um bicho de um dos bolsos. Ele logo se interessou. Mostrei pro avô e perguntei se ele estava andando muito pelos matos.

Escutei um outro bolso e logo tirei outro bicho. Ele ficou interessadíssimo e perguntei se tinha mais alguma coisa em algum dos bolsos. Ele, sem hesitar, procurou e não achou nada. Eu vasculhei novamente e achei um balão azul que deixei com ele. Os bichos foram levados para exames e saímos com a recomendação de tomar cuidado com as caminhadas pelo mato.

Curiosidades

Acabo de descobrir que nosso querido doutor francês (conhecido médico do Ambulatório) tem um filho que é amigo de colégio do meu irmão! E que Dr. Azor fundador da Ala de Pediatria do HUGG, é médico do meu irmão desde bebê.

Conhecemos, eu e Mari-êta, a neta do Edson Liberal. Estavam todos na Sala das Enfermeiras quando chegamos. A menina de uns 5 anos ficou tão interessada que não parava de fazer perguntas. Quase que eu e Mari-êta ficamos em maus lençóis.

Queridos pupilos, Flávio e Patrícia! Estou escrevendo, porque não quero deixar passar os pensamentos que me assaltaram, depois de acompanhá-los esta manhã no hospital. Tudo muito rápido, surpreendentemente veloz. A dupla está bem, alternando com certo sucesso as funções de augusto e branco. Os palhaços (Vladimir e Charlotte) estão bem integrados com a equipe de saúde. Queria que a Patrícia visse o que eu filmei, principalmente quando vocês estão com os bebês no CTIp, para que ela observasse como está seu rosto, mais relaxado, aberto, disponível, falando de delicadeza e conforto. Muito grande todo o seu crescimento. Eu observo que vocês não brigam, quero dizer, no sentido do jogo. Flávio, você eu senti meio sem força e vou arriscar dizer que essa rapidez na atuação hoje foi um pouco mais ditada pelo Vladimir do que pela Charlotte, não sei, me corrijam se eu estiver errada. Sinto que você, Flávio, a despeito de todo o seu engajamento e dedicação às atuações no hospital, está, no atual momento, um pouco cansado, desmobilizado e desanimado com o trabalho e de certa forma isso aparece nas atitudes do Vladimir. Destaco a última ação de vocês no hospital. Foi com um garoto que estava subindo para a cirurgia. Mais ou menos oito anos. Ele estava tão amedrontado, havia um pavor nos seus olhinhos cheios d'água, mas ele não estava chorando. Ele olhava diretamente para vocês que lhe aplicavam uma injeção lilás, bem parecida com aquela que ele iria receber daqui a alguns minutos; e ele quase poderia se atirar nos braços de um dos dois, se um de vocês estivesse

atento a sua necessidade de contato físico. Vocês lhe perguntaram se ele estava indo embora e souberam que ele subia para a cirurgia. Silêncio dos palhaços. Não acreditei quando vocês deixaram-no partir e tomaram o rumo do Vestiário. Hora de parar tudo. Mesmo no fim do dia de trabalho talvez esta pudesse ser a maior contribuição de vocês hoje no hospital. Mas vocês não viram, não conseguiram ver, o lugar que o palhaço podia habitar junto a uma criança naquela situação. Francamente, não espero ser demasiadamente crítica em relação a vocês e muito menos romantizar a atuação do palhaço no hospital, nós três sabemos bem do que se trata. Mas, meninos, essa foi uma chance que se tem poucas vezes no trabalho. E vocês estão preparadíssimos para aproveitá-la. Mas precisam enxergar quando a necessidade do outro se revela, quando ela se apresenta assim tão clara e evidente. Fácil e, por isso mesmo, assustadora. Eu sei que vocês são ótimas pessoas no sentido mesmo de ótimas e de pessoas. Acho que o trabalho no hospital tem a ver com os dois e arriscaria dizer que esta poderia ser claramente uma escolha profissional para vocês. Então, não desistam agora que estão ficando bons para coisa. Ir tão rápido pra onde? Por quê? Acordem em vocês a delicadeza, a humanidade, a disponibilidade; agora que estão preparados tecnicamente. Essa velocidade toda retira a ação do Presente, enrijece o aqui e o agora dos palhaços, confunde a urgência dos contatos, limita a possibilidade da transgressão. Podem acreditar: vocês estão indo muito bem. Não abram mão do trabalho que os preparou, ao contrário, acomodem-se dentro da própria fôrma, apropriem-se dos seus ganhos e adaptem-se aos

fracassos necessários. Boa sorte. Com carinho e admiração, Ana.

Palhaço Lindomar

Adriano Pellegrini Caramaschi

Outubro de 2006.

Hospital Universitário Gaffrée & Guinle.

Em minha segunda intervenção, nome novo, roupa nova e novas preocupações para não repetir os erros da estreia. A roupa nova funcionou bem em minha opinião, servirá como um bom quebra-galho até que eu consiga algo que revele mais meu delgado corpo para o delírio das fãs de Lindomar no HUGG. Infelizmente, fui desleixado e apareci com uma gravata amassada, para horror e indignação justificada da palhaça Cassandra. Jamais usarei gravata amassada outra vez. Tivemos um bom aquecimento que gerou um bom início de trabalho. Chegamos com ritmo no Ambulatório, graças ao uso de uma música sugerida pelo palhaço Batatinha. Fui literalmente conduzido por Cassandra pelo Ambulatório, com nossos passos marcados pela música, o que possibilitou durante um tempo o exercício de coro. Tive uma preocupação maior em observar e aprender com eles os procedimentos clínicos, como a extração de ventos no pulmão e de excesso de pensamentos matemáticos.

Conseguimos realizar alguns bons jogos corporais. Houve um jogo que poderia ter sido mais bem explorado: Cassandra não parava de tremer, por isso precisava receber uma injeção de Batatinha. Como era de se esperar, ela não queria a injeção... Comecei a tentar segurá-la, e no processo já estava começando a subir em cima dela, lembrando dos exercícios que o Flávio passou na

aula, de sustentação do outro com a base firmada... Mas aí o Batatinha conseguiu dar a injeção, ela parou de tremer e não pude dar prosseguimento à escalada... Outra coisa que me fez ficar mais recuado foi a falta de tato de Lindomar em relação a algumas brincadeiras com as crianças. Foram duas, com a mesma menina. Na primeira mancada, Cassandra ia dar-lhe uma injeção, prometendo que não ia doer. Frase inspiradora de Lindomar: “É, pelo menos na gente nunca doeu...”. Imediatamente Cassandra me deu uma bronca dentro do jogo para não ficar brincando de assustar a menina. Fiquei meio surpreso, mas ri de um jeito meio maroto para deixar claro que era brincadeira e que eu havia planejado assustá-la. Segunda pérola: a menina queria nos seguir. Batatinha e Cassandra disseram que tudo bem, mas íamos na Hematologia e, se ela quisesse entrar, teria que doar sangue. Lá vai Lindomar: “O doutor Drácula já está por lá aguardando visitas...”. Nova bronca kassandrística, outra risada de Lindomar. Depois disso, qualquer coisa que eu fizesse ou dissesse, a menina já interpretava como uma tentativa de assustá-la, imitando Cassandra dizendo: “Mas você gosta mesmo de ficar assustando as pessoas, hein!”. Bem, não... Não gosto... Foi então que concluí: as crianças realmente levam em consideração o que o palhaço diz.

Minhas brincadeiras poderiam ter funcionado com pessoas mais velhas, que saberiam perceber que aquilo era apenas brincadeira. Para a criança, era plenamente possível que eu estivesse dizendo a verdade naquele momento. O que é absurdo para o adulto, não é tão absurdo assim para a criança. E no fim, acabei criando nela um preconceito em relação a mim, o que causou

um afastamento, quando deveria criar uma aproximação. Vou buscar um cuidado maior para enxergar as coisas na lógica da pessoa com quem estou me relacionando, para não dar mais esse tipo de mancada. As intervenções foram bem fluidas, com uma coisa levando a outra e com os três enfermeiros bem juntos. Tivemos uma escuta muito boa no Corredor e conseguimos jogos bem corporais. Passei pela experiência que mais temia: uma criança puxou meu nariz. Utilizei a surpresa que isso me causou. Caí para trás me apoiando na parede, como se tivesse levado uma pancada. Felizmente, Cassandra veio em meu socorro e fez um curativo em meu nariz com seu lenço.

Iniciou-se a partir disso um jogo interessante em que o pano não me deixava enxergar nem falar direito e eu ia atrás da criança tentando passar-lhe um sermão por ter puxado meu nariz. Como não enxergava, muitas vezes topava com a parede, ou ficava passando sermão com a primeira pessoa que encontrava tateando, com a criança atrás, rindo e me chamando para fugir de mim, e me deixar dando bronca para a parede. Não esperava passar por isso tão cedo, mas foi bom perceber que ter meu nariz puxado não fez com que o céu caísse sobre minha cabeça. Não é uma sensação boa, mas é um trauma superável e pelo visto é um fato corriqueiro. Realizamos um bom trabalho de divulgação da oficina que seria feita no dia seguinte para os funcionários do HUGG. Até *jingle* fizemos. O fato de ser dia do médico também gerou bons jogos.

Finalmente pude trabalhar na Enfermaria e tivemos bons resultados. Respeitamos os indispostos a jogar e fizemos um bom trabalho com os dispostos. Em um determinado momento, fiquei

numa situação em que por alguns segundos, não sabia o que fazer. Estávamos com um menino chamado G., se não me engano, e subitamente, por causa de uma canção, Batatinha começou a dormir em pé. Em poucos segundos, Cassandra também dormiu. De repente, eu sobrei acordado com o menino e sua mãe. Fiquei meio indeciso... O que fazer? Dormir também? Mas e aí ficam os três ali dormindo indeterminadamente até a criança decidir nos acordar? Simplesmente acordo os dois, acabando com o jogo que eles estavam propondo? Resolvi usar minha confusão nesse tempo em que eu realmente não sabia o que fazer, até que me veio a ideia de passar a bola para a criança: “Me diz uma coisa, por acaso você sabe imitar um despertador?”. Prontamente o menino imitou o despertador acordando Batatinha e Cassandra.

Fiquei muito satisfeito em ver algo que eu simplesmente não sabia como resolver se transformar num jogo com a ação direta de G.. Outra questão que ainda estou lidando é a liberdade que o nariz proporciona e os limites dessa liberdade. Graças ao nariz, pude coçar as minhas costas na cabeça raspada de um rapaz que nunca me viu na vida e que aceitava meu abuso pelo simples fato de eu estar de nariz vermelho. Em compensação, em outro momento, enquanto conversávamos com algumas enfermeiras, brinquei que ia apertar os botões do telefone que uma enfermeira estava usando (claro que me certifiquei que o assunto tratado no telefone não era grave nem nada). Não pretendia apertar, só ameaçar. Ouvi um “não faz isso” dela, como era esperado, e também do Batatinha e da Cassandra, o que me surpreendeu, pois vi que era sério. Continuei ameaçando, mas mais sutilmente e deixando claro

que não ia de fato apertar... Só apertei quando o telefone foi colocado no gancho, ficando frustrado por perceber que apertei tarde demais. Fico refletindo, até onde o nariz me permite ir? Até onde o palhaço deixa de ser um desorganizador necessário para virar um inconveniente? Qual é a linha que separa o divertido abusado do chato de galochas? E como não deixar que essa consciência nos deixe com medo de arriscar em coisas que não sabemos se irão agradar? No caso, se eu tivesse apertado os botões, eu teria cruzado a linha. Mas será que essa noção vai ser sempre clara? Saí dessa intervenção mais satisfeito do que da primeira. Diverti-me bastante e tive uma noção mais exata do trabalho. Imagino que a próxima exigirá uma concentração maior, já que será em dupla, mas acredito que será muito boa. Espero que ela chegue logo.

Palhaço Claudinei Sara-Cura

Henrique Escobar

Maio de 2006

Hospital Universitário Gaffrée & Guinle

Durante este mês de intervenções, percebi mais alguns pontos dentro do agir dos enfermeiros palhaços, fato este que elucidou bastante minha maneira de ver o trabalho de *clowns* em hospitais. Tentei direcionar meu foco ao ponto da ética, de forma que as condutas morais no ambiente hospitalar fossem melhor compreendidas.

Primeiramente devo dizer que, a cada intervenção fico mais perceptivo a uma série de pequenos detalhes de conduta, jogos e posturas, que devo em grande parte às trocas com minhas parceiras de trabalho. Tanto as regras do jogo do *clown*, assim como detalhes de alguns

procedimentos pontuais, são compartilhados de forma bastante profissional, de modo que as necessidades dos jogos da dupla fiquem sempre acima das vontades mais individuais. De fato, é muito importante estar por dentro desta ética, pois o hospital me parece um lugar onde o palhaço corre o risco de cair em suas próprias armadilhas e causar uma enorme dificuldade ao parceiro, como no exemplo clássico do *clown* mágico que tinha que fazer aparecer a perna da paciente (caso ocorrido com os Doutores da Alegria). Parece que quando há deslizos, somente uma relação muito efetiva da dupla consegue recuperar novamente a situação. Sinto que o *clown* tem em sua existência, uma necessidade em viver e assumir fracassos, além de estar resolvendo estes fracassos com outros problemas. Parece-me que quando este ponto não ocorre, isto é, o ator expõe um paciente ou alguma outra pessoa a este lugar de desconforto, ele está perdendo a chance de desnudar seu próprio *clown*, o que também pode expor este outro, causando (digo isto por mim) uma sensação de malandragem ou comicidade, que nem sempre é bem-vinda em um ambiente tão denso e sensível como o Gaffrée & Guinle, e que servem mais ao cômico/comediante de picadeiro.

Tenho percebido que, a cada nova intervenção, acabamos conhecendo melhor as qualidades de cada dupla, o que me aproxima mais das colegas, me deixando, aos poucos, mais à vontade para a transformação das situações.

Percebo que um dos pontos mais consideráveis para mim, relacionados a ética no hospital, tem começo justamente no banheiro. Perceber no linguajar das duplas o uso da primeira pessoa do plural nós, ao invés de eu ou você, me

mostra muito das regras de conduta, onde um depende do outro, e por isso mesmo, praticamente inexitem isoladamente. Percebo bastante que ainda existem pontos não tão claros assim para mim, afinal, Júlia, Letícia e Patrícia já estão há alguns anos neste trabalho, dentro do qual ainda me aproprio. Penso que esta aproximação com conceitos que envolvem a dupla como um organismo dependente de ambas as polaridades tem me deixado cada vez mais à vontade para expressar minhas dúvidas e sensações com as interferências, o que também facilita minha segurança.

Apesar de este mês não ter sido acompanhado pela enfermeira palhaça Charlotte, não posso deixar de citá-la como uma pessoa que tem me mostrado pontos bastante objetivos.

Com relação a minha parceira Letícia, tenho admirado cada vez mais sua disponibilidade energética para transformar situações e para se jogar na direção do improvisado e da poesia corporal. Temos trocado bastante, o que tem me ajudado a desmistificar alguns pontos em que o jogo às vezes emperra. Sua clareza e generosidade, além de experiência com diferentes trabalhos, facilitam minha atuação e uma saída dos psicologismos.

Em relação à enfermeira palhaça Cassandra, devo dizer que temos tido menos oportunidades para estes encontros de banheiro, mas também estou tentando assimilar nossas conversas. Aprecio muito a sua conduta com os enfermeiros e com os médicos: é muito clara sua maturidade em relação a este ambiente de trabalho, o que fica muito óbvio em sua maneira de agir. Sua maneira de se aproximar dos médicos, antes de a intervenção de fato ter início, é feita

com imensa sensibilidade. Me passa uma grande tranquilidade e maturidade, parecendo possuir mais conhecimento dos pacientes antigos que os próprios médicos. Este ponto para mim foi muito significativo. A presença da Júlia frente aos antigos casos traduz um cuidado imenso que ela possui com este ambiente, um carinho parecido com aqueles típicos dos médicos de família.

Com relação às condutas éticas durante o jogo, já disse que o respeito ao espaço da relação entre a dupla é o ponto mais importante. A cumplicidade em se atentar ao jogo em dupla, ao invés de ações mais independentes, me parece mais seguro, e menos propenso a perda do foco do jogo, bem como protege mais o trabalho dos atores.

Um fato interessante que ocorreu comigo fora o seguinte: estava com a enfermeira Charlotte no mês passado, quando percebi uma criança com uma das pernas toda enfaixada e, repentinamente, lembrei-me de uma situação parecida, vivida por um companheiro do Doutores. Ao ver uma menininha com a mão enfaixada, ele perguntou: “por que só tem luva numa das mãos?”. Disse-me este companheiro que as pessoas da sala brincaram com a situação. Bem, ao me deparar com uma criança de forma parecida me veio, na hora, a ideia: “vou falar a mesma coisa!!!”. Porém, o clima com esta criança era bastante diferente e sensível. O pai da criança olhava com muita pena para a menininha, o que não trazia a menor necessidade do comentário da luva. Acabamos por atuar de forma bastante sensível com esta família, incluímos o pai numa dinâmica e não expusemos a delicada nenê. Pensei bastante neste fato pós-intervenção. Parece-me que a exposição do

palhaço versus a exposição do paciente, brincadeiras com o termo morte, bem como situações onde se opta por testes de procedimentos - para ver se funcionam de forma ingênua ou prepotente -, são completamente desnecessários no ambiente hospitalar. Fico mais uma vez com a impressão de que a ética do *clown* muitas vezes não é quebrada pela força da relação da dupla.

Palhaça Mari-êta

Elisa Pinheiro

TCC Teoria do Teatro, UNIRIO, 2006

Na minha monografia de formatura como bacharel em Teoria do Teatro, tracei um paralelo entre a formação em palhaço no Programa Enfermaria do Riso e a criação num processo colaborativo do espetáculo *Rompecabeza*. Na época, vivia as duas experiências ao mesmo tempo e pude aplicar os princípios do palhaço descobertos e trabalhados no curso Jogo e Relação (e no hospital) na prática de construção da cena de uma peça que não tinha a linguagem do *clown* como foco. Nesse processo, as cenas eram criadas a partir de proposições dos atores, entre improvisos e composições pensadas fora da sala de ensaio. “[...] assim como pude perceber em mim a maturidade que a formação em *clown* trouxe para o meu trabalho como atriz, estou certa de que os princípios trabalhados no palhaço são úteis para qualquer ator, por desenvolver qualidades como a atenção, a criatividade, o engajamento, a sensibilidade, a rapidez de pensamento, a comunicação através do corpo, a percepção do ritmo, entre outras.

Isso acontece porque o *clown* não tem tempo para pensar em como agir, na melhor maneira de realizar uma ação. E a sua comicidade vem justamente dessa urgência: ele pensa com o corpo e não faz a transição de uma emoção para outra. Os estados nele são estanques e extremos: ou sente raiva, ou alegria, ou tristeza, ou amor. Essa ausência de razões psicológicas para agir obriga o palhaço a pensar diretamente com o corpo, e com isso o ator ganha inteligência na movimentação, agilidade e aprofundamento na expressão corporal.

O caráter de improvisação que rege as apresentações de palhaços (mesmo os que trabalham com roteiro) desenvolve no ator uma sensibilidade mais aguçada para os estímulos que podem se transformar em material para a cena, ampliando as possibilidades de expressão. Porque o palhaço não desperdiça nada: nenhum som, nenhuma manifestação do público, nenhuma ideia; e ensina o ator a aproveitá-los também, sempre que possível.

Essa atenção globalizada característica do palhaço se estende ao seu parceiro de jogo, e essa relação de cumplicidade [...] é um dos alicerces de uma boa cena. O apoio ao outro é atitude imprescindível no jogo de *clown*, e quando essa confiança se estabelece entre atores numa cena de teatro, ela se torna viva aos olhos do público, que acredita na relação e se envolve com ela.

Esses e outros aprendizados, compreendidos não apenas pela razão, mas principalmente na prática, ficaram muito claros quando aplicados em meio ao processo de ensaios de *Rompecabeza*, em que a construção do espetáculo foi baseada nas proposições dos atores. Assim, não foi difícil perceber que, enquanto eu

ensaiava a peça, utilizava os princípios do palhaço. Se não diretamente, ao menos fui passando a aplicar instintivamente o que decorria deles a partir dos treinamentos e das intervenções no hospital.”.

Palhaço Tubias

Pablo Aguilar

Junho de 2008.

Hospital Universitário Gaffrée & Guinle.

Este mês, no hospital, percebi que tenho enfrentado alguns problemas, que já vinham me acompanhando por algum tempo, mas só agora consegui apontar nitidamente dentro do jogo o que estava me causando certo incômodo:

Uso das palavras: realmente, algumas vezes, percebo que estou usando muito a palavra no jogo e sinto enfraquecer todo o meu ritmo e a minha disposição física para um próximo momento em que preciso estar com uma energia maior no meu corpo. Tenho colocado em mente para as próximas atuações, realizar um aquecimento maior e mais rigoroso para me disponibilizar mais corporalmente, além de também evitar ao máximo o uso da palavra. Por outro lado, tenho explorado mais a questão do estado e/ou da mudança de estado em determinadas situações, e percebo que isso me possibilita uma grande base para a construção da relação entre a dupla e com o público. O jogo ganha mais forma e fica mais interessante de se ver e fazer.

Como agora vamos ao HUGG apenas uma vez na semana, sinto que o espaço entre uma atuação e outra me deixa um pouco perturbado e confuso em relação ao repertório de números e intervenções que nós temos na manga para

diversas situações dentro do hospital. O que se passa é que às vezes me sinto um pouco desgastado quando volta e meia caio num mesmo número que fiz na semana passada. Penso: “Será que não valeria a pena tentar outra coisa? Ou realmente o melhor nesse momento é o número que estou fazendo?”. Com isso, tenho às vezes relutado em deixar o jogo cair em uma situação de lugar comum, mas também sinto que talvez isso acaba me deixando um pouco bloqueado ao jogo.

A CTI pediátrica também é um lugar que venho achando um pouco difícil de atuar. Sempre que chegamos, há poucos bebês e sempre estão dormindo ou em estado de semi sono. Me sinto muito incomodado de chegar em algum bebê neste estado e fazer algo, mesmo de forma delicada. Sempre acho que estou atrapalhando o descanso deles. Acaba que quase nunca faço algo realmente concreto com os recém-nascidos, mas aí me pergunto: “estou certo na minha escolha?”.

Palhaço em crise existencial!

O que me veio como questão também é que, nessas duas atuações de junho, o hospital não estava cheio, a Enfermaria estava com crianças que já nos conheciam há tempos, assim como seus acompanhantes e, claro, toda a equipe médica, que já me conhecem e a cada dia temos estreitado nossas relações. Mas de repente, ao subir à Enfermaria, eu me senti tão previsível, aliás, muito previsível. Eu estava ali, com todos me olhando, me cumprimentando. Por um lado, ótimo, a figura do palhaço totalmente inserida naquele ambiente hospitalar, bem recebida, todos ali me conheciam, se alegravam ao me ver, mas eu me senti como um

mero cumpridor de expectativas, todos ali já esperavam entrar, intervir, cumprir minhas tarefas de jogo, fazê-los rir, se surpreender e coisa e tal. Fiquei apalermado, triste também. “Meu Deus, que vontade de gritar, de bagunçar tudo, de deixá-los de cabelo em pé, horrorizados”. Claro que não fiz nada disso, aliás, o jogo que fizemos foi rápido e bastante proveitoso com a T. que, apesar de estar bastante debilitada, nos mostrou muito receptiva e com bastante energia. Foi um bom jogo, assim como o jogo com a M. também foi ótimo (como sempre, M. muito animada e entusiasmada com a gente). Mas eu saí de lá me perguntando, será que isso não virou rotina? Rotina chata, daquelas previsíveis. Pirei, aliás, estou pirado.

E ainda por cima, na última intervenção, percebemos uma movimentação peculiar. Estavam prestes a começar uma festa junina na Enfermaria e quase não deram bola pra gente, estavam todos se arrumando, botando bigode nos meninos, bochecha com sardas nas meninas, trancinha e coisa e tal, uma música de forró altíssima invadia o salão, e ainda queriam que a gente virasse animador de festa. Com isto, não pudemos ficar muito tempo, já que não se tinha muito clima para estarmos ali, e o que é engraçado é que o clima estava ótimo, todos alegres. Fizemos algumas atuações no clima junino, mas que não rendeu muita bola e tivemos que bater em retirada.

Jogo e relação

Foi muito importante abrir o espaço de treinamento para os palhaços no horário de aula de Jogo e Relação. Como foi uma coisa nova, acho que a ideia pode ser amadurecida e melhor organizada, não que houvesse desorganização, só

reforço que este espaço de treinamento em separado é um espaço novo, e tem tudo para se tornar bem mais forte. Tanto que já teve resultados bastante proveitosos como a realização dos números da Clownlimpiadas. Infelizmente, não pude participar do final do processo, devido a uma apresentação da Prática de Montagem que eu estava fazendo, mas tive ótimas oportunidades e apontamentos junto aos meus colegas no processo de montagem dos números. Sempre bom também voltar à sala junto com os alunos mais novos do curso e poder jogar e observar novas caras, corpos e humores ao que estava acostumado a trabalhar. Treinar é preciso!

Palhaça Catarina

Camila Nhary
Agosto de 2007
Hospital Universitário Gafrée & Guinle

Começarei meu relatório dessa vez falando sobre o que mais me marcou nessas últimas intervenções: o falecimento de D..

D. estava internada no CTIp porque teve complicações ao realizar uma operação simples. Ela me marcou muito porque sua atitude me chamava atenção. Seu caso foi discutido em muitos relatórios e muita coisa foi escrita no caderno. Era uma menina que, a meu ver, se comportava como adulta. Até seu discurso era um discurso de uma adulta. Antes das intervenções eu sempre pensava nela, lia atenta os comentários que os palhaços Batata e Tubias deixavam no caderno, e acompanhava, com entusiasmo, a evolução do nosso trabalho com ela. Tínhamos um encontro diferente com D., pois ela ficava dentro do *box* do CTIp, e na Enfermaria não trabalhamos em *box*,

então a atenção nunca fica restrita apenas à criança com a qual estamos jogando. Vou tentar me expressar melhor: quando entrávamos no *box* de D. (sempre após ela nos permitir entrar), a nossa atenção e o nosso esforço para que houvesse o máximo de comunicação entre nós quatro (nós e sua mãe), fazia com que o momento fosse longo e muito intenso. E sempre marcante.

No nosso último contato com a pequena, havíamos sido alertados antes, por Batatinha e Tubias, que ela não estava bem. Quando chegamos ao CTIp, havia uma enfermeira dentro do *box* fazendo alguma coisa no braço dela. Perguntamos sobre seu estado para uma médica do lado de fora, e ela nos alertou que era grave, e disse a seguinte frase: “Vão lá falar com ela... Ela gostava tanto de vocês!”. Pois é, a médica usou o passado do verbo gostar, e eu logo repliquei com um “Gostava não... Gosta!”. Naquele momento, apesar dessa minha frase esperançosa, percebi que poderia ser nosso último contato com ela. Paramos na porta do quarto e avisamos a ela que estávamos entrando. Tocamos a minha caixinha de música (*La vie en rose*) que sempre tocávamos. Ficamos um bom tempo ali. Depois continuamos a intervenção pelo CTIp, e ao passarmos pelo *box* dela de novo, vimos sua mãe, sentada na cadeira. Do lado de fora, pelo vidro, fizemos jogos com essa mãe tão triste, e ela sorria bastante para nós. Havia em seu rosto uma expressão de criança que, inocentemente, tinha uma esperança certa de que tudo ia dar certo. A prova disso era o seu sorriso tão fácil para nós (ela nunca foi muito de sorrir para nós). Deixamos uma flor junto às outras que os meninos já haviam deixado, e marcamos um encontro com ela e com D., que já estaria melhor, para semana seguinte. Ela

confirmou com muito entusiasmo o nosso encontro. Pensamos depois que poderíamos estar fazendo mal em alimentar tanta esperança assim, mas penso que os médicos já devem ser tão realistas com ela, a verdade já devia doer tanto naquela mãe, que alguém poderia também pegar na mão dela e fazer com que ela tivesse coragem em continuar ali, acreditando que existe uma possibilidade de tudo dar certo, e que talvez sua filha vencesse, heroicamente, a morte.

Na semana seguinte, ao chegarmos no CTIp, o *box* estava vazio, sem ao menos a cama, e cheio de entulho. Perguntamos a uma médica sobre D., e ela nos disse, sem ao menos olhar para nós, que ela havia falecido. Como receber aquela notícia de nariz? Como digerir isso e continuar em frente? Ficamos estáticos, eu e Claudinei, por algum tempo. Não sei dizer quanto tempo, mas o suficiente para engolir e seguir adiante, sem conseguir fazer nenhum comentário sobre. Geralmente a gente recebe notícias de morte antes de nos vestirmos, mas na Enfermaria não sabemos sobre as crianças do CTIp.

D. ficou rondando a minha cabeça por um tempo, e sentar agora para escrever sobre isso talvez tenha me tirado um certo nó da garganta. Me pergunto porque não tive vontade de escrever sobre a morte da L.. Eu acreditava então que sabia lidar com isso. Mas a D. eu acompanhei desde que chegou ao hospital, e me dedicava muito ao seu bem. É inegável que sua morte mexeu comigo. Sempre que entro no CTIp e vejo aquele quatinho onde morreram L. e D., volto, por um segundo que seja, a lembrar delas. E o encontro, que eu e Claudinei marcamos com D. e sua mãe, não aconteceu.

Catarina e Claudinei: a dupla

Venho percebendo cada vez mais que minhas crises de relação com os médicos acabaram. Sinto que estamos sendo cada vez mais respeitados, e isso talvez seja consequência da nossa escuta cada vez mais apurada e da nossa maneira de entrar e sair dos lugares. Percebi que Catarina pode ser muito mais delicada e educada sem perder sua alma bagaceira.

A dificuldade continua com as crianças que querem fazer o palhaço de capacho. Não sei ainda a melhor maneira de impor respeito sem sair do universo do palhaço. Penso que não se deve sair do universo do palhaço porque a criança tem que respeitar a Catarina e o Claudinei, não a Camila que sai do que está fazendo totalmente para dar uma bronca - no maior estilo mãe - na criança que tem mania de puxar nariz, por exemplo.

Mas a experiência vai fazer com que um dia eu saiba sair elegantemente dessas situações. Toda intervenção tem uma criança mais atacada, e com a ajuda de Claudinei, vou aprendendo a driblá-las. Tudo é uma questão de experiência. Lidar com a morte também é uma questão de experiência?

Uma coisa interessante que aconteceu (ponto para nós!)

Estávamos nós, na Enfermaria, no maior papo adulto com o médico novo (o mais novo amor de Catarina) que veio do Moçambique ao lado do leito de um bebê. Falávamos e ríamos com ele, com a enfermeira e com a mãe da criança, que já nos olhava. Num determinado momento, eu e Claudinei olhamos quase ao mesmo tempo para a

criança e, automaticamente, começamos um jogo de coro e corifeu, cantando nossas músicas inventadas para ela. Todos em volta perceberam que o papo havia acabado e observavam, atentos e contemplativos, nosso trabalho com o pequeno. A equipe da Enfermaria parece já ter percebido que estamos ali para jogar com eles também, para falar besteira, para fazer rir, mas que quando estamos num trabalho com a criança, a coisa é séria e respeitada. Esse foi só um exemplo, pois isso tem acontecido bastante. E viva a paz entre Catarina e a equipe médica!

Palhaço Custódio

Tiago Quites
Hospital Universitário Gaffrée & Guinle.
Agosto de 2010.

Depois do dia difícil na segunda anterior, uma semana conturbada com grandes acontecimentos pessoais e ansiedades pulsantes em meu corpo. Voltamos a atuar juntos, vejo que o dia começou mais calmo e a intervenção também. Percebi que neste dia os bebês chegaram para abafar os corações carentes destes dois palhaços. Como é bom ver dois bebês (F. e P.) que já conhecemos há meses crescerem e se desenvolverem. Claro, com charmes irresistíveis, eles arrasam meu pobre coração, eu babo por aqueles olhinhos redondos e a comunicação é muito especial, parece que eles conhecem a gente e se sentem muito à vontade em nos ver, e as mães, são umas coisas, super carinhosas com estes dois anjinhos. O trabalho é sensível e preciso. Vejo uma parceria muito especial entre a equipe de saúde e os palhaços. O jogo é profundo com eles, conseguimos, por exemplo, que dois médicos

usassem narizes vermelhos fazendo seu trabalho como dois grandes e respeitados doutores palhaços. É bonito ver o médico falar: “não é só colocar o nariz e fazer as coisas, o trabalho de vocês é muito mais do que isso”. Percebo respeito e parceria, pois durante a atuação, agimos em cooperação, e depois, de cara limpa, é gratificante passar por estes médicos e notar uma simples florzinha aparecendo em seu jaleco como recordação de nosso trabalho...

Neste dia estavam indo embora duas crianças para casa que os dois palhaços conheciam, e Custódio e Maricota perguntavam para onde eles estavam indo, a resposta era bem definida e forte: “Para casa!”, logo os palhaços pediam: “Não vai, vamos sentir sua falta!”, e a resposta era clara: “Tenho que ir!”, e os palhaços retrucam: “Ninguém pensa na gente, ninguém pensa no nosso sentimento, vamos ficar aqui sozinhos.”. É claro que queremos que eles vão para a casa, mas parece que cada criança que já brincou com o palhaço, vira um pouco parte dele, é como se fosse embora sempre um pedacinho. Filosofia!!! Foi divertido assumir isto nesta intervenção.

Palhaça Lola (Ex- Neca de Pitibiriba)

Ana Carolina Sauwen
Agosto de 2006.
Hospital Universitário Gaffrée & Guinle.

Antes de chegar o dia

Dia 04 de agosto. Desde o último encontro, quando ficaram marcadas as próximas visitas, esse dia passou a ser um dos mais esperados na minha agenda. Por um lado, eu queria que o tempo passasse correndo para que chegasse logo a

sexta-feira de manhã em que eu interviria, mas por outro queria que não chegasse nunca diante do tamanho receio que eu tinha de não estar suficientemente pronta.

Como as aulas de jogo e relação acabaram no começo de julho, eu já estava há certo tempo sem fazer nada, então decidi me treinar, para não estar muito enferrujada para a intervenção. Claro que a minha preparação não era nada demais, só não deixei de pensar nas questões durante as férias, continuei lendo os textos e comecei a entender mais na prática a ideia da lógica particular do *clown*, a partir de pequenas ações de palhaço que fui inserindo no meu dia a dia. Acho que o fato da minha intervenção ser nas férias foi até positivo, porque se eu estivesse em aula, talvez não ficasse tão atenta para que a procura do palhaço tomasse meu dia a dia e não somente o espaço da sala de aula. Por outro lado, cada vez tenho mais claro que realmente não dá para querer descobrir nada se não for o tempo todo.

Enquanto eu ainda estava na crise da falta de nome e, portanto, de identidade, uma pergunta que eu ouvia com recorrência de muitas pessoas para quem eu pedia sugestões era: “Mas como é a sua palhaça? Não dá para querer sugerir um nome sem saber como ela é”. Como é a minha palhaça? Eu obviamente não conseguia responder essa pergunta, que se repetia até enquanto eu decidia sobre o melhor penteado. “Mas como é a sua palhaça? A personalidade da sua palhaça que define que tipo de cabelo ela usa.” Desespero.

Caso tivesse lido o texto “Ser *clown*: quais as exigências?” antes da minha intervenção, teria ficado tranquila em relação a isso, pois pude perceber que essa definição sobre como é a minha

palhaça não é tão essencial, podendo pelo contrário, ser até mesmo limitativa, uma vez que você pode se prender às características que constam nessa autodefinição e se tornar incapaz de transcendê-las.

Quando finalmente chegou a véspera do dia, já havia feito todo um plano para aquela noite, que incluía estar dormindo às dez horas para conseguir estar disposta de manhã cedo, coisa que para mim é bem difícil. Claro que não consegui cumpri-lo, e por volta das duas da manhã ainda estava acordada, pensando se Antônia era mesmo um bom nome ou se deveria me chamar Panela de Barros. Dormi Antônia e acordei assim.

Preparação de Banheiro

Ao chegar ao Hospital meu olhar sobre ele foi completamente diferente da vez anterior, quando eu analisava tudo muito atenta, mas sem criar vínculos com o ambiente. Desta vez, eu muito presunçosamente, já me sentia parte do lugar e passei a roleta muito feliz depois de afirmar que trabalhava no Programa Enfermaria do Riso. Mas a diferença mais importante é que o meu olhar não era mais de quem queria decifrar um ambiente e sim buscar maneiras de se relacionar com ele.

Quando estávamos no Banheiro nos arrumando eu perguntei às meninas umas três vezes se elas não tinham nenhuma instrução importante para me dar. Eu pensava em trezentas possibilidades de situações delicadas, e lamentava muito não ser bombeira para ter um manual explicativo sobre como agir em cada situação emergencial específica. Minhas colegas Elisa e Patrícia brincaram, dizendo que era só eu não arrancar os tubos de ninguém, e eu comecei a

achar que talvez as coisas fossem ser mais simples do que eu andava imaginando.

Nos aquecemos e elas fizeram alguns comentários bem importantes sobre o trabalho em trio que possui inúmeras especificidades. O trabalho em trio tem a grande vantagem de que você se sente muito mais apoiada e protegida, mas por outro lado ele exige um grau de atenção e escuta muito maior do que no trabalho de dupla. Primeiro porque são três palhaças com energias diferentes que precisam de calma para conseguir perceber as propostas que estão sendo feitas e até onde vale a pena investir nelas. Além disso, o contato inicial com a criança também precisa ser mais delicado, não dá para ignorar que nos transformamos num montão de gente colorida e agitada que pode facilmente assustar alguém. Apesar das meninas já terem me dado diversas orientações sobre esses pontos eu só pude constatar a pertinência e importância de tais informações ao longo de toda a intervenção.

Eu havia selecionado alguns objetos que achei que poderiam trazer possibilidades interessantes durante o trabalho, mas na verdade não tinha um interesse maior por nenhum deles. As meninas me mostraram seus objetos e me deixaram à vontade para que eu usasse qualquer um deles, e eu acabei optando por não levar a bolsa onde carregava os meus.

Apesar de na minha bolsa não haver nada de muito fantástico ou interessante, em alguns momentos eu senti muita falta de ter alguns objetos que fossem meus e que eu pudesse retirar e usar na hora que eu quisesse. Em determinados momentos usei os das meninas, mas às vezes o tempo que eu necessitava para pedir a bolsa e

pegar o objeto de uma delas já era grande demais, fazendo com que a possibilidade de jogo que eu havia vislumbrando tivesse desaparecido. Mas foi bom, porque eu pude perceber que não levei a minha bolsa por medo, porque quando você tira um objeto e se relaciona com a criança a partir dele está claramente fazendo uma proposta, e até a intervenção começar eu estava com a impressão de que ficaria o tempo todo só seguindo o que as meninas fizessem. Me fez pensar ainda numa coisa que havia lido em um dos relatórios anteriores, da Elisa eu acho, sobre como os objetos refletem características pessoais do palhaço e de que eles também acabam sendo instrumentos constituintes do repertório de cada um.

As meninas me deixaram muito tranquila antes da intervenção ter início, mostrando que o negócio é só olhar e estar atenta ao jogo e que em qualquer dificuldade elas estariam ali para me amparar. Confesso que até aquele momento eu ainda tinha dúvidas sobre se a minha palhaça realmente existia. Mas agora era, definitivamente, muito tarde para pensar nisso. Só me restava colocar o nariz e mergulhar. Foi o que eu fiz.

E vamos trabalhar (e nos divertir!)

Acho que tive muita sorte na minha primeira intervenção. Fui abençoada com um dia muito tranquilo, sem nenhum caso muito grave, com um Ambulatório vazio e pessoas quase sempre muito receptivas e simpáticas. Enfim, um autêntico presente de primeiro dia.

Fui me utilizando dos conhecimentos adquiridos em aulas e os jogos surgiam espontaneamente, crescendo e se modificando quase que por si só. Como por exemplo, quando

estávamos no Ambulatório e um médico auscultava uma menina. A Charlotte disse que ele tava escutando música com o estetoscópio, que ela denominou *walkman*. Eu disse que era um *trance* e daqui a pouco a gente estava cantando e dançando numa *rave* com mais dois médicos que batiam palma, cantavam e dançavam com a gente.

Claro que tiveram alguns momentos um pouco mais complicados. Acho que outra desvantagem do trabalho em trio é que ele gera uma euforia em quem olha aquelas três palhaças chegando, as pessoas já ficam esperando muita coisa. Além disso, é muito difícil evitar a dispersão, não permitir que cada uma comece a trabalhar sozinha com pessoas diferentes acabando por destruir o trabalho de grupo. Teve um momento na Enfermaria que acho que foi o mais difícil dessa manhã, em que nós estávamos cercadas por quase todas as crianças internadas e cada uma delas nos solicitava com uma proposta diferente. Eu estava completamente perdida e inseri isso no jogo. Num momento em que a Charlotte fazia o jogo do apito com uma criança, outro menino tentava me dar injeções, e eu não sabia como fazer para ele esperar aquilo que a gente estava fazendo com a outra criança acabar para jogarmos com ele. A Charlotte fez uma coisa tão simples, mas que para mim foi muito significativa, quando ele foi lhe mostrar o quanto eu ficava tonta quando tomava injeções ela disse: “Não, primeiro vamos acabar aqui e depois a gente faz isso”. Pronto, muito simples, estávamos todos centrados na mesma coisa e o jogo pôde continuar.

Eu tive um pouco de dificuldade para me desvencilhar das crianças depois que o jogo acabava e a gente precisava seguir para o próximo

leito. Pensando sobre isso me lembrei da Cristina ter comentado que às vezes o que você menos gosta de fazer reflete uma característica pessoal sua. Realmente, eu tenho muita dificuldade em dizer não para as pessoas e foi muito importante para mim ouvir a Charlotte dizer: “Agora não.” e ser compreendida nesse pedido.

Acho que na verdade esse dia na Enfermaria teve como característica muito marcante o fato da gente quase não ter trabalhado isoladamente em cada leito. Até porque muitas das crianças não tinham um problema mais grave, então ficavam nos seguindo o tempo todo. No final acabamos conseguindo jogar com todas elas ao mesmo tempo. Realizamos uma cerimônia de casamento com direito a orquestra com cada uma das crianças tocando um instrumento e cada uma de nós casando com um menino diferente. Todos receberam suas alianças e pudemos ir embora.

Em alguns momentos eu fiquei no mesmo lugar da criança, só vendo o que estava sendo proposto e me divertindo muito. Como quando a Mari-êta soprava bolinhas de sabão que a Charlotte supostamente engolia, cuspido depois bolinhas de plástico. Tanto eu quanto as crianças estávamos igualmente impressionadas tentando descobrir como ela conseguia fazer aquilo. O fato de estar ali como uma prima distante que não podia ficar sozinha em casa senão ia roer todos os móveis me dava liberdade para tal. Mas estes momentos foram minoria, quase sempre eu consegui estar junto com as duas dentro do jogo, propondo e jogando com as outras propostas, em alguns momentos sem sequer saber quem tinha lançado a ideia que seguíamos.

Acho que a maior dificuldade que encontrei ao longo da intervenção foi conseguir me manter em jogo durante todo o tempo. Eu tenho uma forte tendência à dispersão, é muito difícil para mim estar concentrada durante muito tempo na mesma coisa. Claro que no hospital você não está sempre preso à mesma coisa, mas você tem que estar sempre presente, no aqui e agora. Não é como numa improvisação em sala de aula, em que você tem mais ou menos um tempo em cena que nunca é muito extenso. Ali durante no mínimo três horas eu tenho que me esforçar para não entrar no fantástico mundo de Ana e começar a entrar numa viagem particular que só acontece na minha mente (que normalmente é muito divertida, mas só para mim). Todos os momentos em que eu quase comecei a viajar foram os que eu estava mais afastada do jogo. Quando o notava, tentava imediatamente me fixar em alguma coisa concreta que estivesse acontecendo para voltar a me interessar pelo presente.

Ao final da intervenção eu estava muito aliviada e feliz porque tudo tinha corrido bem, mas principalmente muito, muito cansada. Porque é um trabalho que realmente exige um empenho físico e mental total e que só funciona por causa desse empenho.

Foi muito bom ver que realmente existem situações que só podem ser resolvidas na prática, e que o bicho de sete cabeças que eu estava começando a criar na minha mente na verdade não é tão grande assim. O espaço para errar e se divertir é muito maior do que eu pensava. É claro que há um limite para esse erro, é claro que é antes de tudo um trabalho. Mas é claro que é

muitíssimo divertido. Um universo de possibilidades.

Palhaço Arlindo Ovelha

Matheus Lima
Agosto de 2010.
Instituto Fernandes Figueira.

Este dia foi de muito aprendizado. Espaço pouco conhecido que ainda é para mim o IFF, novas experiências com nosso recém-chegado palhaço Zeca Vado - em sua estreia no IFF - e nossa convidada Letícia.

Achei bastante difícil este dia. Dos dezoito pacientes, aproximadamente dezesseis eram bebês de até um ano e dois meses e foi complicado estabelecermos jogos com início, meio e fim, jogos de objetos, etc. Acho na verdade que isso faz parte do tipo de trabalho feito neste hospital, mas por vezes me senti perdido, sem saber muito como conduzir o jogo. Acho que eu tinha um pouco mais esse papel na dupla – por ser a primeira vez de Zeca Vado no IFF - e não sei se consegui cumprir bem essa função.

Com a maioria dos mais novos trabalhamos com músicas e jogos de toque, contato. Achei que tivemos alguns bons momentos e outros menos aproveitados. Fizemos um bom jogo na Neonatal (não sei se é esse o nome!) com as enfermeiras e acompanhantes. Acho que conseguimos por alguns momentos fazer com que o espaço perdesse o peso natural associado a ele. Senti o espaço ficar mais leve, sensível. Eu e Zeca Vado cantamos e tocamos uma música de pergunta e resposta que envolvia o público e tivemos bom retorno.

No fim da atuação a Letícia comentou que as fisioterapeutas estavam olhando nossa atuação

com o W. e que estavam impressionadas com ele, porque ele estava em uma posição – apoiando-se com seus dois braços projetando o corpo para cima - que ele não conseguia ficar normalmente por muito tempo. Fizemos um jogo de toque com ele e foi interessante a maneira que ele nos olhava, sempre muito atento.

Desta atuação ficaram perguntas e perguntas sobre como trabalhar da melhor maneira com os bebês, sob essas circunstâncias.

IFF – Arlindo Ovelha e Ramiro Ramos

Achei que neste dia eu (Ovelha) e Ramiro fizemos um dos nossos melhores dias juntos como dupla. Tivemos boa escuta, e consegui por muitas vezes efeitos positivos nos nossos jogos com os pacientes, além, é claro, de eu ter me divertido muito fazendo, curtido muito cada olhar novo, cada movimento inesperado. Eu particularmente tive uma dificuldade inicial bem grande em relação às enfermeiras e suas posturas no espaço do Hospital e nas relações com os palhaços. O ambiente da Enfermaria pediátrica me parece tão sensível, e senti o comportamento de algumas enfermeiras e acompanhantes por vezes histérico e excessivo, contrastando com a necessidade do ambiente. Elas pareciam precisar mais da gente do que as crianças, porque a todo momento iam nos requisitar, muitas vezes atrapalhando os jogos feitos com as crianças dos quartos, interrompendo momentos preciosos. Ainda existe um *frenesi* em relação ao Ramiro, sinto que elas ficam eufóricas com a presença dele, mas acho que, com o tempo, fomos conseguindo jogar, não cedendo a esse *frisson*, mas sim às necessidades do nosso jogo com as crianças.

Depois do susto inicial, vieram as recompensas satisfatórias do trabalho. Vi na atuação deste dia respostas concretas de algumas crianças aos nossos jogos. Em um determinado quarto, havia um paciente de 12 anos junto com um bebê de 10 meses. Jogamos com o menino mais velho, quando fomos para o bebê ele estava relativamente choroso. Assim que toquei um primeiro acorde no cavaquinho, na mesma hora, o bebê mudou totalmente a expressão do rosto, mostrando-se absolutamente atento ao que acabara de ouvir. Começamos a tocar para ela; a música parecia concretamente aconchegá-la; na terceira vez que tocamos a canção, ela suavemente sorriu, permanecendo por um tempo; depois da quinta ou sexta vez, ela começou a pestanejar e foi dormindo lentamente; fomos saindo devagar, ainda tocando a canção.

Entramos no quarto seguinte, que tinha uma menina de 6 anos de idade cega, e um bebê de 7 meses. Entramos nos apresentando para todos, pedindo permissão para entrar e, quando já lá dentro dissemos: “muito prazer, somos os enfermeiros (tal, tal), queremos tirar uma folga do trabalho, podemos tocar uma música aqui no quarto de vocês para dar uma relaxada?”. Com a resposta positiva, puxamos uma música. Ovelha no cavaquinho e Ramiro na flauta e, para nossa surpresa, a menina cega levantou da cama onde estava (que é como um berço, com grades de proteção) e começou a dançar muito, sem parar, rindo, acompanhando as músicas, jogando com a gente. Ficamos bastante tempo no quarto tocando, ora mais focados nela, ora mais direcionados à menina mais nova (de 7 meses), com uma música mais delicada, suave e de menor volume. Foi bem

impressionante ver como o estímulo musical acessou sensibilidades na menina, que ficou por todo o tempo de nossa atuação lá dançando muito, em pé, disposta. Tivemos outro jogo simples que acho interessante de ser minimamente relatado: um menino de aproximadamente 2 anos, seriamente debilitado, nos assistia tocar diante dele e, na terceira rodada da música, começou a dançar conosco, sentado na cama balançando os quadris, mexendo levemente o tronco.

Palhaço Batatinha

Filipe Codeço

Relatório final de 2006.

Hospital Universitário Gaffrée & Guinle.

“Quão essencial me parece ainda mais a figura do palhaço, este viajante no tempo e na história da humanidade, pelos mais diversos espaços, para um mundo que cada dia mais perde a capacidade de brincar e se reinventar.”

Ricardo Puccetti

Foram muitas intervenções ao longo desse ano. Muitos contatos efêmeros, mas vertiginosos. Pequenos instantes que transformaram meu olhar perante a vida. Minha relação com o agora de cada momento. Fragmentos que edificam uma escola de vida. Dois anjos que se foram e resignificaram minhas concepções e meus entendimentos sobre a morte.

Atuando como palhaço enfermeiro no HUGG

Há quase dois anos estou atuando na pediatria do Hospital Universitário Gaffrée & Guinle. Nossa atuação se dá através da interferência no cotidiano de determinados lugares

do hospital. Intervimos nas Esperas para os Ambulatórios, nos Ambulatórios, na Enfermaria, no CTIp e nos percursos de um a outro. Nosso contato com as pessoas se dá através da lógica do palhaço, e através dela podemos subverter as estruturas e os procedimentos cotidianos do hospital. Temos como foco a relação com a criança. E nessa relação, o palhaço tem a delicada missão de resignificar a realidade que lhe foi imposta. Exercemos a função de educador ao redimensionarmos seu olhar em relação a sua própria enfermidade, à sua postura em relação às outras crianças e à equipe médica. Para tanto atuamos sempre em dupla, munidos de objetos e um repertório que nos garante a eficiência da intervenção. Durante o contato com a criança, usamos certos objetos para materializar questões subjetivas, estabelecendo outra instância de diálogo, além de recorrentemente deixarmos com ela algum objeto que será o significante que simbolizará a essência de nossa relação.

Cada dia de intervenção se organiza da seguinte forma: assim que chegamos ao hospital, vamos à Sala dos médicos, onde anotamos o quadro clínico das crianças internadas na Enfermaria e conversamos com os médicos, enfermeiros ou residentes que ali estão sobre questões relativas à conduta da criança, ao seu estado físico e emocional, às precauções de contato e sobre os acompanhantes. Nossa relação com a equipe médica costuma ser bem amistosa nesse momento, apesar de algumas vezes acontecer da mesma perder sintonia durante a intervenção. Enfim... Permanece a busca por uma harmonia mais consistente, menos frágil. Ao sairmos da Sala dos médicos vamos para o Banheiro. Ali nos maquiemos, nos vestimos,

convergimos os repertórios em possíveis números, fazemos um breve aquecimento e partimos para a intervenção.

O Palhaço Enfermeiro é um profissional da saúde?

Sou um profissional da saúde? Se sou não sei. Se esse termo é cabível à minha função também não sei, no entanto, sinto que ocupo um lugar específico na estrutura da saúde. Um lugar que nenhum outro profissional presente no hospital pode ocupar. Ou, pelo menos, que nenhum outro profissional se capacita para ocupar. E o reconhecimento dessa função? Existe um reconhecimento apenas parcial. Há quem recorra a nossos préstimos em determinadas situações e em outras não nos dá muita credibilidade. Sinto que o problema, sobretudo, é o da falta de informação. Somente aqueles que tem certa proximidade com nosso trabalho têm a dimensão dos resultados que ele provoca. Há algum tempo ouço falar em humanização hospitalar (e se há algum tempo eu ouço falar, é porque há muito esse assunto deve rolar no meio da saúde), no entanto, na prática vejo que há um caminho enorme a ser percorrido nesse âmbito dentro da medicina. Vejo isso, principalmente na postura de muitos médicos e da maioria dos estudantes, ao entrarem em contato com a figura do palhaço dentro do hospital. É recorrente perceber um menosprezo, uma aceitação com restrições, ou ainda um certo tom de caridade quando se referem ao palhaço. Percorramos então esse caminho com ações, pois nada e nenhum argumento é mais eficaz para nos inserir e determinar nossa função dentro do hospital do que nossa ação.

Incluindo a equipe médica no jogo com a criança

Uma das atitudes que tenho tomado é a de incluir a equipe médica no contato com a criança. Residentes, enfermeiras, faxineiras, psicólogos, palhaços e crianças. Todos habitando um mesmo espaço, compartilhando uma mesma atmosfera. Como temos uma enfermaria ampla, sem divisórias entre os leitos, podemos construir com a participação de todos, um ambiente propício ao riso. Sinto que não podemos desconsiderar nunca que não estamos sozinhos no desejo de propiciar a vida no olhar da criança, ainda que executando funções distintas. Que estamos todos ali comungando um mesmo objetivo: a cura. Cada um dispo de seus instrumentos e técnicas peculiares. Incluindo a equipe médica, através da postura de organização do branco (arquétipo do palhaço que comanda a ação, ou simplesmente acredita que comanda), ganhamos a confiança do médico, que sente a segurança de se ver incluído em nosso procedimento, e da criança, que vê aquele que está ali diariamente com ela, realizando a rotina hospitalar, se envolver em uma ação lúdica, transcendendo a relação estabelecida habitualmente.

Sobre minhas utopias

Sinto meu romantismo se reinventar. Habitar o hospital está me ensinando a re-conceber certas visões e idealizações perante a vida. Quando uma das pacientes da Enfermaria, a D., foi para a CTIp, já soubemos que seu caso era grave. Aos poucos ela foi se recuperando embora ainda continuasse a ser um caso grave. Romanticamente pensava: ela vai superar essa! No entanto em poucas semanas ela faleceu. Assim foi com a L.,

outra paciente da Enfermaria. Sabíamos que sua doença não a permitiria viver muito, ainda que ela parecesse cheia de vida. Até que o inevitável aconteceu diante de meus olhos. Ela veio a falecer um pouco depois de nossa visita. Triste! Difícil entender o inelutável. A implacabilidade da morte. Saber que uma criança, nunca chegará a ser adulta, e que nem mesmo sua infância ela poderá fruir livremente, é complexo de se assimilar. Mas ainda assim no auge do meu romantismo reinventado, acredito que essa foi sua condição de habitar esse mundo. Ela só veio a ele porque estava preparada para enfrentá-lo dessa forma e para nos ensinar a enfrentá-lo. Por aí vão minhas utopias...

Batatinha no Palco e no Hospital

Dois universos bem distintos de atuação: o palco e o hospital. Artíficos distintos para veículos distintos. No hospital, logo que avistamos uma criança, analisamos sua postura, sua roupa, suas características físicas, para então identificarmos um possível exame que a transporte para uma atmosfera lúdica onde se transcende a percepção habitual da realidade. Estamos intervindo em dupla e tudo que temos somos um ao outro, nossos objetos e nosso repertório. Nosso olhar já enquadra potenciais relações. Um braço cruzado, uma flor na roupa ou em algum objeto, uma muleta que lembra uma flauta transversa... São coisas que rapidamente podem ser transformadas simplesmente por um gesto nosso ou algum objeto que lançamos mão e nos utilizamos dele para operar a transformação. O hospital requer um estado de atenção permanente, pois as pessoas que a princípio só esperavam sua consulta ou a do filho, quando vêem o palhaço, já esperam que ele

as surpreenda. E nós, os palhaços, teremos apenas como matéria para transformação, o contato genuíno que conseguirmos estabelecer com estas pessoas, que como já disse, mas não custa repetir, não foram ao hospital para nos assistir, nem estão com suas atenções exclusivamente focadas em nós. Há no hospital, em qualquer dos ambientes, desde as esperas ao CTIp, muitas outras coisas acontecendo passíveis de atrair suas atenções. Além, no caso dos pacientes, das dores, da debilitação física, da tensão e do medo. Além ainda, de muitas vezes, a preocupação e o desespero dos acompanhantes. No palco há naturalmente, uma convergência da atenção. Os espectadores foram exclusivamente com o propósito de nos assistir. Há também uma dramaturgia alicerçando nossas ações. Ainda que não seja uma dramaturgia textual ou uma dramaturgia rígida, existe um desenvolvimento narrativo pré-estabelecido. Isso gera um ambiente onde, particularmente, me sinto mais à vontade. No hospital, o objetivo de nossas ações é o paciente. Tudo o que fazemos é em função dele. Há talvez um receio por nossa parte em contrariá-lo e uma necessidade em conquistá-lo. Isso é claro para nós e para quem nos observa. Pais, médicos, enfermeiros ou acompanhantes. No palco necessitamos conquistar o público. Um público heterogêneo formado por diversas coerências. Me sinto mais à vontade para conquistá-lo. Mais livre. Não tenho o receio de machucá-lo ou constrangê-lo. É no palco que sinto meu potencial se afirmar. Posso entrar em contato com minha anarquia. Adoro isso!

Formação

Nossa formação é aquilo que perpassa todos os outros tópicos. Treinamos semanalmente e através desse treinamento edificamos nosso repertório, afinamos nosso jogo em dupla e estudamos diversas formas de nos relacionarmos com o espectador, quando agrupado em uma plateia, quando sozinho, quando enfermo, quando ativo, quando passivo... Para cada situação, corresponde uma forma de abordagem. Complementando os treinamentos, temos os seminários dirigidos e encontros com uma psicóloga. Os seminários aprofundam nosso alicerce teórico para as situações que vivenciamos no hospital e nos ajuda a esclarecer sobre termos e procedimentos hospitalares. Abordamos neles temas como: A criança no hospital, Técnicas de enfermagem, O bebê na CTIp, A criação da externalidade do mundo, etc.

Além dos seminários, temos encontros com a psicóloga Cristina Soares, que nos oferece um respaldo mais preciso e específico. Ela observa nossas intervenções durante um período antes de nosso encontro e, então, podemos esclarecer questões pontuais que surgem no decorrer destas e amparar algumas sobrecargas psicológicas.

Repertório recorrentemente usado nas intervenções:

- A ôla - Organizo uma ôla com as pessoas que esperam suas consultas, comparando esta a uma revolução social onde o movimento de um desencadeia o movimento do próximo tornando possível o movimento coletivo.
- Adivinhando idades, nomes e outras coisas - Com a ajuda dos pais ou acompanhantes das crianças -

que me passam as respostas por sinais ou só articulando sem som as palavras - descobro informações como: idade, nome, time que torce...

- Piadas anamnéticas - Perguntas lúdicas de anamnese do tipo: Algum membro da sua família é um braço? Seu intestino é grosso ou educado? Você costuma agasalhar suas frieiras?

- Ajuda para bombear bolas de soprar - Quando vou encher uma bola de soprar estendo a mão para alguém. A pessoa aperta minha mão e balançamos para baixo e para cima como o gesto clássico do aperto de mãos. A partir desse movimento a bola vai sendo enchida.

- Exame para contar costelas - Esse exame consiste em uma contagem manual de costelas. Com nossos dedos vamos contando o número de costelas e fazendo cócegas ao mesmo tempo, levando a pessoa a gargalhar. Então interrompemos o exame e alegamos que não podemos prosseguir-lo, pois o paciente não pára de rir, atrapalhando nosso trabalho.

- Colhendo flores das roupas ou acessórios - Sempre inicio uma intervenção munido com pequenas flores de plástico. Se durante a intervenção avisto alguém com uma roupa ou um guarda-chuva estampado com flores, já sei que poderei a qualquer momento colher minhas florezinhas deles através de um truque. Basta surgir em nossa relação um pretexto para tanto. Às vezes é uma bolha de sabão que estoura na roupa desabrochando uma florzinha de plástico, outra vez é uma necessidade de colher a flor para aliviar o peso da roupa...

- Pontos que apitam - Temos um código entre nós que nos permite encostar em uma pessoa e ela apitar. Fazemos isso através de uma pequena

buzininha que carregamos escondida e a acionamos sem que a pessoa perceba. Às vezes o próprio palhaço que encosta na pessoa aciona a buziniinha, às vezes, é o outro palhaço que aciona. Quando a pessoa está apitando, lançamos mão de algum outro truque para que ela pare de apitar.

Palhaça Maricota

Mariana Fausto
TCC Licenciatura em Teatro – UNIRIO, 2013.

Ó raia o sol, suspende a lua: olha o palhaço no meio da...universidade?

Experiências de formação acadêmica para palhaços de hospital.

Quem anda no trilho é trem de ferro,
sou água que
corre entre pedras: liberdade caça jeito.

Manoel de Barros

A partir do breve apanhado histórico sobre a formalização dos estudos de palhaço e sobre o trabalho do palhaço de hospital e da apresentação dos dois programas universitários de formação de palhaços para a atuação em ambiente hospitalar, o Enfermaria do Riso e o *Medical Clowning Academic Training Program*, podemos refletir sobre caminhos trilhados até agora, plenos de aproximações e diferenças, e encontrar algumas das questões mais urgentes que surgem como pistas das novas estradas que se abrem para o palhaço de hospital, sua arte, seu trabalho. Um primeiro ponto importante é que o palhaço de hospital já é uma figura reconhecida dentro do ambiente hospitalar; este já é um espaço conquistado. O grande desafio

no momento é estabelecer códigos de ética, plataformas de trabalho, é garantir a qualidade do trabalho. Ambos os programas de formação aqui estudados visam justamente assegurar esta qualidade artística, distinguindo o trabalho profissional do trabalho amador, voluntário. E a Universidade funciona como espaço de legitimação deste conhecimento, campo para desenvolvimento de pesquisas. No entanto é possível identificar visões bem distintas sobre a profissionalização, sobre objetivos e condutas do palhaço no hospital:

O Programa Enfermaria do Riso é uma ação de ensino e extensão universitária, onde os palhaços formados, treinados para atuarem como palhaços enfermeiros são estudantes bolsistas. O caminho primeiramente realizado foi da Universidade em direção à sociedade, e as preocupações principais são com a qualidade da formação, como este ator desenvolve outras possibilidades de atuar, como constrói outros espaços de atuação que não os palcos, como reencontra essa função social milenar que é a de humanização das relações. Em quinze anos o programa formou trinta palhaços de hospital. Para o Programa, a qualificação do trabalho está diretamente ligada a uma reflexão crítica sobre a figura do palhaço dentro do hospital, na afirmação do teor artístico, transgressor da atuação do palhaço como premissa básica. Os efeitos terapêuticos são consequência de uma atuação artística bem realizada.

Para Ana Achcar, a surpresa, a estranheza, o contraste da figura do palhaço no ambiente hospitalar é fundamental para sua ação; agir em cooperação com a equipe médica, mas nunca, e em nenhuma medida confundir-se com ela. A

banalização da figura do palhaço é o grande inimigo, a grande armadilha contra a qual se investe todo o arsenal de técnicas de improvisação, de criação de jogos, de comicidade, de milênios de tradição de irreverência, humor, sátira, paródia. Entrar no hospital não é mais uma dificuldade, a grande questão dos profissionais na atualidade é como se manter artista na saúde. O mercado de trabalho, na opinião da coordenadora do programa, está sim crescendo, com a abertura de novos hospitais, com demanda de palhaços para atuarem em suas dependências e de oficinas de capacitação para profissionais da saúde. Mas uma verdadeira expansão da profissão só será possível com preparação qualitativa, e esclarecendo a relação independente do palhaço com as instituições de saúde, o que significa não ter vínculos empregatícios, de nenhuma forma ser remunerado pelo hospital, e sem se submeter a decisões, demandas, ao poder das administrações e equipes médicas desses hospitais. É importante manter a figura do palhaço como uma figura autônoma, mesmo que isso impeça uma expansão profissional em larga escala. Outras cláusulas importantes do “Código de ética do palhaço de hospital” adotado no Programa Enfermaria do Riso e em sintonia com códigos deontológicos de outros programas como o *Le Rire Medicin*, estabelecem um padrão de atuação sempre em duplas de palhaços, evitando os momentos em que procedimentos médicos dolorosos estão sendo executados.

O *Medical Clowning Academic Training Program* surge como uma demanda do Projeto *Dream Doctors*, ou seja, em um caminho inverso ao do Programa: sociedade em direção da

Universidade. O foco da graduação é no caráter terapêutico, na profissionalização do palhaço médico, no reconhecimento deste profissional como integrante da equipe médica. O programa de formação segue em parceria estreita com o *Dream Doctors*, e partilha a visão profissional acadêmica do projeto de criar um campo de trabalho que abarque a totalidade de hospitais de Israel. No projeto *Dream Doctors* os palhaços podem ser subvencionados indiretamente por instituições hospitalares, e visam justamente a integralização nas equipes médicas. Um dos objetivos é que os palhaços participem de todos os procedimentos, inclusive os dolorosos, de intervenção médica ou pré-cirúrgica, e de acordo com demandas dos médicos, enfermeiros, terapeutas, etc. Além disso, muitas vezes os palhaços atuam individualmente, dependendo da “especialidade” desenvolvida.

Para Atay Citron, em entrevista cedida, a maior conquista do *Dream Doctors* é a sua aceitação pela equipe do hospital como membros do time, e a incorporação, o grande envolvimento, dos palhaços em quase todos os procedimentos médicos, incluindo intervenções cirúrgicas. Israel é um país relativamente pequeno (as dimensões de Israel são comparáveis às do estado de Sergipe, no Brasil) e jovem (apenas sessenta e seis anos de existência). É, no entanto, um dos líderes mundiais na área de medicina, uma potência na área médica, desde a pesquisa e desenvolvimento de medicamentos e novas tecnologias, até a qualificação dos profissionais, rede de hospitais, de atendimento preventivo e estrutura do sistema de saúde. Israel tem uma das mais altas expectativas de vida do mundo (81 anos), um dos maiores índices de médicos e leitos por habitantes, e um

dos menores índices de mortalidade infantil. A realidade brasileira é bem diferente da israelense. Nosso país é muito maior (em extensão do território e população), muito mais velho, e nossos problemas históricos de desigualdade social, de saneamento básico, de acesso à saúde são muito graves. Embora o investimento em termos percentuais do PIB seja muito parecido (9,5% Israel e 9% Brasil), e nosso Sistema Único de Saúde (SUS) seja o maior sistema do tipo no mundo, o país possui índices muito baixos de leitos e médicos por habitantes, uma expectativa de vida bem inferior à de Israel e taxa de mortalidade infantil ainda muito acima do esperado. Estas diferenças ocasionam peculiaridades nas realidades hospitalares de ambos os países, e nos tipos de relação e metas estabelecidas nas atuações dos palhaços. O desejo de atuar em todos os hospitais do país, embora ainda uma grande ambição, é muito mais palpável pelo *Dream Doctors*; onde há uma maior proximidade entre estados e cidades, e condições melhores de trabalho para a equipe médica. Mas na realidade brasileira, onde as necessidades básicas de médicos, leitos, medicamentos e infraestrutura para toda a população não são atendidas, como garantir a assistência de palhaços em todos os hospitais? Como pensar na obrigatoriedade do palhaço, se falta médicos no hospital? Por outro lado, a presença de palhaços como agentes humanizadores é muito importante para melhorias no campo das microrrelações em um ambiente de carência, melhorias estas que acabam por influenciar as macrorrelações.

Apesar destas grandes diferenças levantadas no campo das visões profissionais acadêmicas, de objetivos e princípios profissionais,

as questões observadas no campo da prática de formação do palhaço de hospital, da educação, são muito parecidas nos dois programas analisados. As duas experiências demonstram a especificidade deste tipo de formação, onde a qualidade está acima da quantidade. Não é possível fazer uma formação em massa, industrialmente. O processo de desenvolvimento do palhaço é muito individual e exige vocação, talento, escolha, amadurecimento, vivência, trabalho externo, dedicação, tempo para assimilar técnicas... Ana Achcar e Atay Citron concordam plenamente em seus discursos que um bom palhaço de hospital precisa ser, antes de tudo, um bom palhaço. Enquanto Atay Citron almeja um novo grupo de palhaços como o do projeto piloto, que incluía a equipe do *Dream Doctors*, para impulsionar a graduação (e afirma que o processo de aprendizado de estudantes que têm apenas a formação terapêutica é muito difícil), Ana Achcar planeja que a formação dos palhaços enfermeiros alce vôo para o âmbito da pós-graduação; ambos almejando trabalhar com artistas com mais experiência, mais maduros profissionalmente, já formados, que desejem se aprofundar nesta arte, mergulhar neste novo campo.

Portanto, retomando as questões colocadas na introdução deste trabalho: o ensino da arte do palhaço de hospital, assim como do palhaço de maneira geral, dentro das Universidades é uma conquista de reconhecimento desta arte como campo de saber, e uma demanda cada vez maior dos estudantes e da sociedade. Vivemos um rico momento de discussões e trocas acadêmicas em âmbito nacional e internacional, de estruturação, estabelecimento de códigos e metodologias. No entanto, como nas diversas

linguagens artísticas, é preciso contar sempre com a imprevisibilidade, com uma parcela grande de subjetividade, de invisível. O palhaço pode circular por disciplinas, mas nunca ficará preso a elas, senão, não será mais palhaço. Processos educativos precisam ser criados e recriados a todo tempo, como as efêmeras, porém intensas, relações estabelecidas entre palhaços e pacientes durante os jogos. Uma avaliação precisa nunca será quantitativa, e sim qualitativa. Todos os estudantes de teatro podem (e devem, em minha opinião) experimentar a linguagem do palhaço, por mais ou menos tempo, ferramenta maravilhosa para o trabalho do ator, para a renovação do olhar. Mas ser palhaço é uma escolha que não se prende a tempos determinados, notas e demandas externas – mas sim a uma disponibilidade interna – e esta não se pode mensurar.

Palhaça Margot

Anna Terra

Junho e Julho de 2011.

Instituto Fernandes Figueiras, Hospital da Lagoa e

Hospital Universitário Gaffrée & Guinle.

Atuação com a enfermeira palhaça Matilde

Primeira vez em dupla com Matilde. O foco da atuação foi em evitar falar, mas não conseguimos muito. Na verdade conseguimos até entrarmos na primeira sala para lavarmos as mãos. Nossa saída foi um pouco apressada. Matilde estava com muita energia!

Assim que entramos na salinha do elevador tivemos um jogo interessante: Matilde saiu correndo e Margot saiu atrás. Uma palhaça se perdeu da outra, nos achamos e de repente começamos a sentir o barulho de uma britadeira

nos nossos pés como se estivéssemos sendo guiadas e levadas pelo barulho. Trrrrrrrrrr em saltos pelo espaço, colocando foco total no corpo e na relação dupla/espaço. Fomos assim até o *hall* de entrada da Enfermaria, bem conectadas e guiadas pelo som. Lá encontramos A. acompanhada por uma médica e desatamos a falar, jogando, mas agora com o foco na fala.

Pontos interessantes da atuação: entramos em um dos *boxes* logo no início, terceiro ou quarto. Um bebê acompanhado pela mãe. O bebê em uma situação complicada e não interagia muito, então, fomos trabalhar com a mãe. Começamos a examinar o pé dela que estava apitando, tiramos a coberta dela e ela estava meio quieta, mas prestando atenção. De repente ela começou a chorar. Fiquei um pouco tensa, mas logo sacamos flores dos bolsos e pedimos para ela regá-las. Ela secava as lágrimas e nós pedíamos para que ela regasse as flores e não secasse as lágrimas. Ela se acalmou. Decoramos a cabeça dela com as flores já regadas e saímos.

No início da segunda parte de *boxes* reencontramos A. acompanhada pela mãe. Inspiradas pelo *Rasaboxes* do dia anterior começamos a arrumar a cama da mãe e de A. causando risos nas duas. A. que costumava ficar um pouco retraída em outras atuações interagiu bastante. Matilde iniciou um procedimento de beleza em A. e Margot um procedimento de “enfeimento”. Ao final do procedimento A. estava coberta de bolinhas vermelhas, no rosto, de forma desorganizada, e nas unhas de forma organizada.

No último *box* encontramos J.. Um menino hiperativo amarrado pelo nariz por um tubo de oxigênio. Ele nos esperava de pé na porta do

quarto, gritando e chamando a gente. Eu fiquei assustada, mas seguimos em frente. Ao entrar, J. quis pegar todos os nossos objetos mas focou no pandeiro, querendo tocar, cantar... Propus uma aula de *Tai Chi* para ele se acalmar. Surpreendentemente ele topou o jogo, mas Matilde não conseguia acertar o *Tai Chi* e J. voltou a sua euforia inicial. Fomos tentando conter J. e saímos dando uma volta maior para chegarmos ao CTIp.

Lá chegamos ao lado do leito de B., com traqueostomia, e ele começou a ficar agitado e a chorar. Matilde estranhou, pois, essa não era a reação normal dele. A enfermeira que estava lá falou – "Calma B., elas já pararam!". Depois ficamos sabendo que ele estava com dor nesse dia e o choro pouco tinha a ver com nossa presença.

No leito ao lado tive um momento especial com um bebê. Matilde estava com o miolo mole fazendo movimentos através do vidro e cantando uma música. Matilde me passou o miolo e comecei a fazer a mesma coisa mais lentamente e ele começou a acompanhar o movimento do miolo e sorrir. Foi muito gostoso!

Atuação com o enfermeiro palhaço Zeca Vado

Nessa atuação eu estava um pouco gripada, com a energia meio baixa e coriza. Fui preparada para encontrar J., da atuação anterior, então não levei o pandeiro para tentar fazer algum jogo diferente com ele. Ele tinha saído... Foi interessante fazer duas atuações seguidas no mesmo hospital e perceber as mudanças dos pacientes. A atuação seguiu bem, mas não conseguimos concluir alguns jogos. Da intervenção

descrevo três momentos: o primeiro com A. (da intervenção anterior) uma médica e uma enfermeira. Margot escravizou Zeca e a médica escravizou a enfermeira. A. observava e Zeca nada obedecia. Aos poucos todos chegaram à conclusão de que Margot não sabia mandar, e A. começou a dar ordens em Zeca que obedecia prontamente. O segundo: entramos em um *box* onde F. estava trocando a fralda. Como era uma menina de 10 anos, Margot pediu a Zeca para fechar os olhos. Ele de olhos fechados, conduzido por Margot, cumprimentou a porta, a cadeira e finalmente quase deu um beijo no pai da menina, que provocou risos gerais. O terceiro: pedimos para entrar em um *box* onde tudo estava apagado, mas o menino estava acordado. Ele tinha começado a interagir há pouco tempo. Antes ele dividia o quarto com J., o hiperativo. Fomos entrando, mas o menino começou a chorar, a avó falou com ele, mas nada feito. A sensação foi estranha, não de ser rejeitada, mas de provocar no outro angústia e nervoso. Saí desse *box* com a sensação de ter invadido o espaço dele.

Outras atuações com a enfermeira palhaça Matilde

O hospital estava vazio com poucas crianças. Para mim foi um dia difícil, mas conseguimos alguns jogos legais. Pontos interessantes:

Jogo no CTIp com enfermeira em que Margot dormia e era jogada de um lado para o outro por Matilde e acabou por abraçar a enfermeira. Ela ria, ria, ria...

Jogo de Matilde e seus piolhos. Margot achou piolhos numa médica do CTIp e pediu para Matilde matar, esta colocou o piolho na cabeça e o

chamou de Rafa. Rafa começou a andar e coçar, e de repente, sem querer, Matilde o matou, o que lhe causou profunda tristeza. Então ela foi contar o acontecido para a acompanhante de B., um prematuro, sentou em seu colo e chorou, Margot tentou acalmar a parceira sem sucesso. Foi interessante ver a mãe rindo da tristeza de Matilde.

Jogo na enfermaria com J. e V. de 12 anos. Chegamos por trás e demos um susto sem sucesso neles, roubamos as bolas de luvas que estavam em suas mãos e começamos a jogar basquete. Margot perdeu o jogo por pontos e chamou Matilde para jogar futebol. Os meninos fizeram o gol, e em um momento de distração de Matilde, Margot fez vários gols. Fomos desenvolvendo esse jogo com as luvas, até que Margot escondeu as bolas debaixo da saia e os meninos caíram na risada. Eles ajudaram a manter o segredo das bolas de Matilde. Assim que ela descobriu jogamos mais um pouco, limpamos as bolas com cuspe e as devolvemos para os meninos que as jogaram fora.

Em outra atuação, foi como se um trator tivesse dado a partida. Começamos desencaixadas, sem ritmo e aos poucos fomos dando ritmo e começamos a engatar o jogo. Ao fim da intervenção, Letícia (palhaça Matilde) ficou um pouco incomodada achando que ficamos muito no corpo cotidiano. Não consegui ter essa percepção.

Gostaria de pontualmente descrever nossa entrada no quarto de B., de 16 anos, com Leucemia. Tivemos a informação de que ela estava um pouco deprimida. Entramos, ela estava no banheiro e a mãe estava jogando no computador, quando nos viu chamou a filha que estava no banheiro. Quando ela nos olhou repudiou imediatamente. Aos poucos fomos desenvolvendo

um jogo com ela, fazendo-a ficar mais receptiva. Fizemos um jogo relacionado à beleza. Não consigo descrever o jogo detalhadamente, mas saí de lá com a impressão de que por pouco não exageramos na dose com ela e invadimos seu espaço.

A invasão do espaço ficou dessa intervenção como uma questão para mim. Precisamos entrar? Até onde podemos chegar? Quando o não é um sim? Quando podemos fazer o não virar um sim?

Palhaça Paulalaura

Laura de Castro
Setembro de 2016
Hospital Universitário Gafrée & Guinle

Rio de Janeiro, 30 de setembro de 2016

Mãe,

Eu queria falar sobre o L.. Na última conversa que tivemos sobre o hospital, aí na sala da sua casa, nós falamos sobre ele, você se lembra? Bom, de qualquer forma sinto que preciso te contar algumas coisas antes. Percebi que, durante todo esse tempo te contando sobre o trabalho de atuação como palhaço de hospital, nunca descrevi em detalhes como as coisas funcionam por lá, e deixo sua imaginação correr solta. Não que eu queira cortar a sua imaginação, mas vou dar um norte para ela, tá?

É importante você entender que eu e as outras enfermeiras palhaças temos uma rotina. A minha começa em casa quando enfio a cabeça debaixo do chuveiro e penteio os meus cabelos partindo-os ao meio, a musiquinha da Paulalaura começa a tocar ali. Coloco tudo na mochila, outras

coisas na bolsa, a sacola do sapato e o *ukulele*. Chego ao hospital e encontro a B. e o A.. Ela vende jalecos atrás de um balcão branco e comprido, ele fica sentado em uma cadeira estrategicamente posicionado embaixo de um telefone estilo orelhão, observando tudo. Eu nunca escapo do seu relógio dourado, que mais parece uma máquina do tempo, e sempre sabe quando me atrasei. Passo pela sala do Dr. Edson, o diretor do Hospital. Lembra quando você mandava eu parar de falar com gente na rua? Acho que o Dr. Edson é que nem eu: tem cara de quem faz amizade por aí. Nós dois sempre temos algum assunto a tratar. Outro dia ele descobriu que eu não tomo remédio e que nunca tomei vacina... Você tinha que ver a cara dele! Mas ele não é radical, tem a cabeça aberta e o coração tranquilo. Uma vez ele defendeu a profissão de ator, de artista na frente de uma turma de alunos de medicina, foi incrível a forma como ele falava com respeito e admiração, o apoio dele é de suprema importância para a nossa ação. Saio da sala e continuo meu caminho, subindo as escadas, até a Enfermaria. Durante todo esse percurso observo as pessoas com quem a Paulalaura vai se encontrar daqui a pouco, vejo se o corredor está cheio, quem são as crianças internadas e quais os profissionais que estão trabalhando naquele dia. Então, lá no segundo andar onde fica a enfermaria, existe um quadro branco com os nomes dos pacientes, a idade e porque estão internados. Muitas vezes preciso pedir ajuda a algum médico para entender a sigla que define a doença. Desço as escadas, dobro à esquerda e entro no CTIp, vejo L.. Procuro a chave, às vezes tenho sucesso, outras não. Mas uma pequena busca pela região da copa e *voilà!* Chave. A chave abre a porta do Banheiro.

Lá eu encontro a minha dupla, que nos últimos tempos pode ter três rostos diferentes. Cacá, Giselle ou Juliana. Como o que quero te contar aconteceu com a Ju, vamos colocar na sua imaginação o rosto dela dessa vez.

Neste banheiro nós trocamos de roupa e nos maquiemos, e assim, devagarzinho as palhaças vão tomando o lugar das atrizes. Lembrei da primeira vez que fui assistir uma dupla de palhaças no hospital e do momento em que, depois de estarem prontas, começaram a fazer um aquecimento olhando uma no olho da outra e quando sentiram que estavam prontas colocaram o nariz. Foi mágico para mim. Agora sou eu que preciso fazer a mágica acontecer, e mãe, nem sempre é fácil.

Voltando a falar sobre a rotina. Eu quero te contar também que nós temos uma ordem, um caminho que fazemos dentro do hospital em todas as atuações. O mais intrigante disso é: nós seguimos sempre a mesma trajetória, mas contamos histórias completamente diferentes. Sabe aquela frase “cada dia é um dia”, lá no hospital nós fazemos o mesmo caminho, encontramos os mesmos funcionários nos mesmos lugares e tudo é diferente, o universo do HUGG é mutável. Um dia quero levar você lá. Inclusive, estou com saudades de você, mami.

Setembro foi um mês longo e cheio de novidades por aqui, entre elas a ida de dois colegas do Programa ao hospital pela primeira vez como palhaços, e a seleção de novos integrantes para a formação. Assim, foi também um mês de reflexões e memórias desses quatro anos em que faço parte dessa equipe. Ultimamente, tudo tem passado na minha cabeça como um filme, como se eu pudesse

voltar ao passado, fora do meu corpo e me observar. E mais do que imagens, ando tendo as lembranças das sensações que tive durante esse tempo. Outra novidade foi o *ukulele* que passou a ser um elemento sempre presente nas minhas atuações no hospital. O instrumento mudou muito meu trabalho, ele me ajuda na aproximação e na relação com as pessoas e com a dupla da atuação. Mais uma vez, obrigada por ter dado de presente para Paulalaura. Outro dia houve um evento no hospital, e por isso estávamos as quatro palhaças atuando juntas (nós sempre vamos em dupla, nunca em quarteto). Quando chegamos na Enfermaria começamos a cantar uma música do Lulu Santos bem alto na porta, aí uma médica, que estava fazendo um procedimento de retirar o sangue de uma menininha, pediu que fizéssemos menos barulho, pois ela chorava muito. Fomos entrando na Enfermaria um pouco mais silenciosas, mas com o tempo a lei do silêncio se perdeu e nós brincamos muito com um menino que estava internado. De repente a médica do procedimento me chamou fazendo um gesto com a mão pedindo para que eu fosse depressa, saí correndo na direção dela e quando cheguei ela pediu que eu tocasse alguma coisa para a menina que estava nervosa, com medo e chorosa. Comecei a dedilhar as cordas do *ukulele*, colocando-lhe em primeiro plano, antes do meu nariz e da maquiagem. A conexão da criança com a palhaça se deu através do instrumento. Fiquei ali por algum tempo. Primeiro só fazendo som com o instrumento, depois tocando algumas músicas do meu curtíssimo repertório, ela também arriscou uns sons batendo com os dedinhos nas cordas.

Então mãe, seguindo a nossa rotina, o último lugar que nós vamos é o CTIp e a última pessoa que nós encontramos é o L.. Sempre. Como já te falei eu não sei muito bem a história do L., mas sei que ele está internado desde o dia em que nasceu. Hoje ele tem uns 9 anos de idade, não fala, tem os movimentos reduzidos e respira com ajuda de aparelhos. Aquele dia, na sua casa, eu conversei com você sobre o sentido da vida, falei que eu pensava muito sobre a vida de uma criança que passa os seus dias deitado em uma cama, em um quarto onde a janela não abre, e quase nunca bate sol, onde o ar é sempre o do ar condicionado e o único som é o pí-pí do aparelho. Eu preciso pensar sobre isso, preciso falar sobre isso para entender a dedicação incrível daqueles enfermeiros em cuidar do menino L. todos os dias, dando comida, banho e muito carinho. Sabe mãe, não sei se você vai entender isso, mas a Paulalaura não vê nenhuma questão nessa situação do L.. Eu te contei que a Cacá está grávida? Bom, se não, depois falamos melhor sobre isso. O fato é que, ela conta que a primeira vez que ela entrou no CTIp depois de saber que estava grávida, foi a primeira vez que ela viu quantos aparelhos e tubos eram ligados nos bebês em observação. Tudo o que eu penso sobre o L. vem depois da atuação. Mas o que eu queria te dizer é que, depois daquele nosso papo na sala da sua casa, aconteceu um episódio especial. A última música que eu aprendi a tocar no *ukulele* foi “Angelus” (Bia Bedran). Nós cantamos muito ela e de várias formas, bem lenta, bem rápida, em ritmo de côco e até *rock n’ roll*. A letra dela diz assim:

“As meninas, os meninos

Nos seus olhos têm a luz

Vagalumes que iluminam
Todos os cantos do mundo
Dos seus sonhos, não me contem
Deixa que eu adivinho
São segredos, enfeitando
As curvas do meu caminho”

Dia 15 de setembro, Paulalaura e Pastilha, a palhaça da Ju, vinham empolgadas em direção ao quarto do L. cantando “as meninas, os meninos”, quando entraram no quarto, L. estava dormindo e então a Pastilha comentou “ih, ta sonhando”. Seguimos a música que diz “os seus sonhos, não me contem, deixa que eu adivinho”. E começamos a adivinhar o sonho do L. e, mãe, ele estava sonhando um sonho tão lindo, mas tão lindo, era exatamente assim:

L. está sentado no pé de uma árvore enorme, muito grande. Esta árvore é a única no topo de uma montanha bem alta, e bem verde. Nessa árvore tem um passarinho que faz pí-pí pí-pí. O passarinho sai do galho e vem voando até L. Coloca as patas nos ombros dele, agarra sua camisa e sai voando com L., lá no alto. De cima da montanha dá pra ver o mar lá embaixo. O passarinho vai chegando bem perto da água e deixa as pernas do menino lamberem o mar. Xuáá. Xuáá. L. está voando, com as pernas molhadas de água salgada.

Mãe, eu aprendi muito esse dia com a Pastilha e com a Paulalaura, assim como aprendo sempre com a Sona e com a Capricho no universo mutável que elas conseguem criar e enxergar e dar a ver dentro do HUGG. Os enfermeiros e nós

sonhamos com o L. e pelo L. se for preciso. Não quero transformar tudo em poesia e não mais problematizar, mas queria te contar que estou vendo por outro ângulo, estou mudando a perspectiva. Fiquei com vontade de saber o que você anda sonhando. Me escreva.

Beijo na sua mãozinha, Laura.

Palhaça Abrobinha

Mariana Consoli
Setembro de 2008.
Instituto Fernandes Figueira.

Início esse relatório em crise. Numa crise que acredito ter começado antes dessa intervenção, mas que se concretizou depois dela. Antes de irmos para o hospital, nos reunimos com a psicóloga Cristina em seu consultório. Seu olhar, e as pontes traçadas entre nossos trabalhos esclarecem muitas coisas. Sua disponibilidade e conhecimento de campo dão base para refletirmos sobre nossa prática no hospital. Lá estávamos, antigos e novos palhaços, juntos. Na reunião, foram colocadas algumas questões, como a dúvida ou mesmo a saída de alguns enfermeiros palhaços, dificuldades em continuar, tanto por questões do trabalho como por questões pessoais, a responsabilidade dos novos palhaços em assumir as intervenções... Enfim, foi um bate-papo bastante intenso, que ajudou a levantar novas questões, principalmente para mim. Mas confesso ter me deixado influenciar, de certa forma, por um clima estranho, talvez até desconfortável, de rompimento e separação. Questionei-me se a saída e a consequente entrada causam naturalmente

essa sensação. Acredito que esse movimento de troca seja natural, embora não perceba, nesse momento, acontecer dessa maneira.

À bênção, madrinha! Minha primeira intervenção em dupla seria com ela, palhaça maneira. Mas vamos deixar as crises para o final. Falemos das boas novas.

Madrinha e afilhada

Palhaça Catarina, minha madrinha. Eu estava muito indecisa com o figurino, com os objetos, perdida em meio às bolsas, bolinha de sabão, novelas e muita confusão mental. Era minha primeira vez em dupla, minha primeira vez com Catarina, minha primeira vez com objetos, minha primeira vez com aquele figurino (jaleco branco, que por sinal adorei! Aleluia!). Enfim, eu estava virgem, marinheira de primeira viagem, crua!

Logo que chegamos no hospital, fomos saber dos casos, nos aprontar e nos aquecer. O aquecimento foi feito no banheiro, já que os quartos estavam ocupados, o que dificultou um pouco as coisas. Depois disso, começamos o trabalho. Corredores e leitos, aí vamos nós!

Cócegas

Na reunião com a Cristina, havia sido colocado um caso muito interessante, da menina S.. Neca levou para a reunião seu relato sobre a dificuldade de intervir com essa garota, pois devido à falta de um diagnóstico preciso, não se sabe se a menina de quatro anos enxerga ou não. Quando isso é questionado, a garota chora muito e não consegue se relacionar com os palhaços. Seus acompanhantes vivem uma expectativa e

frustração diárias, pois a cada resposta da menina surge uma nova dedução.

Andando pelos boxes, depois de três ou quatro intervenções, Catarina e Abrobinha cruzam com S., no colo de sua avó. Assim que nos aproximamos, ainda sem pronunciar qualquer palavra, ouvimos: “Ela não enxerga!”. Sua avó já havia anunciado e a menina começou a chorar. O primeiro trabalho foi acalmá-la. Ela se desestabilizava profundamente com essas colocações da avó, então Catarina e eu dissemos que não importava. Aos poucos fomos nos aproximando, conversando, falando baixinho ao pé do ouvido, e a menina foi respondendo, se acalmando, parando de chorar, nos ouvindo. Fomos usando o tato para que ela nos diferenciasse, e usamos nosso nariz como principal fator incomum. Nesse jogo de reconhecer incluímos a avó, que também colaborou, esquecendo-se um pouco do problema da neta. Foi quando descobrimos um jogo que não precisa de visão e que diverte muito: cócegas! Aos poucos fomos brincando de cócegas e a menina ria muito com a nossa risada. Cócegas na Catarina, cócegas na Abrobinha, na avó e na S.. Pronto! Para brincar de cócegas só precisa sentir. E como a menina sentia, e sorria! Gargalhava! Criamos uma disputa de quem fazia mais cócegas, de quem ria mais, e, mesmo sem ver, a menina se sentia presente, brincando, inteira, feliz! Foi uma dinâmica muito interessante, que me marcou muito. Embora tenha ido para o hospital pensando em como reagir a esse caso, foi na sua presença - através do nosso jogo com ela - que descobrimos o que ela queria, como ela se deixou atingir. Nesse momento comprovei que quando não se sabe o que dizer, o

melhor é escutar o que a criança nos fala mesmo, sem dizer palavra alguma.

Mariana ou Abrobinha?

Logo que soube do meu primeiro dia de intervenção em dupla transitei entre sensações opostas: uma imensa felicidade (sempre acompanhada da minha ansiedade, claro!) e um medo quase paralisador. Felicidade em compartilhar mais um dia de intervenção, de aprendizado na prática, de jogo, de vivência. E medo de errar. Isso mesmo! Já viu palhaço com medo de errar? É aí que começa a minha grande questão.

Na reunião com a Cristina, coloquei meu desconforto em não me sentir preparada para encarar o hospital. Não me sinto pronta, não me sinto Abrobinha, nem me sinto palhaça. Mas isso fui entender depois da minha primeira intervenção em dupla. Depois de conversar com Catarina, minutos após a intervenção, ela trouxe a mim essa questão. Falou-me que em alguns momentos quem jogava era a Mariana, tentando se defender, pouco entregue ao erro, muito ainda na defensiva. Refletindo sobre a intervenção, foi difícil realmente entender tudo isso. Fiquei mal, confusa, em crise. Agora percebo que realmente ainda não há uma Abrobinha pronta, e que muitas vezes o refúgio é a própria Mariana. Percebo que em alguns momentos ainda não sei como agir e pensar como palhaça, e que tudo isso é muito novo para mim. O trabalho em hospital não me assusta, mas o trabalho com o palhaço, sim. Tenho mesmo muito medo de errar, o que nunca me tirou a vontade de tentar. Sempre arrisquei muito, mas me senti insegura diante da importância desse papel.

Acredito que a saída dos antigos palhaços fez cair sobre minha cabeça uma responsabilidade de assumir o lugar à altura, o que não é possível, talvez nem necessário. Daí minha dificuldade em arriscar mais, me colocar no ridículo, no jogo.

Espero, e acredito que tudo isso seja muito normal, e que também seja só uma crise, um parto, onde é preciso momentos de sofrimento para uma vida inteira de muitas alegrias e satisfações.

“Faço versos pro palhaço, que na vida já foi tudo... Foi soldado, carpinteiro, seresteiro, vagabundo!”

(Nara Leão - O circo)

Logo que cheguei ao hospital tudo já foi diferente. Andei pelos mesmos corredores, pelas mesmas salas, mas agora a relação com aqueles espaços já havia se modificado. Sem contar o nervosismo e a tensão por não me sentir preparada, o medo de errar. Mas foi aí que me perguntei: e não é para errar?

Quando estava me preparando, conversando com Ana Sauwen e Patrícia Ubeda, confessei estar muito nervosa, me sentindo insegura com a linguagem do palhaço. Foi nesse momento que um horizonte se abriu à minha frente, quando a Patrícia me disse que o palhaço não é algo externo a mim, mas uma qualidade, uma energia, uma potência que me pertencem. Senti-me mais tranquila e decidi me colocar disponível ao jogo, à experiência, à relação. Mariana e Abrobinha estavam juntas, disponíveis, prontas para se divertir!

O trabalho já começou na sala onde nos trocamos. No aquecimento, na preparação, no momento em que nos viramos de costas e o nariz

assume nossa máscara, o frio na barriga aumenta, assim como todos os sentidos se expandem.

Já no Corredor começou a brincadeira. O jogo das fotos, onde Charlotte e Neca se aproveitaram para pregar peças em Abrobinha foi muito importante para que eu me sentisse à vontade, mas principalmente para que eu tivesse certeza de que o jogo se faz no presente, no aqui e agora. Esse vazio, antes assustador, de não saber o que fazer e o que dizer, abriu espaço para um fluxo de relações que foram se construindo e formando o jogo.

É necessário que se instaure um vazio para que algo se manifeste. E é nesse espaço onde nada existe e tudo pulsa que começa o trabalho. Assim, os espaços, as pessoas, nossas relações constroem o jogo e dão o tom da nossa brincadeira.

Nesse campo de inúmeras possibilidades, nesse terreno de vastos caminhos a percorrer, tudo é possível, basta escolher. E que delicada ação: escolher. A escolha se torna fundamental para o trabalho do palhaço, dela depende o jogo, da ação do presente se deriva o futuro da brincadeira, o caminho a trilhar. Seja no ato de escolher ou ser escolhido, propor ou aceitar, ouvir ou falar, falar ou calar, de tudo depende esse tempo entre conhecer e reagir.

E aqui entra uma maravilhosa companheira, a intuição. E por ela não se entenda algo mágico, imprevisível, da qual nos mantemos à mercê de sua espera. Percebo a intuição como um sopro de nosso íntimo a nós mesmos. É um momento de conexão pleno entre nosso pensar e nosso sentir. É o momento em que escolho o que anteriormente já havia escolhido em uma instância não palpável do meu próprio ser. E claro que

podemos treiná-la a nos servir sempre que precisarmos. Basta alimentá-la, cuidá-la e nunca deixar calar esse vazio, de onde o tudo se manifesta.

Munida de um espaço, de pessoas, escolhas e de minha intuição, lancei-me no jogo e o que posso dizer é que, sinceramente, eu joguei. A cada relação, fosse com o espaço hospitalar, elevador, portas, corredores, fosse com pessoas, crianças, acompanhantes, enfermeiros, técnicos, tudo era inspiração, movimento, e o jogo - que antes imaginava ser algo construído por mim - se criou na relação, entre mim e o outro, fosse ele quem fosse.

Que delícia! Cada figura a minha frente representava um universo de possibilidades. Um mundo cheio de experiências se abriu à minha frente, e penetrei-o com toda minha potência, inteira, motivada. Claro que sempre existe aquele vazio, necessário, e que nos mantém alertas, instáveis, num estado de atenção.

Meus companheiros de cena

Meus camaradas! A começar por Charlotte e Neca. Confesso ter me desculpado depois da intervenção, pois me senti muito à vontade, quem sabe até demais! A generosidade da Patrícia, em me ajudar com a maquiagem e com a preparação, da Ana em me tranquilizar, e das duas em me proporcionar uma liberdade maravilhosa, foi fundamental. Senti-me segura, protegida. Observando suas ações, suas escolhas, pude treinar meu olhar, minha intuição. Observar o trabalho da Charlotte também me proporcionou conhecer seus objetos, que ela me emprestou várias vezes durante a intervenção. Ela foi muito

generosa em me cedê-los, trabalhando para o bom funcionamento da ação. E como é importante o palhaço estar bem munido de bons objetos. Eles facilitam o jogo, estabelecem uma comunicação, uma ponte entre palhaço e criança; muitas vezes são a própria relação.

Sempre preocupadas em me incluir no jogo, Charlotte e Neca, aos poucos me deram a liberdade de escolher meu momento de entrar, o que para mim foi um grande treinamento. Claro que houve momentos em que nos perdíamos, pois éramos três potências em jogo, três grandes vozes, três grandes alegrias, e três mulheres palhaças, o que já causa grande agitação.

Mas meus parceiros não foram apenas Charlotte e Neca. Foram G., D., R., A., e tantos outros que lá estavam. A cada criança agradeço a acolhida.

Agradeço a oportunidade de conhecer e me relacionar com mundos tão maravilhosos, cheios de surpresas e emoções. Tenho na memória momentos indescritíveis, olhares inesquecíveis e arrepios que não tenho como descrever. Aliás, essa magia que acontece entre criança e palhaço, só vivendo para saber.

Toda a equipe, enfermeiras, médicas, auxiliares, todos também me foram muito receptivos. Claro que não deixaram de criticar a substituição do palhaço Lindomar, ou o fato de Abrobinha usar um vestido muito curto, ser muito colorida, etc. Mas foi muito bom ser percebida, acolhida, ainda que à maneira daquela equipe.

Abrobinha?!

Abrobinha! Que figura! Como foi importante começar naquele dia com um nome tão

bom de jogo. Vários deles foram iniciados pelo nome. Um deles foi com um acompanhante, onde as três palhaças ficaram disputando o coração do pretendido: “Você gosta de legumes? E de Abrobinha? E daquela torta Charlotte?”.

Mas ao longo das intervenções comecei a perceber que o nome sugere alguém menor, menos expansivo. Fiquei pensando que talvez tenha que procurar um nome mais cheio, grande. Vieram-me vários a cabeça, e os que mais me chamaram atenção foram Begônia e Gioconda. Preciso testá-los, ver qual funciona.

Ainda assim, acredito que Abrobinha me ajudou a compreender muitas coisas. Através desse batizado quase instantâneo, desse desafio de ir ao hospital ainda me sentindo insegura, pude descobrir e perceber a palhaça que existe em mim. A experiência foi única, fascinante! Também percebi a necessidade de continuar cada vez mais intensamente o treinamento, a busca dessa linguagem. É nesse espaço que podemos nos aperfeiçoar, treinar nosso corpo, nossa voz, nosso olhar.

Palhaço Ramiro Ramos

Lucas Oradovschi

Maio de 2010

Hospital Universitário Gaffrée & Guinle

Enfim chegou o dia de estrear a dupla com a palhaça Maricota! Desde o ano passado ainda não tinha tido essa oportunidade e fiquei ansioso. Me dei conta de que foram pouquíssimas as vezes que trabalhamos juntos na aula de jogo e relação, que eu me lembre apenas fizemos o último número do semestre passado em trio: Ramiro, Custódio e Maricota.

Quando subimos para pegar as informações tivemos uma grande surpresa, a Enfermaria não estava mais lá! Estava tudo vazio, parecia um filme de terror. Descemos e descobrimos que iniciariam uma obra, e que a Enfermaria da pediatria agora estava funcionando nas salas embaixo do Ambulatório, onde fica a Nutrição.

O dia estava abafado, decidi abandonar por hora o peito peludo, pois eu já sou bastante naturalmente, com o peito de gorila numa manhã abafada seria uma tortura, um sofrimento desnecessário. Já vinha pensando em deixar de usá-lo pela dificuldade que é para lavá-lo. Agora eram duas novidades, a estreia da dupla e a minha primeira atuação sem o peito peludo.

Já no aquecimento no Banheiro, rolaram uns pequenos jogos bem divertidos e fomos para o ataque. Adorei nosso início no *hall*. Percebi que havia um rádio tocando bem baixinho no canto do balcão, aumentei - mesmo a contragosto do segurança - e estava tocando uma música bem tranqüila da Adriana Calcanhoto. Acho que era: "eu perco o chão, eu não acho as palavras, eu ando tão triste, eu ando pela sala...". Maricota convenceu o segurança a dançar com ela e eu convidei uma senhora que estava entrando no *hall* para dançar comigo. Logo o *hall* se transformou em um baile, uma mãe parou com sua filha e começaram a dançar também. Dissemos que estávamos esperando pela menina, que era a professora de dança e que todos éramos os alunos. Ela se divertiu nos ensinando alguns passos que inventava na hora pra gente imitar.

A partir do bom início que tivemos, o jogo fluiu muito bem. Tivemos ótimos momentos, como

quando puxei a ponta de um lenço que estava saindo da blusa da Maricota e eram muitos lenços amarrados um no outro até que depois de muitos lenços saía um sutiã. Seguramos um em cada ponta esticando os lenços e cantando "vai, vai, vai passando" (É o Tchan) para as enfermeiras que se empolgaram e passaram várias vezes, inclinando o tronco para trás, em diferentes alturas, proporcionando boas risadas para todos.

Tivemos mais um bom momento no quarto da M.. Ela ainda não estava em isolamento respiratório, como estive nas semanas seguintes, pudemos entrar sem máscaras. Já entramos anunciando que éramos da vigilância sanitária e precisávamos saber se estava na validade o iogurte que tínhamos visto sua mãe servir. Maricota se confundiu e me deu um *shampoo* como se fosse o iogurte, eu avalei o rótulo e fingi beber. Maricota se posicionou atrás de mim e soprou muitas bolhas de sabão, como se saíssem da minha boca enquanto eu soluçava sem parar. Quando passaram os soluços, ainda havia algumas bolhas no ar, comentamos sobre o bom gosto da pessoa que escolheu a cor da parede, verde-piscina-olímpica. Daí, propusemos que o quarto fosse o fundo de uma piscina e passamos a nadar, até que a porta foi aberta e nós escoamos por ela para fora do quarto.

Fiquei bastante satisfeito com esta atuação. Descobri que eu e Maricota temos uma boa escuta e eu adorei jogar com todos os cacarecos que ela carrega. Também gostei de ter atuado sem a pelúcia, me senti mais leve e com o corpo mais disponível. A pelúcia me deixa com menos mobilidade.

Palhaça Fúfia

Luiza Debritz

Outubro de 2010.

Hospital Universitário Gaffrée & Guinle.

Hoje fiz minha primeira intervenção como palhaça, no Hospital Universitário Gaffrée & Guinle. Foi uma experiência diferente de tudo o que já vivi enquanto artista e enquanto pessoa. O hospital é um ambiente delicado, com muitas carências e dificuldades. É preciso atenção e cuidado tanto com a composição e limitações do espaço quanto na relação com as crianças, familiares e funcionários.

A Mari e o Matheus são pessoas e palhaços extremamente generosos, me ajudaram imensamente tanto na atuação quanto nos comentários. Senti que fui muito entusiasmada e com muita energia, às vezes quase indomável, brinquei muito e consegui me divertir de verdade. Estava com algum receio e apreensiva com esse momento, que para mim representa uma conquista, e isso poderia me desestruturar de alguma maneira.

Não lembro exatamente a ordem dos lugares que visitamos e dos jogos que marcaram mais, mas vou tentar desenvolver um pouco das experiências. Isso já é curioso: eu estava muito atenta à sustentação da minha palhaça, nunca tive que ficar tanto tempo de nariz, e isso talvez tenha me anestesiado um pouco, eu ia sem muita propriedade do itinerário, seguindo os dois no jogo. No Pátio, antes de entrar na sala de consultas do SPA e da Nutrição, havia muitas crianças e familiares, estava movimentado o espaço. Cantamos a música do pé de cana que ensaiamos e

pedimos que eles respondessem quando a música pedia. Alguns responderam com mais entusiasmo, outros com menos, outros não responderam, mas todo o grupo estava atento à nossa energia, que estava grande. Os dois tinham uma coreografia de girar na hora do refrão, que eu desconhecia, fiz então o papel de Augusto e girei no sentido contrário. A Mari e o Matheus me apresentaram como Fúfia (o Matheus sempre errava o nome e falava Forflus ou qualquer coisa parecida), uma prima estúpida que vinha de Marte, um bairro perto de Belford Roxo (que sempre chamávamos de *Belford Purple*) e Nova Iguaçu (*New Iguáçu*). Havia a figura de um guincho, não lembro exatamente como ele surgiu, mas sempre que passava, a gente mexia com ele e todos riam. Entramos na sala de consultas, onde tinham algumas médicas, crianças (uma criança estava chorosa) e familiares. Cantamos e ficamos um pouco ali jogando. O Matheus estava bem branco, conduzindo o jogo nessa hora, ao distribuir seu telefone para Deus e o mundo, marcando alguns encontros. Muito engraçado!

Passamos de novo pelo Pátio, reencontramos algumas pessoas, jogamos mais um pouco e subimos para o Ambulatório. Lá havia um menino sendo atendido na cadeira ao lado da mãe, com quem travamos uma relação divertida. Ele nos rejeitou de alguma maneira dentro da brincadeira (na verdade ele queria brincar) e nós ficamos jogando da porta. Quando saímos, ele veio atrás de nós, e por alguma razão depois de jogarmos um pouco ele levantou o braço e eu acusei que ele estava com cecê (era mentira, acho que ele nem tem idade para ter cecê). Acho que ele ficou um pouco constrangido, na verdade eu não tinha

percebido. A Mari e o Matheus conversaram comigo depois sobre isso e explicaram que é importante potencializarmos sempre a criança e nos colocarmos no lugar do problema, já que a situação da criança já prevê esta fragilidade.

Esqueci de contar que antes de subirmos para o Ambulatório passamos por uma salinha que tinha uma menina deitada na cama meio fraquinha... Nada demais, mas ela estava doentinha. Fizemos um jogo com a vaquinha que desmonta quando apertamos embaixo. Travamos um jogo, que foi muito fluido e gostoso, de derrubar a vaquinha soprando, e a única que conseguia derrubar com a força do sopro, era a menina. Esse é um bom exemplo de como potencializar a criança.

Na Enfermaria estava a R. (soropositivo) e uma menina de uns 3 anos que chorava muito. Ficamos um tempão na porta de entrada tentando que ela se acalmasse, não queríamos deixar de entrar, por causa da R.. Ficamos alguns minutos tocando música na porta, trocando com várias pessoas que vinham nos acompanhando nesse momento, até que ela se acalmou e nos deixou entrar. Inicialmente ela não queria nada com a gente, chorava só de olharmos para ela. Entramos para brincar com a R., que estava muito quietinha e só queria assistir. Continuamos tocando e brincamos mais com as enfermeiras, a Mari deu a deixa “estou passando mal” e o Matheus aproveitou para introduzir o micro ferro de passar roupa. Ela passou uma peça de roupa da acompanhante da R. e ficamos brincando em cima disso. Quando saímos, a menina que estava chorando se despediu de nós acenando a mãozinha.

No CTIp, havia muitos bebês prematuros, mães e enfermeiras. Tocamos bastante e jogamos com os dinheirinhos, não lembro exatamente qual era o jogo, só sei que no final havia dinheirinho pelo CTIp inteiro. Vi uma incubadora vazia e observei que aquele bebê era realmente muito pequeno!

Nesse final eu já estava bem cansada e estava muito impressionada com os bebês (adoro bebês). Aqueles são muito pequeninos. Nesse momento do CTIp estávamos um pouco dispersos, e eu me sentia como se tivesse atuado durante um dia inteiro. Impressionei-me com a energia que é gasta na intervenção, uma energia muito boa, mas intensa.

Foi uma atuação com muita música e também com muitos jogos na área externa do hospital. Brincamos que uns caras que estavam falando com a gente por uma janela, estavam na TV, eu entrei num carrinho de sacos de roupa suja e peguei carona até o próximo lugar que entraríamos (uma atitude perigosa inclusive, espero me familiarizar com este espaço com o tempo e a ajuda dos meus amigos), paqueramos as pessoas que passavam por nós, distribuindo telefones e jogando beijos, etc.

Conversando no Banheiro ao final da intervenção os dois me falaram muitas coisas, conversamos longamente sobre a atuação. Observamos que alguns momentos foram muito confusos, sem aprofundamento das propostas, às vezes vinha um turbilhão de propostas e era difícil organizar. É importante aprofundarmos uma proposta para passar para outra. Falaram sobre potencializar a criança, sobre os cuidados com o espaço, sobre a dosagem de energia (isso eles

sinalizaram ao longo da intervenção, o que foi ajudando muito na minha escuta). São palhaços muito divertidos, tranquilos, honestos, generosos, só tenho a agradecer.

Palhaço Zeca Vado

André Rodrigues

Dissertação de Mestrado, UNIRIO, 2013.

Jogando com a transgressão a partir do palhaço de hospital

Foi no ano de 2009 que coloquei o nariz vermelho pela primeira vez. Já havia se passado seis meses desde que iniciara os estudos sobre o palhaço e seu jogo cômico, integrando como aluno e bolsista o Programa Enfermaria do Riso. Foram meses de investigações teórico-práticas fecundas em inquietações, dúvidas e muitos fracassos, quando – e até hoje – a complexidade da linguagem do palhaço me fascinava na mesma medida que assustava.

A primeira atividade jogando com a máscara clownesca era aparentemente simples: dois atores de pé, um de frente para o outro. O primeiro a realizar a atividade deveria olhar para seu parceiro como se este fosse um espelho. Diante de seu espelho humano, o intérprete deveria respirar, preparar-se, colocar o nariz de palhaço e apenas contemplar seu reflexo durante o tempo que julgasse necessário. O segundo intérprete, ao fazer as vezes de espelho, não realizaria nenhuma ação além de mirar o palhaço que começava a ganhar contornos à sua frente, para, mais tarde, ao final do exercício, contar ao parceiro o que viu e sentiu quando o primeiro colocara o nariz de palhaço.

As principais ações do exercício: respirar e olhar. Nada mais a ser feito além de se manter em

conexão com o parceiro, aprendendo a experimentar a tênue percepção de se ver através dos olhos do outro, até o momento em que já não era possível distinguir quem era espelho e quem era o palhaço refletido. Esta foi minha primeira experiência com a máscara do *clown*, deixando impressa no meu corpo a lembrança da potência do encontro com o outro, quando os fluxos de afeto são capazes de participar ativamente dos processos que constituem e definem a relação cênica.

Novos encontros viriam, dando continuidade ao percurso de aprendizagem e exercício da linguagem do palhaço, novos exercícios, muitos erros e no ano de 2010 a tão esperada entrada no estágio como palhaço de hospital. Era o início de minhas atuações como enfermeiro-palhaço Zeca Vado. Atuando em dupla ou trio com outros palhaços [1], foram mais de sessenta atuações como palhaço de hospital no período de agosto de 2010 a novembro de 2012. Foi a partir desta experiência intensa do trabalho prático no hospital que vi surgir questões e reflexões sobre o potencial transgressor do palhaço e de sua comicidade.

O ambiente hospitalar é o lugar por excelência das delimitações hierárquicas, expressando em sua organização arquitetônica a definição de regras e normas, a partir de locais restritos, alas bem divididas e uma infinidade de salas e portas fechadas. Esta configuração organizacional pode ser também observada nas relações interpessoais, na distinção necessária entre as equipes de saúde e aqueles que necessitam de atendimento. A lógica impressa no interior dos muros hospitalares e nas relações que

eles encerram acaba por representar o próprio esforço pelo cuidado e cura dos pacientes.

Adentrando um local onde controle, racionalidade e estruturação são metas a ser buscadas, o palhaço é capaz de contrastar drasticamente sobre essa organização, devido a sua inevitável inadequação. O palhaço propõe novas lógicas e maneiras surpreendentes de olhar para a realidade, sendo capaz de construir junto com o outro, de formas instáveis e efêmeras - como é tantas vezes próprio do evento artístico - pequenas zonas de desestabilização nas relações estruturadas de poder.

O palhaço pode redimensionar espaços e hierarquias em seus encontros, jogos e relações. É justamente por esse caráter transgressor inerente à sua natureza que o *clown* encontra no ambiente hospitalar um terreno tão fértil de atuação. Desse modo, o hospital foi um território muito rico ao início das reflexões sobre o potencial transgressor clownesco.

Os processos transgressivos representavam, desde as primeiras atuações, e ainda hoje, um grande desafio ao meu trabalho como palhaço, seja no âmbito do hospital, seja em outros locais de atuação, o que levaria ao aprofundamento de tantas dúvidas através da dissertação de Mestrado, *Palhaço e Transgressão: percursos, atravessamentos e reflexões*[2].

A tipologia cômica do palhaço acompanha de forma multifacetada e não linear a própria história da humanidade. Transcendendo as especificidades de cada ordem social, há na organização dos homens o lugar daquilo ou daquele que é risível. Palhaços, bem como mendigos, aleijados, bêbados e loucos são seres

que, por sua inadequação, transitam num âmbito marginal das sociedades, sendo, por vezes, alvo de chacotas e zombaria.

Figura que ao longo dos séculos foi protagonista de um processo de permanente reinvenção, o *clown* já não nos parece, contudo, tão associado ao território daqueles que estão à margem. Podemos identificar um processo de docilização e domesticação da palhaçaria, em detrimento de seu potencial violador de regras e padrões hierárquicos.

Essa visão adocicada sobre os palhaços, tantas vezes identificados como seres dóceis, prontos para distribuir sorrisos e gestos afáveis, pode ser observada independentemente do local onde se realize a atuação clownesca. Seja na rua, no palco, em arenas circenses ou hospitais, o entendimento de que o palhaço é um ser alegre e amável, incapaz de ações surpreendentes ou extremadas, tem sido ainda mais reforçado pelos meios de comunicação de massa, uma vez que pensemos naqueles que usam o nariz vermelho em programas de televisão e propagandas comerciais.

Muitos palhaços dão menos enfoque às matrizes transgressivas de seu jogo cômico em nome de certos ideais poéticos, romantizados ou mesmo infantilizados que facilmente recaem sobre suas atuações. Essas escolhas nos parecem incongruentes, porém, se pensarmos em alguns dos princípios que regem o trabalho clownesco, como o ridículo, o grotesco e a inadequação.

Burnier (2001) afirma que o palhaço carrega uma constituição marginal, uma vez que possui visões de mundo diferenciadas em relação aos demais. Desenvolvendo lógicas próprias, com maneiras de pensar e agir específicas, essa figura

torna-se cômica não pela vontade de fazer graça, mas pela exposição de uma diferença tão grande em relação aos padrões que do inusitado de suas ações advém a graça.

Lecoq (2010), por sua vez, ao narrar o início dos estudos sobre o clown em sua Escola para atores, relembra que as primeiras experiências na busca pela comicidade eram terríveis e constrangedoras, pois os alunos já adentravam o espaço cênico imbuídos da vontade de serem engraçados. Quanto mais os aprendizes gesticulavam, falavam e realizavam ações gratuitas, mais distantes estavam do objetivo de fazer rir. E, no entanto, quando se rendiam ao fracasso, desconcertados e perdidos, muitas vezes o riso brotava na assistência, causado pelo ridículo da fraqueza humana exposta.

Quando tratamos de palhaço, portanto, antes de pensar no riso, devemos ter em mente que estamos falando de exposição do indivíduo, de inadequação, de ridículo, de fraqueza, de comportamentos desviantes. E, nesse sentido, num mundo cada vez mais ligado a padrões como produtividade, funcionalidade e objetividade, podemos perceber que uma das grandes potências do palhaço é a possibilidade de transitar pelo espaço da diferença.

O palhaço expõe a fraqueza do ser humano, trazendo em si a possibilidade de relativizar a rigidez de normas e padrões, lembrando-nos a imensa liberdade contida em seu próprio ridículo, exercitando, com sua visão de mundo muito particular, a criação de pequenas lacunas na sombra do embrutecimento. Leo Bassi, palhaço e bufão de família circense, afirma:

O palhaço é aquele que perdeu a dignidade. Mas somente quem perde totalmente a dignidade pode atingir uma outra condição de dignidade, e isso acontece quando ele reconhece e aceita sua derrota, sem mágoas, sem culpar ninguém pelos seus fracassos, sem auto piedade. [...] se o palhaço perdeu, então não tem mais nada a perder. Quando não se tem mais nada a perder pode-se fazer o que quiser. Por isso é uma entidade libertária, por isso tem o poder de transgredir, o poder das autoridades. (BASSI *apud* LIBAR, 2008, p. 174-175).

No jogo entre limite e transgressão, o palhaço coloca em evidência a existência como desvio. Incapaz de seguir as configurações padronizadas do mundo, não por ter como objetivo necessariamente a rebeldia, mas por sua inadequação, o *clown* possui lógicas cômicas que são anteriores aos moldes formais e ao senso comum.

Podemos pensar o palhaço não somente como um transgressor que rompe de forma brusca e violenta as normas estabelecidas, mas como essa figura inadequada, vulnerável, que produz, de sua natureza de delicada fragilidade, a força e liberdade necessárias à experimentação da diferença. O *clown* é capaz de indicar novas possibilidades de ação, destoando das crenças e atitudes estáveis, “libertado da tradição, com felicidade ou com um fracasso [3].” (NIETZSCHE, 2005, p. 144).

Assim, diante do risco do embotamento cotidiano dos sentidos e dos jogos de poder que atravessam nossas relações, o palhaço de hospital vem reivindicar à experiência cênica um território de resistência e afeto. Demonstrando cada vez mais a contundência e os curtos-circuitos que pode

privilegiar ao artista que enfrenta seus desafios e aos espectadores/participantes de seu jogo, a palhaçaria, particularmente no ambiente hospitalar, carrega em si um chamado para o confronto com os limites e a possibilidade de instaurar mundos.

[1] Um dos princípios de trabalho do palhaço de hospital reside no fato de que ele não atua sozinho, formando dupla com outro palhaço para realizar a intervenção. Atuações em trio ocorrem geralmente quando dois palhaços mais experientes estão introduzindo um novo palhaço no trabalho. Maiores informações acerca da atuação dos palhaços de hospital podem ser encontradas na tese de Doutorado *Palhaço de Hospital: proposta metodológica de formação*, defendida no ano de 2007 pela Prof^a Dra. Ana Achcar junto ao PPGAC/UNIRIO, bem como a obra da psicóloga Morgana Masetti, *Soluções de Palhaço – Transformações na realidade hospitalar* (2007), e as publicações *Boca Larga: Caderno dos Doutores da Alegria*, particularmente os números 1 (2005) e 4 (2008).

[2] Defendida sob a orientação da Profa. Tatiana Motta Lima em 2013 junto ao PPGAC/UNIRIO.

[3] Palavras de Nietzsche ao desenvolver o conceito de espírito livre, e cuja aproximação com a figura do palhaço nos parece pertinente e enriquecedora.

Referências bibliográficas

BURNIER, Luiz Otávio. *A arte de ator: da técnica à representação*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.
LECOQ, Jacques. *O Corpo Poético: Uma Pedagogia da Criação Teatral*. São Paulo: SENAC, 2010.
LIBAR, Marcio. *A Nobre Arte do Palhaço*. Rio de Janeiro: Marcio Lima Barbosa (edição do autor), 2008.
NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Palhaça Amnésia

Bel Flaksman

Abril e Junho de 2013.

Hospital Universitário Gaffrée & Guinle.

Um dia no hospital pode ser o primeiro dia na vida de alguém e pode ser o último também. Pode ser mais um dia de trabalho de um funcionário do local e pode ser mais um dia tedioso e difícil da vida de um acompanhante esperando alguém querido sair de um coma. Um dia no hospital é como uma vida inteira circunscrita ali, naquelas frações de tempo, nos encontros que só se dão ali, naquele dia e nunca mais, numa análise combinatória entre o papel que a pessoa ali ocupa e o que sente ao ocupá-lo. E são muitas as combinações. Um lugar onde tanto se usa a palavra rotina e onde se vê tanta efemeridade, cada minutinho é digno de atenção.

Ao reler todos os meus relatórios me deparei com todas essas vidas que vivi em quatro anos de atuações, tão singulares cada uma, cada dia, cada encontro. Selecionei dois dias de atuação em dupla com Fúfia, um dia mais difícil, outro mais fácil, ambos importantes. À Maricota, Magot, Zeca Vado, Fúfia, Matilde, Capricho, Sona, Carminda, Etiqueta, Vaso, Pastilha e Dagoberto, devo todos esses sorrisinhos que dei frente ao computador relendo tudo isso.

Um dia um tanto incompatível para Fúfia e Amnésia

Hoje nossas diferenças se ressaltaram um pouco. Logo no início, no corredor, me vi um tanto

passiva, fora do jogo e preocupada em me inserir. Perdida, acabei interagindo com o balcão da Imunologia que fica ali. Essa atitude não foi muito bem compreendida pela minha parceira, isso eu fui entender em conversa com ela depois, já no vestiário. Agora, analisando, vejo que foi como se eu tivesse, em minha insegurança com o momento, proposto algo que negava o que já estava sendo estabelecido, tangenciando o jogo, desfocando uma palhaça da outra.

No pátio, Fúfia sentou-se entre duas pacientes que esperavam o atendimento. Me senti meio excluída do jogo e impotente diante daquela formação. Na urgência do momento, não consegui enxergar nada ali que não fosse uma plateia. Era como se o quadro ocorrido no corredor estivesse se repetindo. Eu não vi forma de me inserir na proposta de Fúfia, e acabei propondo outra coisa. Diante daquela cena, que eu enxerguei como uma plateia, arrisquei o “Show da Amnésia”, mas antes mesmo de começar eu desisti da minha própria ideia, deixando o entendimento ainda mais difícil. Foi bem vazio aquele momento e senti um estranhamento da parte da Luiza também. Enfim, seguimos.

Entrando no Ambulatório, tivemos um bom jogo com duas crianças que eram atendidas na primeira baia. Começamos a nos comunicar em gromelô e eles rapidamente entraram no jogo. Fomos, ainda em gromelô, andando de baia em baia, como em uma procissão que juntava mais uma criança a cada espaço que passávamos. Foi bem bacana a maneira como nos unimos.

Acontece que aglomerar crianças pode causar reações, digamos, adversas. Imaginem cinco ou seis crianças juntas com duas palhaças falando

uma língua inventada. Estávamos mesmo fazendo uma zona no ambulatório, e eu, naquele dia difícil, já estava preocupada em como iríamos sair daquela bagunça, pensando no fim sem degustar o meio. Chegamos à última baia e ali encontramos uma menina acompanhada da mãe e do irmão, sendo atendida por dois alunos internos. O aluno que comandava o atendimento fez uma cara bem desagradável para nós, mostrando que nossa presença era assim desagradável a ele. Eu disse, em tom irônico: “puxa, que cara bonita e animada”, cumprindo com meu objetivo de deixá-lo minimamente constrangido. Ele sorriu envergonhado. Bem, esse interno deu uma rápida saída para buscar um termômetro e eu fiquei ali, dividida entre aquela nova baia ainda silenciosa e o jogo que acontecia ao meu lado. Com um termômetro nas mãos, o aluno que fazia o atendimento voltou. Eu então aproveitei aquele momento e pedi ao rapaz que me deixasse tirar a temperatura da paciente. Foi uma maneira que eu encontrei - já que tirar temperatura é um procedimento muito simples - de aproximar o trabalho do palhaço do trabalho do médico ou enfermeiro. Senti que aquilo seria necessário com o tal aluno, e de fato, ele abriu uma brecha para a minha interferência. Sinto que naquele breve momento ele me respeitou. Aquilo foi importante para mim, me tirando um pouco a atenção de Fúfia e das crianças. Mas de alguma forma, ela também não se atentou a mim, e é a isso que me refiro quando digo que estávamos incompatíveis. Estávamos focadas em coisas distintas, sem conseguir cuidar uma da outra.

Descemos acompanhadas da criança, mas conseguimos finalizar tranquilamente antes da

entrada no SPA. Na Sala da Nutrição, mais um caso que me deixou pensativa. Realmente minha cabecinha já estava fazendo relatórios quando o momento era apenas de atuação. Ai ai ai, Isabel! Entramos na sala e uma menina de 8 meses estava sendo atendida. Ela estava acompanhada da mãe e da irmã, que por sua vez devia ter uns seis anos. A menina estava em um carrinho e tinha claramente alguma doença, pois era muito, muito gordinha, cheia de dobrinhas, e aparentava ter, no mínimo, três anos. Mas tinha apenas 8 meses. Nisso, mais uma vez eu e Luiza nos separamos, mas de forma mais subjetiva. Enquanto ela estava completamente encantada com a fofura da menina, eu (filha, irmã, neta, sobrinha, prima e cunhada de médicos), estava encasquetada com a sua doença. Mas nisso, sinto que nenhuma de nós duas jogou com a situação. Ficamos, a meu ver, mais de Bel e Luiza do que de Amnésia e Fúfia. Penso que poderíamos ter encarado o caso com mais malícia, mais ironia. Será que não poderíamos receitá-la uma visitinha a ala da cirurgia plástica? Fiquei realmente com essa dúvida, se um caso como esse cabe tamanha subversão e jogo com a realidade apresentada.

Na Enfermaria, um caso ainda mais delicado aconteceu. Logo que entramos, no primeiro leito, estavam dois enfermeiros em meio a um procedimento, tirando sangue de um bebê recém-nascido. A mãe estava junto a eles e parecia tensa, visto que, além da presença daquela agulha, o bebê chorava copiosamente, aos berros. O enfermeiro segurava a criança e a enfermeira manuseava a seringa, sem muita delicadeza.

Pausa para eu falar um pouquinho sobre a Luiza. Minha amiga e parceira de peripécias Luiza,

palhaça Fúfia, para quem não sabe, há cerca de um ano leciona para crianças em colégios públicos do Rio. É natural de sua essência e personalidade o inconformismo com a falta sensibilidade, de pedagogia e prudência que muitas vezes um funcionário de hospital ou escola públicos têm com o enfermo, aluno, ou outro cidadão em questão. E ali estava havendo de fato certa brutalidade para a retirada de um tubinho de sangue de um recém-nascido. Ele não parava de chorar, a mãe estava cada vez mais nervosa e os enfermeiros insistindo sem cuidado no procedimento. Fúfia, tentando acalmar a situação, revezava entre massagem na mãe, carinho no pezinho do bebê e massagem no enfermeiro. Eu fiquei completamente de fora da decisão dela, que, neste momento, de fato não me incluía. Ela estava realmente preocupada em transformar aquele momento em algo menos desgastante. Eu fiquei ao seu lado e daquela forma estávamos juntas, mas fui ficando agoniada, acho que acabamos indo além do necessário, e principalmente, além do possível ali. Insisti para que seguissemos e assim o fizemos, cansadas.

Os outros leitos da Enfermaria foram muito bons, com os pacientes interagindo bem. Tinha até uma adolescente, e adolescentes hospitalizados não são casos fáceis, que ria e pedia para que parássemos porque doíam seus pontos. A nossa reação em não poder fazê-la rir tornou tudo ainda mais engraçado. Tudo isso e o choro do primeiro leito ecoando na sala, invadindo as nossas cabeças cansadas.

O CTIp foi, como acontece de tempos em tempos, um respiro. Um espaço de finalização e

calma. Em dias como esse eu vejo como este é realmente o melhor lugar para finalizar a atuação.

No vestiário nós ficamos um bom tempo conversando sobre esse dia difícil, ouvindo uma a outra. Isso é muito rico. Essa atuação divergente me trouxe ainda mais certeza de que estamos fazendo um trabalho em parceria.

Um dia de amor e graça com Fúfia

Dia dos namorados! Já no Vestiário, nos aquecendo, tratamos de fazer uma paródia para embalar a atuação. Era assim:

"Eu tenho tanto pra te falar, mas tenho medo docê esquecer
Como é grande, o meu amor, e o seu cecê...
E não há nada pra comparar, para poder, lhe explicar
Como é grande, o meu amor, e o seu cecê
Nem a remela, nem a meleca, e nem a cera do seu ouvido
Nada é maior, que o meu amor, nem mais fedido
Nunca se esqueça, nenhum segundo, que eu soltei um pum, maior do mundo
Como é grande, o meu amor, e o seu cecê..."

E assim saímos para a atuação, com essa belíssima canção romântica embalando o percurso.

No Ambulatório, uma menina acompanhada da mãe era atendida por uma médica e duas alunas. Juntas éramos sete mulheres dentro de uma salinha pequena. Começamos um jogo onde ajudamos no exame da menina e a diagnosticamos com excesso de fofura. No fim, sob influência da mãe, a menina deu um abraço em Fúfia. Vendo todo aquele afeto, Amnésia muito

carente abraçou uma das alunas. Depois pedimos para trocar os abraços, convencendo todas a abraçarmos umas as outras e ao fim de tudo acabamos as sete mulheres abraçadas ao mesmo tempo. A recepção da menina e de sua mãe permitiu esse jogo tão afetuoso com muito toque, mas independente disso, penso sobre o quanto esses jogos em grupo têm funcionado. Foi assim no dia em que cantamos o pagode fazendo todos da Enfermaria dançar, e foi assim quando fizemos a Nutrição inteira entoar "cenoura, cenoura, cenoura". Quando incluímos todos os presentes no jogo, fazendo médicos, enfermeiras, pacientes e acompanhantes assumirem uma mesma posição.

Entramos no SPA e estava tudo vazio, havia apenas uma aluna de nutrição estudando sozinha. Ela nos informou que os atendimentos ali haviam sido suspensos pela direção do hospital, e que os setores iriam todos ser suspensos aos poucos, até o hospital fechar. Disse que a chefe do SPA estava assumindo os atendimentos a contra ordem, mas com menor assiduidade, por isso naquele dia estava tudo vazio. Nos fizemos mais ou menos de desentendidas, não demonstrando qualquer tipo de preocupação com aquela informação. Desejamos que nos encontrássemos ali em breve, um feliz dia dos namorados, e seguimos.

Na Enfermaria, encontramos M.A. outra vez. M.A. tem dois anos e tem Síndrome de Apert. Esta doença, além de muitos outros problemas, é causadora de deformações no crânio, deixando a face disforme, e se caracteriza também pela junção dos dedos das mãos e dos pés. Então, aparentemente, M.A. tende a ser a criança que aparenta mais gravidade. Mas o mais significativo: ela é a que mais interage e recebe a presença dos

palhaços. Está sempre sentadinha no leito e acompanhada da mãe, e quando nós chegamos costumamos cantar para ela, ou conversar de um jeitinho particular, de Síndrome de Apert para enfermeiro palhaço, que só a gente entende. Ela dança e solta umas gargalhadas tão lindas que é como se fosse nosso combustível. Gargalhada de criança é gasolina de palhaço.

Por último encontramos um casal de vovôs que esperava seu netinho sair de um exame. Cantamos nossa super canção romântica e fechamos com chave de ouro ao ouvir que "depois de trinta anos de casados um dia dos namorados assim é tudo que a gente precisa". Depois de um ano de HUGG isso é tudo que eu preciso também. Quer dizer, não tudo né, até porque um ano não são trinta e hospital não é casamento, mas que foi bom, isso foi.

Palhaça Capricho

Giselle Santyago

Setembro de 2016

Hospital Universitário Gaffrée & Guinle.

Oi Pai,

Esses dias estive pensando muito em você. Muitas coisas no trabalho do hospital me remeteram a você e na verdade eu acho que nunca te contei que estou nesse Programa, então só para te atualizar... É o Enfermaria do Riso, ações de extensão e de pesquisa na UNIRIO onde eu estou cursando Licenciatura de Teatro (Já tinha te falado sobre isso?). Entrei nesse curso em 2011 e no segundo semestre ingressei Enfermaria, passei por muitas aulas e treinamentos com a nossa Madame, a Ana Achcar, e em 2013 comecei finalmente no

hospital atuando como palhaça, e me vieram as primeiras lembranças de você.

Lembro uma vez quando eu era criança, você estava internado e escutei um burburinho em casa de que você tinha fugido do hospital, saiu assim... do nada... sem os médicos te darem alta, todos estavam condenando essa atitude, mas eu super te entendia, também sempre tive medo de hospital e talvez eu também sentisse vontade de fugir em algum momento da minha vida. E, quando comecei como palhaça no hospital, achei que fugiria depois da primeira atuação, mas cá estou eu, em 2016 e ainda em atividade, uma vez ou duas por semana. Não fugi, mas confesso que às vezes fecho os olhos, engulo seco ou viro a cara disfarçadamente quando é algum procedimento mais tenso. Essa semana teve um caso assim, eu olhei bem nos olhos da criança, fixei nela, e fiquei pensando que talvez isso diminuísse a sua vontade de fugir.

Mas agora que já te situei na coisa toda, muito rapidamente eu sei, vou contar a outra parte que me chamou a atenção esse mês. É que, sempre, muitas pessoas vêm falar assuntos sérios conosco, tanto pacientes quanto médicos. Um médico, por exemplo, terminou o relacionamento e veio contar tudo para nós, e sinto uma certa pena de cortar a pessoa com alguma brincadeira, mas enfim, é inevitável, somos palhaças. Outro dia estava com a Pastilha (Ah, a palhaça Pastilha é a Juliana minha colega de programa e o nome da minha palhaça é Capricho - acho que não tinha mencionado isso - tem também a Paulalaura e a Sona que são as palhaças da Laura e da Cacá)... Então, eu e Pastilha no Corredor, e um senhor numa cadeira de rodas começou a falar um desses

assuntos sérios, perguntando onde poderia achar mães para serem voluntárias e buscar leite para doação, e de repente já estávamos trocando as palavras dele, até que nada fazia mais sentido.

Pastilha perguntava se era para as mães doarem os leites do peito, ele dizia que era leite em pó, e um movimento de braço dele acabou virando a ação de transformar leite do peito em leite em pó, enfim, depois de um tempo ele desistiu de falar sério e entrou na brincadeira. Mas eu fiquei pensando sobre isso, o que faz uma pessoa tentar falar sério com alguém vestido de palhaço bem na sua frente? E foi aí que me lembrei de você novamente pai, lembrei que você ficava a tarde toda na varanda de casa fazendo piada com todo mundo que passava, ninguém escapava, e era sobre tudo, futebol, religião, sexo... era totalmente sem papas na língua e mesmo assim as pessoas paravam para falar coisas sérias com você e eu descobri o motivo: você estava ali, sempre ali sentado a tarde toda na varanda e podia dar atenção para qualquer um. Acho então que é isso que acontece no hospital também, naquele caos de pessoas correndo de um lado para o outro, urgências e quase ninguém disponível para responder uma pergunta, e quando duas figuras param na sua frente e te dão atenção, você vai falar o que precisa, pois você recebeu alguma atenção no meio da correria. A questão é que eles sempre vão descobrir que se podemos dar atenção, o papo nunca vai ser sério.

E o último ponto em pauta nesta carta: temos discutido muito sobre o gênero na palhaçaria, o fato de sermos quatro palhaços e porque isso nos leva facilmente a jogos de sedução, e como a gente enxerga nossa palhaça no meio

disso... incrível como você também foi a resposta para a minha questão. Desde criança eu via você mexendo com as mulheres na rua (só para deixar claro, pai, hoje em dia as mulheres não toleram mais cantadas baratas, elas revidam e elas estão certas), mas sempre achei suas cantadas meio bestas, ridículas e sem maldade, podia ser inocência minha mas o fato é que você não tinha medo de se ridicularizar. Barbudo, cabeludo, socadinho, mais de 120kg, aquele barrigão enorme, as pernas roxas das erisipelas, a meia no meio da canela e se prestando a falar "Você é a nora que minha mãe pediu a Deus.". Para mim era extremamente ridículo, não tinha nada de sensual ou sexual e é assim que vejo, de certo modo, a Capricho: desengonçada, saia lá em cima quase no peito e calcinha enorme. Ela não é sexy e quando paquera algum médico no Corredor ou na Sala de Aula é no máximo do seu esdrúxulo, do seu grotesco.

Acho que para quem ficou tanto tempo sem conversar eu já falei demais né, pai? Fico pensando que se você estivesse aqui hoje em dia, talvez eu não deixasse você fugir de tantas endoscopias que você não fez, nunca vamos saber isso, mas o fato é que eu já fujo menos, já fui até fazer exame de sangue sozinha. Você era um palhaço na vida, não precisava de nariz vermelho para isso, e eu achei que gostaria de saber que eu sou palhaça também, que trabalho no hospital e que isso me faz muito bem. Tinha muito mais coisas para falar do hospital, quem sabe outro dia eu conto, ou talvez você já esteja vendo tudo daí.

Beijos carinhosos e caprichados

Gi

Palhaça Carminda

Padu Durso
Setembro de 2014
Hospital Universitário Gaffrée & Guinle.

Neste dia de atuação, eu e minhas colegas Capricho e Sona, estávamos muito mais conectadas enquanto trio do que a última vez que atuamos juntas. Os apontamentos feitos pela Ana foram muito importantes para que ativássemos outros lugares no jogo e atentássemos para pequenos detalhes. Esse retorno crítico, de quem olha de fora do jogo, é realmente muito importante e essencial para nos conscientizarmos das nossas ações enquanto enfermeiras palhaças.

Nunca havia entrado na Sala de Aula dos residentes, pois nunca estava tendo aula quando passávamos por lá. Neste dia de atuação, entrei pela primeira vez. Estava acontecendo o seminário de um aluno. O aluno, meio sem graça e tímido, entre sua explicação sobre algo do pulmão, deu espaço para que brincássemos um pouco. Foi muito interessante o jogo que criamos, apenas de sentar, cochichar e tentar entender (completamente atrasadas) a matéria que estava sendo dada. Alguns risos e conversas foram liberados pelos alunos, até que fizemos uma pergunta sem sentido sobre o pulmão e, por não existir uma possível resposta, saímos da sala para perguntar para outro especialista. Achei que o jogo foi preciso, objetivo e pareceu suavizar aquele espaço de avaliações dos seminários.

Fomos para o Ambulatório, logo ao lado, e nos surpreendemos com um menino pré-adolescente e seu irmão mais velho, ambos com camisa de escola pública, sendo atendidos por

uma médica e dois residentes. A sala estava completamente cheia, todos estavam conversando com a mãe dos meninos, mas o menino estava deitado na maca, sem conversar com ninguém. Chegamos aos pouquinhos para analisar a situação do menino, fazer uma massagem de relaxamento, e ele foi rindo e se abrindo aos poucos. Descobrimos durante a massagem, de surpresa, que o corpo dele era um instrumento maravilhoso e começamos a dar batidinhas fracas em seu corpo, e tiramos um som, o que resultou em algumas gargalhadas dele e do irmão. Confesso que essa fase de idade da pré-adolescência e adolescência é a que acho mais difícil de lidar, mas me surpreendi muito com a disponibilidade dos dois para o jogo.

No fundo do corredor do atendimento estava, junto de sua mãe, uma pequena menina que, a cada vez que nos aproximávamos, corria para as pernas da mãe com medo. Insistimos. Aos pouquinhos, alguma relação: elogiando sua roupa arrumada, seu cabelo... mas ela ainda permanecia com o rosto fechado. Até que ajoelhamos no chão e ficamos da sua altura. A Capricho pegou uma boneca de dedo e começou a brincar com ela. A partir da mediação com esse objeto, ela começou a criar confiança, deixando que a boneca nos beijasse e beijasse a mãe. A menina colocou a boneca no seu dedo e deu beijo em todas nós. Para finalizar o jogo, Capricho, cuidadosamente disse que era a hora da boneca descansar, então cantamos uma música para ela dormir e Capricho foi retirando a boneca do dedo da menina com cuidado. Foi uma linda relação de confiança que construímos, bem devagar, com essa menina.

Ao descermos para a Nutrição, vivi uma situação bem desconfortante. Ao entrarmos em

uma sala de atendimento, começamos a jogar com uma menina que estava sendo atendida, brincando com o fato da boneca dela estar sentada na mesa de forma desrespeitosa. O jogo foi se desenvolvendo muito bem, a menina ria e tentava corrigir a postura da boneca. Em certo momento, ao direcionar meu olhar para a residente que estava atendendo, observei ela cochichar com a mãe as seguintes palavras: “Eu odeio elas. Você não tem noção”. Confesso que isso me desconcertou de uma forma, que me perdi no jogo e aquilo ficou reverberando na minha cabeça. Fiquei imersa em uma mistura de indignação e raiva, mas fico feliz de não ter feito nada naquele momento, pois poderia ter me precipitado com alguma ação também desrespeitosa. Acredito que isso seja uma total falta de compreensão dela em relação ao nosso trabalho com os pacientes e gostaria de poder ajudar de alguma forma na melhoria dessa relação entre residentes e enfermeiros palhaços.

A questão que ficou mais forte neste dia foi esse último acontecimento com a residente, o que me fez pensar sobre a importância de estarmos ali pensando como equipe, respeitando o trabalho que é feito pelo outro, e como essa integração e conscientização é extremamente necessária para toda equipe do hospital.

Palhaço Etiqueta

Gé Lisboa
Setembro de 2015
Hospital Universitário Gaffrée & Guinle.

Feriado nacional. Nunca tinha visto o hospital tão vazio. O dia era cinza e o cenário era de um hospital abandonado. Foi possível ouvir o

eco. O silêncio faz a gente se perceber no espaço. Até os aparelhos estavam em silêncio. Prontos, saímos em busca de pessoas. Como não havia ninguém o jogo entre os palhaços era um pingue-pongue. Houve cenas de filme de terror, suspense, ação. O Ambulatório estava trancado com a aquela tranca de bicicleta. Conseguimos invadir. Pensa nessa cena: dois palhaços invadem um ambulatório totalmente vazio. Sem a presença de uma terceira pessoa o próprio jogo fazia esse papel. A porta não abria e tivemos que nos contorcer para abrir. A atuação foi bem rápida, mas fizemos questão de fazer todo o trajeto sem pular nenhum espaço. É impressionante como os hospitais precisam de pessoas. E todos pensam o contrário. Muitas portas trancadas. Parecíamos estar ensaiando algo e que em algum momento as pessoas chegariam e nós iríamos repetir os jogos. Não aconteceu.

Mas ocorreu algo surpreendente. Depois de descer da Enfermaria, também vazia, encontramos uma criança. Como? Uma mãe que fazia plantão não teve com deixar a filha. Solução: levou para o trabalho. Ganhamos o dia e toda aquela energia foi totalmente direcionada para ela. Ficamos um bom tempo, o suficiente para ela ganhar confiança e também jogar. Ela desenhava em algumas folhas. Desenhos lindos. Era uma artista. Fizemos muitas poses, mas ela se recusava a nos desenhar. Descobrimos um tempo depois que seu irmão, na incubadora, ainda não tinha nome. Fizemos uma lista de nomes. Ela não gostou de nenhum. Perguntamos o nome dela. Acho inacreditável a criatividade de alguns pais em arrumar nomes para os filhos. Pensei na história dos nomes de palhaços que estamos pesquisando

e como que de alguma forma a sonoridade e a forma de escrever já são uma história. Não é a toa que todo palhaço tem nome.

Nas incubadoras encontramos o irmão ainda sem nome. Quantas possibilidades que só o tempo saberá...

Palhaço Vaso

Victor Seixas
Maio de 2014

Hospital Universitário Gaffrée & Guinle

Não seja bem-vindo

Manhã difícil de atuação no HUGG. Acordei com a garganta doendo, mas tratei de exorcizá-la com um gargarejo de água morna e sal e lá fui eu. A energia não era das melhores. O banheiro estava em obra e nos aprontamos na copa. Como começar o trabalho com qualidade em um dia de energia baixa ou pouca disponibilidade?

Nosso primeiro contato no Corredor marcou nossa atuação nesse dia, e queria refletir sobre ela. Duas mulheres, uma mais nova acompanhava uma idosa, que poderia ser a sua mãe. Chegamos e demos bom dia. A resposta da mulher foi taxativa: "estou cheia de problema, ok? Tchau, pode ir, beijinho, querida." (se dirigia à palhaça Sona com rispidez e deboche). A energia era densa e nos afetamos bastante com ela. Prosseguimos no corredor, e como é comum, utilizamos o que podíamos daquela troca, perguntando à próxima moça se ela estava com muitos problemas, ela disse que um pouco só. Nesse momento, ao perceber o desdobramento da fala dela em outro jogo, a mulher esbravejou em tom de ameaça: "Acho melhor não fazer muita

graça não". Não enxergamos outra alternativa a não ser seguir, ir distanciando dela. Mudando o rumo da prosa. No Corredor ainda, um jogo muito interessante aconteceu por conta da falta de modos de Sona, que mostrava sua calcinha o tempo todo. Uma menina acompanhada de sua mãe estava sentada e brincamos de espelhar a situação do abraço de mãe e filha. Fiquei de mestre e Sona copiava a menina, e a mãe no meio das duas se divertindo. Aos poucos fomos nos desvincilhando daquela energia pesada com a qual fomos recebidos logo de cara. Fico pensando quais outras formas de abordagem seriam possíveis naquela situação. Eu mesmo - Vaso -, tendo a lidar bem com energias repulsivas ou contra o palhaço declaradamente, mas não tive reação nessa.

A Enfermaria nesse dia era um grande picadeiro, lotada de crianças. Eu não conhecia o G. (ganhador da medalha depois de vencer o Dagoberto na luta e seguir os palhaços pelo HUGG inteiro). Sona já o conhecia, mas não me revelou antes. Ficamos bastante satisfeitos com os jogos. Assim que chegamos fomos recebidos por ele, que tinha operado a garganta no dia anterior e deveria estar mais calminho, de repouso, era o que mãe implorava em vão, vendo o menino esbanjando movimento. Pura energia, ele já nos perguntou de cara onde estavam os outros vampiros, se referindo aos palhaços. O negócio dele é sangue e superpoderes. Fomos alunos do seu elaboradíssimo tutorial da vida dos vampiros. Experimentamos a modalidade do susto do vampiro, mostrei a ele os meus caninos afiados. Mas só ele executava o susto com maestria devida, e deixava isso claro. Depois do *workshop*, leu um gibi para nós, fazendo uma paródia da história para

o universo dos vampiros e heróis com maestria e rapidez. Até esse momento estávamos em dedicação exclusiva a ele. Precisávamos trocar com as outras crianças. Qual não foi a surpresa de Sona, ao ver que ele se encaixaria com generosidade nos outros jogos. Um dos pacientes estava com restrição de contato e não se locomovia. Fomos até ele e assim que chegamos ele pediu uma música. Não ficou muito satisfeito com a nossa composição do "jazz brasileiro contemporâneo, que nome estranho", composto no Ambulatório nesse mesmo dia. Disse ele que era música de depressão. Fomos para mais uma tentativa sem sucesso, e de repente se instaurou um Festival de Calouros julgado por ele, rigorosíssimo. G. participou e o J. também. O jurado pediu Bossa Nova, cantamos e nada. Todos tiveram várias tentativas. Até que cantamos "Mulher da Lua", e ele aprovou. Eu e Sona vencemos o festival de calouros. O A. observou todo o festival, numa prontidão satisfeita. Depois fomos até ele, dar a oportunidade para que tocasse pandeiro. A mãe insistia para que o menino tocasse e nós víssemos. Ele preferiu analisar e não tocar. Brinquei com a mãe que ele jamais tocaria sem antes analisar e afinar o instrumento. Pensei sobre a ação da criança, que nem sempre é a esperada ou satisfaz a expectativa do adulto, no caso, da mãe. Ele sorria satisfeito.

O F. seguia no isolamento, bem prostrado, usando sonda. Ficamos esperando que as médicas saíssem do quarto, por conta do procedimento, e depois entramos. Elas o tinham posto sentado na cama porque ele não poderia ficar deitado o tempo todo, disse a mãe. Pouco nos olhava. Nós conversamos sobre a animação da tevê, a mãe falou sobre o estado dele amuado - por conta de

não poder ficar deitado -, o uso da sonda, da necessidade do líquido todo sair, e que a posição deitada dificultaria a saída, falou tudo isso com muita delicadeza, não expondo o filho. Foi a deixa para nós. Eu disse que também tinha uma questão com líquidos, só que saem rapidamente, por isso precisava correr atrás de um banheiro. Saímos do quarto em direção ao CTIp. Penso que nesses casos em que a criança está desanimada e bastante contrariada por estar hospitalizada, às vezes o mais requintado e difícil para o palhaço é fazer o exercício de estar junto, ou seja, simplesmente se colocar para o jogo de compartilhar o mesmo ambiente naquele momento, sem grandes proposições, que muitas vezes não ecoam ou fazem sentido para a criança.

Foi uma manhã que possibilitou começar a atuação de um jeito e terminar transformado por uma evolução durante a trajetória. Comentei com a Cacá como terminei cansado fisicamente, parecido com as primeiras atuações no hospital. Pensei sobre o uso da energia empregada desnecessariamente, porque não foi um dia dos mais corporais. E Cacá acrescentou, lembrando que nos dias em que empregamos o corpo com mais completude nos jogos, quase não há sensação de cansaço ao final. Fica uma realidade: cada manhã é um recomeço no hospital, nenhuma experiência na bagagem é capaz de garantir o êxito na atuação.

Palhaço Dagoberto

Sergio Kauffmann

Julho de 2015

Hospital Universitário Gaffrée & Guinle.

Começamos a ação em completo silêncio; entramos no saguão antes do corredor muito devagar e sem falar nada. Foi uma combinação, para que possamos saber começar tranquilos e deixar que o jogo se inicie sem nenhuma afobação. Alguns médicos passaram e começamos a fazer uma narração de desfile de moda, falamos de cada modelo de jaleco. Os médicos questionavam que todos os jalecos eram iguais, mas argumentamos. Tudo é uma questão de percepção e tendência. Na moda é assim.

Vaso falou mal da gravata de Dagoberto e disse que roupa boa é a que você pode alongar tranquilo, Dagoberto não se alongou e a médica pediu para os dois alongarem. Disse: "alonga mais!" Dagoberto disse que precisava de um boné para alongar e a médica disse que ele realmente não tinha nada na cabeça. Imediatamente Vaso começou a catar piolho na cabeça de Dagô. Acho interessante quando um simples estímulo sugere um jogo e faz com que abandonemos o outro jogo imediatamente. Sinto que estou aprendendo a desapegar dos jogos, a não ficar acomodado numa ação.

Vaso entrou no corredor pedindo pente fino, e uma senhora disse que estava com 85 anos. Não entendi a associação, mas a fala da senhora fez com que o jogo mudasse do mesmo jeito que o jogo anterior, em um corte seco. Começamos a protestar que a senhora estava ali esperando há 85 anos. Ela começou a rir e agradeceu, pois estava já estava esperando há muito tempo mesmo.

Um senhor sentado começou a dar algumas ordens para os palhaços como: "toca uma música", "faz um samba". Percebo essa relação com o jogo dos palhaços em diversos momentos. Muitas pessoas dão ordens! Criamos uma letra com algumas palavras ditas pelo senhor como: "Antes da sacanagem, mata virgem, deixar vestígio, é preciso deixar vestígio."

Um homem passou e pediu uma foto com os palhaços dizendo que era diretor do hospital. Ele disse que nós éramos celebridades. Nós tiramos a foto e Vaso protestou: "mas cadê o cachê?". Não demorou muito, outro senhor levantou e colocou R\$10,00 na mão de Dagoberto que ficou com o dinheiro na mão. Vaso ficou emocionado olhando para nota dizendo que nunca tinha recebido um cachê tão alto. A neta desse senhor apareceu com mais R\$2,00 e, não me lembro como, já tínhamos R\$16,00 reais em nossas mãos. Não conseguimos resolver isso no jogo e fomos embora com o dinheiro.

Passamos pela Obstetrícia e nos disseram: "olha, quem está aqui é porque namorou!" Perguntamos onde estava o amor e o jogo virou uma conceituação filosófica sobre o amor. Fomos atrás do amor.

Uma mãe estava sentada com o bebê no Pátio e nos sentamos ao lado dela. Ela começou a perguntar por que estávamos ali, se estávamos atrás de trabalho e começou a fazer uma entrevista de emprego. Parecia que estava reproduzindo um jogo que tinha acontecido com outro palhaço. O jogo mudou quando uma menina apareceu para tirar foto e sentou ao nosso lado. Imediatamente começamos a reproduzir tudo o que a mãe tinha nos dito. A entrevista agora era com a menina.

No Ambulatório a médica disse: "Vaso, que saudade de você! As crianças estão precisando de vocês; escrevi uma carta de amor para você!". Fomos ao trabalho!

Na primeira baia começamos uma espécie de conversa privada sobre o diagnóstico de uma criança, a médica entendeu e começou a jogar. No fim, o diagnóstico era de que a criança precisava de balé. Vaso disse para criança que ela precisava fazer aula e Dagô disse que ele não tinha entendido, pois ela precisava assistir balé. Vaso se armou e começou a dançar enquanto Dagô tocava. Dagô trocou com Vaso e fez uma apresentação de dança contemporânea. Vaso tocou e quebrou a palheta do cavaco. A menina disse: "Ih! Você quebrou!". Dagô parou e perguntou o que estava acontecendo. Nesse momento a conversa privada era entre Vaso e a menina sobre o ocorrido. Dagô ficou boiando até descobrir que quebraram a palheta.

Descemos para o corredor e as médicas nos chamaram para tomar uma vacina. Nós entramos na sala, mas não tivemos coragem de tomar. Começamos a especular sobre a função da vacina e concluímos que essas vacinas eram uma maneira de manipular as pessoas. Começamos a elaborar muitas teorias da conspiração.

Subimos para a Enfermaria e a médica começou a perguntar porque não fazíamos esse trabalho com idosos. Ela disse que "era mais fácil com eles, pois quando fazem xixi e cocô, tem um fedorzinho nessa hora". Pareceu um deboche. Cortou dizendo: "e a música?" Dagoberto estava sem palheta e pegou uma moeda na mesa da médica para tocar. Vaso interrompeu na hora dizendo que ele estava reprovado por falta de

higiene. Estava pendurado pelo beijo de uma pulga. Vaso: "assim você não passa no estágio probatório."

Entramos na Enfermaria e a mãe de P. estava comendo um biscoito, e P. deitada numa pose bem diferente. A mãe disse que ela estava fazendo um ensaio sensual. A criança do lado esquerdo de P. estava com um kit culinária infantil e começamos a transformar o jogo no programa de culinária da Angélica. Fizemos uma receita muito gostosa e saímos.

No CTIp, apenas uma criança que tinha passado por um procedimento, e sua incubadora estava toda molhada. Eles esqueceram a criança no calor! A enfermeira disse que isso era normal. Devia estar quentinho ali. Na saída para o Banheiro encontramos uma boneca encostada num canto e começamos a fazer um protesto sobre as condições das crianças no CTIp. Os médicos começaram a rir e disseram que isso não aconteceria novamente.

Palhaço Wanderful

Wanderson Rosceno
Setembro de 2017.

Hospital Universitário Gaffrée & Guinle.

Nem todos os dias são dias de Sol

Nem bem saímos, logo de cara, encontramos com Dr. Edson que nos informou que estava aplicando uma prova em sua sala. Pegamos um vidro de cola branca na saleta ao lado com seu secretário, e entramos na sala da prova oferecendo cola para quem precisasse.

"O Sol há de brilhar mais uma vez..." (Juízo Final - Nelson Cavaquinho) Assim começamos nosso dia pelo corredor, cantando e batucando. E

precisávamos mesmo de um pouco de Sol. Estava um dia muito frio. Segunda-feira! O dia escuro fazia parecer ser cedo demais para estarmos todos ali naquele hospital. As pessoas estavam com uma cara de quem gostaria de ter ficado um pouco mais na cama, debaixo dos cobertores. Todo mundo parecia estar com preguiça da vida, e nós, narizes vermelhos, entrando cantando, éramos puro contraste com o quadro que se apresentava naquele hospital. Palavras de ordem para mudar o clima! O sol há de brilhar para você que teve de acordar cedo, sair do quentinho dos cobertores, tomar aquele banho frio porque o chuveiro queimou! E a luz chegou ao coração de uma senhora que se contagiou com a nossa alegria e cantou junto conosco evocando calor ao sol.

Nem a médica da Obstetrícia que gosta da gente estava bem hoje para jogar. Pedi para não brincar enquanto atendia um paciente. O tempo estava definitivamente fechado! Depois ela foi atrás da gente no pátio para se desculpar. Ali, encontramos dois meninos, e um filete de raio solar atravessou o pátio, finalmente alguém que estava afim de se aquecer. Os objetos sempre nos ajudam na hora da dificuldade. E rolou um jogo musical muito interessante com o frango de borracha.

Na Sala de Aula, chegamos na hora em que a aula estava acabando. A Sala se torna uma grande massa sonora. Por uma experiência que já tivemos antes, tentar fazer qualquer coisa quando a aula termina - que é um momento em que os alunos estão conversando sobre qualquer coisa, extravasando as horas que ficaram em silêncio - é uma grande possibilidade de fracassarmos. Ficamos na porta e jogamos só com quem estava

na frente. Tentar chamar a atenção de todos seria uma tentativa frustrada. Além das pessoas estarem nesse clima de frio e sono a atuação não precisa ter um tom de espetacularização.

Seguimos para as baias do Ambulatório e encontramos um médico que normalmente é simpático conosco e não estava para muito papo. Entramos com ele na saleta onde uma mãe e uma menina eram atendidas por dois residentes. Quando entramos ninguém deu muita confiança. A menina só observava de soslaio. Não levamos o foco para ela. Dissemos que só estávamos querendo alugar a sala e viemos ver a vista da janela. Nesse dia comecei a usar um objeto que dá muito jogo, uma trena, puxei a fita e começamos a medir a sala. Enquanto o médico falava com a mãe, a menina nos observava. A medição foi tomando proporções atrapalhadas, um puxa a fita e, quando quase chega onde se quer levar, solta, voltando para trena. Nesse jogo, começamos a medir os objetos da sala: janela, porta, cadeiras, a menina, o cabelo da menina. Ela ria. Conseguimos enfim sua atenção! E no momento em que a conquistamos, conquistamos também a mãe e os médicos, que foram nos dando sugestões de procedimentos a serem feitos. Medimos os dedinhos dela, fizemos um teste de audição com o cacarejar do frango e enfim o sol brilhou um pouquinho naquela saleta.

No SPA a doutora estava atendendo uma menina. E ali, aconteceu uma coisa que poucas vezes acontece, a menina estava chorando muito e a médica pediu nossa ajuda para auscultar seu pulmão. Me sinto tão útil quando somos realmente solicitados. Pedi ajuda da menina para soprar umas bolhas de sabão. Senti naquele momento que

estava exercendo realmente a função de palhaço enfermeiro. Não é como o exemplo do palhaço que distrai a criança para tomar injeção e enganar a dor. E sim um trabalho de cooperação entre médica e palhaço enfermeiro. Descobrimos que a outra médica era jogadora de vôlei, pedimos autógrafos em vários papéis e depois saímos vendendo na outra sala.

Partimos para a Enfermaria, e hoje no Banheiro sugeri ao meu colega Akauã que recuperássemos o número clássico “Abelha, abelhinha”. Expliquei para ele a estrutura, pegamos um copo de água lá mesmo na Enfermaria e começamos. Wanderful como branco perguntou a Baqueta: “Você gosta de mel?” E Baqueta, augusto, terminou o número levando água na cara. Riso geral, mas o mais interessante foi a possibilidade de fazer o Baqueta pegar outra pessoa qualquer. Mas a única enfermeira disponível estava no telefone. As crianças ficaram muito animadas, mas ninguém acabou passando. Então, saímos combinando que precisávamos pegar mais alguém no truque. Partimos pro isolamento, lá estava K. um menino muito querido, que está há muito tempo naquele quarto sem contato com outras crianças. Me apeguei muito a ele, e mesmo fora do hospital fico pensando em como não fazer nossa presença se tornar rotineira. Pois, com a frequência de atuação naquele quarto, precisávamos atuar diferente naquele espaço. Nossas atuações estavam caindo na mesmice e nós estávamos cada vez mais reféns das vontades do menino K. que gosta mesmo é de mandar nos palhaços. Resolvemos tentar novamente ali o número “Abelha, abelhinha”. Começamos o número, e ele não queria nos deixar prosseguir, seu pai

percebendo que se tratava de algum truque, fez com que o menino prestasse atenção. Quando perceberam, através da minha comunicação com eles, de que se trataria de jogar água na cara do Baqueta, criou-se uma tensão e expectativa. Por fim, Baqueta caiu no truque novamente e agora desta vez tentamos fazer com uma terceira pessoa. Aquela enfermeira que estava no telefone, claro! Enquanto Baqueta se preparava, o pai e o menino o ajudavam a lembrar como tinha que fazer para pegar outra pessoa, eu explicava para enfermeira que não era ela que seria pega, e sim o próprio Baqueta novamente. Mas ela não acreditou nos palhaços. Eu também não acreditaria. Ela foi, receosa. Só que antes do Baqueta levar água na cara, ela saiu correndo. Mas só isso já foi muito engraçado. Tentamos mais uma vez com outra enfermeira, o pai e o menino muito empolgados, o pai até mais que o menino. E dessa vez deu certo! Falamos que íamos pegar outra pessoa. Saímos do isolamento fingindo falar com alguém que passava: “Ei, você... gosta de mel?”. Passamos pelo vidro do isolamento, piscando para o menino K. e seu pai, cúmplices da nossa traquinagem. Foi um bom jogo e uma ótima saída.

No CTIp aconteceu um caso que me fez me pensar na responsabilidade da transmissão de experiência de palhaço para palhaço. Assim como um dia fizeram comigo. Nesse dia, talvez ainda empolgado pelo jogo do “Abelha, abelhinha” que deu muito certo, Baqueta entrou no ambiente com a energia de fora. Saquei minha caixinha de música e comecei a tocá-la para uma bebê que estava em procedimento com outras enfermeiras. Talvez pelo frio daquela manhã, o CTIp estava particularmente silencioso naquele dia. Baqueta acrescentou o seu

sininho. Mas era necessário? Uma enfermeira irritada, disse: “Vocês decidem, ou a caixinha de música ou o sino. Acho melhor só a caixinha de música!”. Também tinha achado desnecessário, mas estava tentando me neutralizar da energia do outro jogo. Concordei com a enfermeira, que naquele momento pareceu integrar um trio conosco, onde ela seria o branco, zangada e mandona. Wanderful contente por ter sido escolhido e Baqueta desconcertado, tentava retrucar, fazia graça com a situação. Depois fiquei pensando que eu poderia ter jogado, sendo branco também com ele, chamando sua atenção. Mas a questão era que aquele não era o momento. Não que não exista possibilidade de jogo ali, mas precisamos identificar a abertura. Tentei fazer ele entender que não precisávamos produzir nada, só estar ali, trocar uma energia, uma canção. Mas acho que não fui entendido e ele tentava ainda assim preencher o silêncio do espaço. Decidi que falaria com ele depois sobre o ocorrido. Lembrei da Laura de Castro (Paulalaura) e de Juliana Brisson (Pastilha), dos conselhos que me davam no final das atuações e percebi que agora eu precisava passar a experiência que tinha até ali e os ensinamentos que recebi, que na verdade vêm sendo passados há muitos anos no programa de palhaço para palhaço. Eita, eu que até há um tempo era café com leite, sem mesmo perceber fui moído na experiência do dia a dia e tinha virado café puro, mas com açúcar, ou mel, para com toda doçura, fazer uma crítica necessária ao novo parceiro de atuação. Expliquei, assim como aprendi, o que era preciso para entrar naquele lugar, que era necessário mais delicadeza, mais escuta, menos proposição. Deixar se afetar mais do

que tentar afetar. Somente nossas figuras ali dentro daquele espaço já eram totalmente suficientes para modificar a energia do lugar. É normal errar, não chegamos ao hospital com um manual decorado de como agir, até porque cada dupla é uma dupla. Cada tempo é um tempo, tudo muda ali dentro o tempo todo, os pacientes mudam, ainda bem. Uns insistem em permanecer, mas mesmo assim tem um dia que não mais estarão. A equipe médica muda, por isso, às vezes, precisamos provar a necessidade do nosso trabalho ali. Nós também não somos permanentes. Quantos palhaços já passaram por esse hospital? Quantos narizes já construíram esse programa? Por isso, é importante que nosso conhecimento, como uma herança, seja transmitido. Cada dia é um dia, cada clima é um clima, e nem todos os dias são dias de sol.

Mas, o sol há de brilhar mais uma vez...

Palhaça Aurélia

Camilla Farias

Agosto de 2017

Hospital Universitário Gaffrée & Guinle

Carta de despedida

Criar (ar) para improvisar

Improvisar para criar.

Eu certamente não sou

A mesma que entrou

Aqui

Em quatro anos ganhei nome

Ganhei amigos, ganhei sentido

Mas principalmente nesse tempo

O que eu mais fiz foi perder.

Perdi meu chão

Perdi meu Não

Fiquei sem eira nem beira
Fiz um monte de besteira
Mas encontrei meu coração.
Perdi medos... Foram muitos
Aprendi a arte mais nobre
E mais cheia de todo zelo
Que é a arte do dismantelo
Ou a arte do desaparego.
Fiz muita burrada, eu sei
Fiquei toda atrapalhada,
Também.
Mas nesses tantos tropeços
e entre muitos recomeços
Muitas vezes eu fui salva
Justamente pela falha.
É que a insegurança e o ego
Só nos fazem ficar cegos.
Dá vontade de chorar
Juntar todas suas tralhas
Arrumar todas as malas
E ir "simbora" correndo
Fugir pra outro lugar.
Mas a fuga, meus queridos
Não é caminho pra ninguém.
Vale mais meter as caras
Levar tombo, levar porrada
Pra aprender a se entregar.
Um amigo uma vez disse:
"Se correr o bicho pega,
Se ficar o bicho come
E se encarar o bicho é que foge."
Quem sabe não foi um sábio
Que lhe disse essas palavras,
Que lhe ensinou esse saber.
Mas eu aposto que foi um palhaço
Que comprovou isso na pele

E botou o bicho pra correr.

Palhaça Pastilha

Juliana Brisson

Setembro de 2016.

Hospital Universitário Gaffrée & Guinle.

Juliana,

Fiz uns cálculos aqui e você agora deve estar em frente ao computador, em Petrópolis, numa noite de março de 2014, escrevendo uma carta de intenção para entrar no Programa Enfermaria do Riso. Você, para variar, deixou para escrever na última hora porque, para variar, é assim que você faz com as coisas que você mais gosta: pensa, ruma, pensa até chegar no último momento para conseguir dar forma a tanta ruminação.

Te escrevo de pouco tempo depois, estou em setembro de 2016 e, adivinha, sou palhaça no hospital há mais de um ano! É, você passou na seleção e agora perambula pelo hospital com nome e tudo. Maior saga gigantesca para chegar até aí. Isso tudo porque desde que você viu o filme "Doutores da Alegria" lá em 2012, ficou encasquetada com essa ideia de ser palhaça. Um troço que eu me lembro que você nem entendia bem porque te tocava tanto, e achava meio de outro mundo (ou talvez muito do seu) o modo como esses seres enxergam a vida. Acho que te fisgou por aí, né? Um jeito de ver e lidar com a vida que sempre te fez brilhar o olho.

Mas o negócio é que você não imagina que vai precisar de tanto espaço-massa, erro, relatório, choro, triangulação com a plateia, vontade de desistir (principalmente no início), ritmoritmoritmoritmo, urgência, menos ansiedade,

corpocorpocorpo, um nome que você nem gosta tanto mas sem muita explicação te parece perfeito ... você vai precisar de muita coisa e nunca vai parar de precisar de coisa para ser melhor. Eu, por exemplo, ainda estou no início de tudo e fico me perguntando para onde eu estou indo agora. Eu realizei o maior sonho e sim, você estava certa na sua intuição, realmente mudou minha vida para sempre, a minha relação com a atuação e o teatro, com o meu olhar pro mundo, com o meu olhar para mim mesma. Não vou te enganar, ainda não virei um ser bem resolvido, mas olhando daqui, já estou bem melhor só por ser palhaça de hospital. Ser palhaça de hospital é um troço que muda profundo. Não exatamente por causa da relação com a morte ou a dor. Acho que tem sido mais pela relação com as pessoas e o modo como elas se relacionam com tudo. Tem muita coisa difícil no hospital. E a lida com a morte, sem dúvida, é uma delas. Mas eu, por exemplo, tenho especial dificuldade de sair com justeza dos jogos, porque sempre acabo me alongando. Ultimamente tenho achado muito interessante perceber o momento da finalização, sem precisar dar tchau ou deixar o jogo se fragilizar. Tenho tentado perceber momentos em que o jogo está num certo ápice, mas ir embora não vai deixar nenhuma água na boca, no mal sentido da água na boca.

A boca também é um problema. No hospital, sempre dá para ter muito blablablá. É comum. E olhando de fora, quando você não está de palhaço, é muito fácil perceber que blablablá é um troço muito sem graça. Para te escrever essa carta, eu estava lendo uma moça que diz uma coisa bonita sobre a tagarelice de um palhaço (que, claro, você deve imaginar, é uma forte

característica minha). Ela diz que a tagarelice do palhaço é potente quando a palavra vira gesto. E sabe o que é doido? É que dá para sentir. Tem muita coisa, aliás, que dá para sentir. Acho que nunca me senti tão autônoma dentro de uma técnica. A Ana vive dizendo que a gente precisa interiorizar o que ela diz. E eu acho que já tenho feito isso há um tempo dentro do hospital. E é muito bom, é muito bom ver que a gente pode se perceber. O palhaço traz isso também, uma escuta enorme para o outro, e uma escuta enorme para si mesmo. E isso dá um orgulho... Dá muito orgulho perceber que você tem capacidade de se enxergar e ser justo com você, na medida do possível, sem falsa nem muita modéstia. Parece que você se torna capaz de ligar um botão de sentir na pele (às vezes sem tanto raciocínio) quando a coisa realmente está funcionando e quando ela não está.

Tem também a dupla. Acho que é uma das coisas mais mágicas. Aprender a ser dupla. A estar com o outro de verdade, entender que isso não significa ter a mesma energia que ele. Na verdade, a oposição numa dupla é sempre algo muito rico. Uma oposição totalmente agregadora, cheinha de sim, como diria a Madame. A graça de ver o outro sacando você, a graça de ver o outro comprando seu jogo, te salvando numa hora difícil... Estar realmente junto num jogo de palhaço é um dos maiores prazeres que já experimentei na vida. De verdade. E poucas aulas de teatro ensinam isso tão bem quanto o dia-a-dia no hospital. Não tem muito para onde correr. É um aprendizado feito na marra. Um dos meus melhores aprendizados, porque estar de verdade com o outro, quase que pressupõe que

eu aprenda a estar de verdade comigo e acho que vice-versa.

Os momentos que me sinto mais realizada como palhaça de hospital são aqueles em que, com minha dupla, consigo realmente estar a serviço de um jogo com o paciente, que se torna mais foco do que os próprios palhaços. Coisas simples como um residente que acha graça do jeito que eu falei com outro médico e resolve falar com a mesma voz e corpo que eu. Momentos em que um paciente resolve fazer uma mágica de desaparecimento e você some, e quando você ressurgir, quem aparece no seu lugar é a mãe de outro paciente, com o seu nariz, e você podendo assistir escondida ela sendo palhaça por um dia e realmente se divertindo com isso. Momentos em que a briga com a sua dupla faz a criança se escangalhar de rir ou apenas a permite poder relaxar e não se sentir o foco de tudo o tempo todo. Momentos em que um médico que já fez teatro pode ajudar você e a sua dupla a fazer um *gran finale* para a cena muda que vocês estão jogando com uma criança na janela da sala do Isolamento. Também quando te pedem para tirar uma foto, e você faz a pessoa mudar de lugar sem parar, só porque você e sua dupla não estão achando o lugar ideal de luz e cenário e ambientação harmoniosa para um retrato realmente excelente.

É, você certamente vai viver tudo isso, e disso não temos dúvida. Sendo assim, ainda me pergunto por que resolvi endereçar essa carta para você. Acho que a graça está justamente em ser você e eu. Poder falar comigo mesma. Acho que é isso que tenho aprendido, a me ter como medida e ao mesmo tempo me ver como um outro. E nesse meio entre eu e outro, parece que nasce um outro

eu, um eu-Pastilha. Ah... não te falei o nome né?

Vai ser Pastilha.

Um beijo,

Juliana

Palhaço Baqueta

Akauã Santos

Abril de 2017.

Hospital Universitário Gaffrée & Guinle.

Lembre-se da sua dupla

Começamos o dia tendo uma conversa muito produtiva. Fizemos uma espécie de recapitulação das outras semanas. Falamos nossas impressões um para o outro, o que achamos que funcionou e o que não. Isso influenciou bastante a atuação do dia, pois deu um norte comum para a dupla.

Assim como nas outras atuações, usamos as palavras-mantra. É uma tática que nos ajuda bastante, pois além de nos sintonizar, elas funcionam como um mantra que traz boas energias. No dia, reafirmamos as três palavras que já tínhamos: *coro*, *corpo* e *jogo*. E adicionamos mais duas, cada um sugeriu uma. Juliana sugeriu *dupla*, e explicou sua escolha, dizendo que a dupla é tudo o que o outro tem de concreto e sólido, como um porto seguro. Inclusive parodiou uma frase do Sotigui Kouyaté, dizendo: “quando não souber para onde ir, lembre-se da sua dupla”. Eu sugeri pausas/silêncios, para nos lembrar de que às vezes é melhor ficar calado, respirar e olhar de verdade, do que impor um jogo verbal e difícil de transpor para o corpo.

Depois de decidir e explicar as palavras-mantra, começamos a nos aquecer e foi

bastante significativo o modo como colocamos nossos narizes. Estávamos falando várias palavras, principalmente as palavras-mantra, pulando e chacoalhando, quando começamos a fazer os mesmos movimentos, como um espelho e em um momento ficamos lado a lado, nos abaixamos e decidimos, juntos e sem liderança, colocar os narizes. Nos conectamos e entramos inteiros.

Era a primeira vez que Baqueta estava se aventurando em dupla, e foi interessante notar a diferença entre estar em trio e estar em dupla. No trio, poderíamos dizer, que a responsabilidade de conduzir e de moldar o jogo é muito mais diluída. Pois há um princípio de coro, a liderança é mais fluida. Já na dupla, a responsabilidade é sempre dos dois, não tem como fugir, temos que estar o tempo todo a procura do jogo. E não pode dar bobeira, que o jogo passa. Há uma maior clareza das figuras de branco e Augusto. É preciso se posicionar perante a situação e ter o entendimento de que não se deve seguir, necessariamente, exatamente o que seu parceiro diz ou faz. Muitas vezes temos que nadar contra a corrente e fazer o contraponto, explorar o extremo oposto da nossa dupla. Fui percebendo ao longo do dia que em dupla é muito difícil de fazer funcionar um jogo com energias parecidas.

Quando chegamos no Corredor, me dei conta que as reações e a recepção das pessoas ao jogo não eram as mesmas das semanas anteriores, quando éramos um trio. Percebi então, que eu não havia me transformado e estava igual a semana anterior. A partir daí tentei mudar.

Um jogo me fez perceber que realmente eu estava conseguindo mudar. Um carrinho tentava, com dificuldade, passar pelo Corredor. Ao invés de

seguir o que Pastilha estava fazendo - se afastando e afastando as pessoas do caminho -, me coloquei no caminho e fui sendo levado pelo carrinho. Ao tentar sair, pulei nele e fiquei preso lá em cima. Não conseguia descer de jeito nenhum, por estar com muito medo do perigo de estar em cima de um carrinho em movimento. Depois de muito esforço e muita ajuda de adultos, funcionários, pacientes, e crianças, Pastilha conseguiu fazer com que Baqueta descesse com segurança, e o carrinho pôde então seguir seu rumo. Foram os primeiros momentos do dia em que assumimos o branco e Augusto.

Eu não poderia terminar esse relatório, sem mencionar o K. e o jogo que aconteceu em seu quarto. K. está desde fevereiro internado no hospital, sem poder andar. Aquela semana, particularmente, era uma semana muito ruim, pois ele estava recém-operado. Comendo mal, bastante triste e sem ânimo para nada. Tudo que ele menos queria eram palhaços em seu quarto.

Quando aparecemos na janela nos esbarrando sem parar, ele já nos ignorou, indicando que não queria ver ninguém. Percebemos. Nos olhamos e decidimos tentar. Chegamos na porta e perguntamos se poderíamos entrar. Ele sentado de costas para nós, com a cabeça baixa acenou que não. Olhamos para a acompanhante dele, a J., e ela pediu para que entrássemos. Ficamos na porta. Perguntamos coisa ou outra, falamos com J.. Estava difícil de quebrar o silêncio dele. Até que Pastilha começa a falar de forma natural e ao mesmo tempo lúdica sobre o dia a dia do hospital, de como somente um herói conseguiria lidar com essa rotina de ficar ali, ser espetado e ficar vendo a cara da J. o dia todo, e

que claramente K. era um herói. Baqueta então diz, já bem triste, que queria muito rever esse herói, pois na última visita, ele estava dormindo e Baqueta estava com muitas saudades. Então, entre uma frase e outra Baqueta começa a chorar. E é aí que K. lança seu primeiro olhar para nós, primeiro estranhando a reação de Baqueta e depois um olhar de “O que que tá acontecendo com ele?” para Pastilha, que se manteve branca, dizendo para Baqueta parar, que não tinha que chorar, e se desculpando. Isso fazia Baqueta chorar ainda mais. Estava claro para nós dois que o jogo era esse.

K. cada vez mais curioso e interessado no que estávamos fazendo, quase não percebe que os palhaços estavam entrando bem aos poucos em seu quarto. Em algum momento no meio desse choro e confusão toda, K. oferece a escova que tinha nas mãos como uma possível solução para o choro de Baqueta findar. Funciona por alguns segundos, depois Baqueta começa a chorar de felicidade. Segundo ele, sempre foi seu sonho ter uma escova para pentear seus cabelos. Pastilha até tenta impedir a ação que Baqueta inicia, mas era tarde demais. Baqueta passa a escova no cabelo e esta fica totalmente presa em meio a seus cachos. Ele tenta, mas não dá para tirar. Resolvemos fazer uma corrente. K. puxa J., que puxa Pastilha, que puxa a mão de Baqueta, que puxa a escova. Tentamos uma, duas vezes e nada. Até que J. diz: “Por que o K. não tenta sozinho?”. Valeu, J.!!

K. puxa a escova e sozinho tira do cabelo de Baqueta. Pronto! Jogo realizado com sucesso. Antes que pudéssemos pensar no que iríamos fazer depois, J. fala para K. pedir uma música. Mas ele diz que não quer, e explica que não gosta de música. Pastilha, sabiamente, diz: “Eu também não

gosto, inclusive tem uma música chatíssima que é assim...” e começou a cantar a música “É bom Cantar” da Bia Bedran, enquanto Baqueta dava o ritmo no pandeiro e fazia segunda voz. Entre uma pausa e outra Pastilha comentava como era chata.

Durante a música, começamos a marcar o ritmo corporalmente, abaixando e levantando o quadril. Era nossa coreografia nascendo. Nesse momento K. e J. começam a sorrir e rir. Pastilha, percebendo que havia várias médicas, enfermeiras e residentes olhando, rindo, filmando e observando pela janela nossa bela coreô, pede licença para K. e sai da sala. Segundos depois, ela volta trazendo consigo quatro delas. Fazemos uma nova formação, um ao lado do outro, para que o corpo de baile pudesse apresentar sua bela coreografia, ensaiadíssima! Então, recomeçamos a cantar e dançar ultra sincronizados. Ao longo da música vão entrando mais médicas, enfermeiras e residentes, e o ritmo vai acelerando aos poucos, até que não dá mais para entender se é para cima, para baixo ou para bater palma. Encerramos a música nessa confusão, com oito membros da equipe médica no quarto.

J. sugere - sim, ela é muito participativa - tocamos uma música para nos despedirmos. Pastilha, então, puxa o “Funk da Contradição” (versão Despedida), quando um diz “Oi”, o outro diz “Tchau”. Fomos caminhando em direção à porta enquanto o jogo ia encerrando.

Pela janela, demos tchau para K., que falou algo inaudível para nós. Algo parecido com “vai, mas volta!”. Acenamos e fomos embora em direção à Enfermaria.

Ali, naquele momento, antes de entrar na Enfermaria, tive a certeza de que a gente tinha ido

para o hospital aquele dia para jogar com K. O menino que nos ignorava e se negava a nos receber, ficou conosco até o último segundo.

Palhaça Sabuga

Katiuscia Dantas
Agosto de 2017.
Hospital Universitário Gaffrée & Guinle

Banheiro

Enquanto nos arrumávamos, conversamos sobre as mudanças e trocas de parceiros, seria a primeira dupla de novatos, e como aquilo podia ser positivo para os jogos. Depois fizemos um aquecimento, expansão do corpo, rosto, olhos, voz, enquanto íamos ocupando todo o espaço do Banheiro, um jogo de ação e reação. Viramos de costas um para o outro e colocamos os narizes.

Corredor

Fomos parados pelo Dr. Liberal, que perguntou quem tinha nos deixado ir sozinhos ao hospital sem crachá. Disse que não estava certo e que iria falar com a coordenadora. Peguei o crachá do secretário dele e seguimos pelo corredor. Paramos na janelinha do cinema (Imunologia), e perguntamos por que estava demorando tanto. Subi na janelinha, enquanto Baqueta entrou pela porta e disse que eu tinha que entrar também. Então passei pela janelinha, um moço que estava lá fora e o outro que trabalha na Imunologia me ajudaram, e chegando lá, começamos a atender a primeira mulher que chegou querendo marcar consulta para a mãe dela. Depois atendemos outro moço que estava querendo um remédio. Saímos e tinha muita gente sentada, começamos a

cumprimentar as pessoas e todos começaram a apertar as mãos até que deu-se um nó e Sabuga caiu no colo da mulher, Baqueta foi ajudar e acabaram todos caindo. Baqueta ficou suspenso pela perna da Sabuga, depois que finalmente conseguimos resolver toda a confusão de mãos seguimos pelo corredor. Na Obstetrícia fizemos o pedido do bebê, dissemos que queríamos um também, a médica falou que nós que tínhamos que fazê-lo, chegou uma moça grávida e nós começamos a falar para ela que bebê era muito caro, não seria legal ter um na crise.

Pátio

Quando chegamos no Pátio tinha uma mulher segurando um bebê recém-nascido, começamos a falar que ele era muito fofo e ela perguntou se nós queríamos segurá-lo. Seguramos. Baqueta segurava Sabuga que segurava o bebê e em forma de conchinha fomos andando até a médica da Obstetrícia para mostrar que agora nós tínhamos nosso próprio bebê, ela não acreditou, fez cara de chocada, demos uma voltinha com o ele e logo entregamos para a mãe que estava indo atrás de nós. Quando chegamos ao Pátio novamente, uma enfermeira estava tomando café e comendo pão, já chegamos pedindo, dizendo que aquilo não era hora de tomar café. Ela dividiu mas Sabuga não engoliu o pedaço, ficou fazendo monstrinho para as pessoas que passavam, a enfermeira ficou com nojo. Havia outra mãe com um bebê, todos pediram para tocarmos uma música, então tocamos um samba, muito animado, sambamos, e ela sambou junto.

Ambulatório

Três crianças se consultavam, chegamos, e enquanto a médica falava com a mãe deles, nós falávamos com as crianças, repetindo e modificando. Depois de um tempo, a médica reclamou que estávamos atrapalhando, e isso foi muito bom porque começamos a fazer em Libras, tudo o quê ela falava a gente fazia com o corpo e as crianças ficaram ainda mais atentas e riram bastante, coisa que elas não estavam fazendo antes. O médico que sempre tenta me molhar estava lá, ele encheu um copo de água e saiu atrás dos palhaços, corremos e entramos na Sala de Aula.

Sala de Aula

Estava vazia, o médico disse que ia nos trancar lá, ficamos com medo e Baqueta escreveu no quadro "libertem os palhaços Baqueta e Sabuga". Depois saímos correndo e descemos.

SPA

Quando entramos na sala, uma médica queria sair, foi uma confusão. A mãe que antes estava no Pátio, era atendida junto de seu bebê, a médica falava ao telefone, começamos a falar com ela ignorando que ela estava no celular, ela disse para não fazer barulho e começou a falar com a pessoa do telefone que tinham uns palhaços atrapalhando. Começamos a cantar e a mãe pediu para fazer silêncio por causa do bebê, saímos cantando baixinho. Na saída da SPA encontramos um homem com duas meninas gêmeas, iguais, idênticas, com a mesma roupa, mesmo cabelo, tudo igual, começamos um jogo: "você é você ou você é ela?". Brincamos com os nomes, trocamos,

esquecemos, a partir da primeira letra começamos a falar outros nomes, até que passaram duas moças que trabalham na limpeza e os palhaços pediram ajuda para dizerem quem era quem, e a moça falou: "uma é uma e a outra é a outra", e nós "Ah claro! Como somos burros em não acertar uma coisa tão fácil!" e deixamos elas irem embora.

Sala dos bebês (CTIp)

Fomos ao quarto do L. e cantamos uma música, mas de uma forma muito diferente, como se fosse uma apresentação de ópera no Teatro Municipal. Isso porque a médica que estava saindo do quarto quando chegamos disse que ele não estava bem, procuramos outra médica mais conhecida para perguntar antes de entrar, e ela disse "ele está bem, podem cantar para ele". Depois fomos ver os bebês, só havia dois. Tentamos escolher qual levaríamos para casa, falamos com eles, fizemos perguntas para ver se eles tinham interesse em ir com a gente.

Enfermaria

Antes de entrar na Enfermaria, fomos lavar as mãos. Na sala, uma enfermeira vendia Mary Kay e queria vender para gente, nos oferecemos para ser modelos dela, ela daria amostras grátis e nós divulgaríamos. Fizemos poses de modelo divulgando, ela quis tirar fotos, e uma médica entrou no meio e quis fazer poses com a gente. Jogamos com isso, todos que estavam lá se envolveram, foi muito interessante esse jogo, porque as pessoas que embarcaram são médicos que nem sempre entram no jogo com a gente. Depois começamos outro jogo, Baqueta não conseguia passar por baixo das divisões do teto,

sempre batia a cabeça. Chegamos no quarto de K. super animados, mas logo fomos caindo nos mesmos jogos. Uma coisa legal é que ele disse que o pai dele não acerta o funk da contradição quando a gente não está lá. Como sempre foi difícil sair.

Na outra parte da Enfermaria, começamos um jogo na porta, não conseguíamos entrar, a porta ia e voltava e levava a gente junto, uma médica disse que a gente precisava ser mais forte e começamos então uma corrente elétrica de mãos dadas, até que conseguimos forças para entrar. Quando entramos Baqueta não conseguia passar porque sua cabeça sempre batia no teto, então ele abaixou e ficou curvado para frente, fomos andando assim e encontramos um bebê no colo da mãe, Baqueta usou o sininho e Sabuga tirou o Sabuguito do bolso, a mãe ria e o bebê ficava muito sério olhando pra gente. Seguimos, Baqueta avista R. com uma máscara e vai até ele para fazer contato. Fomos andando como se estivéssemos na lua e falando com uma voz meio lenta e grave. Falamos, falamos, e nada de obter resposta. Um menino que estava na cama ao lado rindo muito, chamou nossa atenção e fomos até ele, Baqueta diz que viu uma outra forma de vida, chegamos perto e continuamos tentando fazer contato, falamos em inglês, francês, gromelô, libras e nada dele entender, só ria, fomos nos afastando com dificuldade como se não existisse gravidade e saímos da sala.

Banheiro

Enquanto nos arrumávamos para ir embora fomos conversando sobre como tinha sido o dia. Realmente foi muito vivo, jogamos muito, as pessoas estavam abertas às nossas propostas: até

palmada no traseiro médica que não reclamou, ao contrário riu, e tentou bater no meu de volta. Em vários momentos tivemos uma conexão muito boa e rápida, só com o olhar sabíamos o que o outro queria, como na hora do bebê, apesar do Baqueta ter ficado apreensivo em pegá-lo, tivemos a mesma ideia de passear e levar o bebê para a médica ver, e até a forma como o seguramos foi muito espontânea. Acho que foi o dia que mais joguei junto com a dupla.

Palhaça Almofadinha

Julia Fernandes
Agosto de 2017.
Hospital Universitário Gaffrée & Guinle.

A primeira vez...

Esse relatório já vinha sendo escrito na minha cabeça uma semana antes do grande dia, eu previa e criava situações que já poetizava e descrevia de forma interessante, sem que nem mesmo fossem acontecer. Chegou a véspera. O frio na barriga e a ansiedade não me deixavam dormir, e o relatório pulsando na cabeça... Relatório... Não seria isso um ato de registro de algo já experienciado, vivido, passado? Olha eu aí querendo o controle de tudo!!! E não é sobre controle, é sobre NÃO saber!!! Já são duas da manhã, você não vai dormir mesmo Julia... O que fazer??? Pega a Bíblia!!! A Bíblia? Sim!!! Não aquela escrita por inspiração divina que prega sobre Jesus e seus apóstolos - até porque você não tem um exemplar desses em casa - mas aquela de capa vermelha, escrita sob e sobre transpiração mundana naquelas reuniões às sextas feiras, aquela onde os versículos de Madame apontam o

caminho do sucesso que contém no fracasso! Acorda Julia! Levanta! Você tá tão nervosa que sonhou que procurava o caderno da Enfermaria! Tira tudo de novo de dentro na mala e confere! E pelo amor de Deus não esqueça o nariz!!! Nem as meias!!! Nem a calcinha, nem os grampos... Ou seja, o que você pode controlar e organizar, organize!!! Ufa! Ainda posso planejar alguma coisa... Será que eu posso planejar não planejar?! Chego vinte minutos adiantada do horário combinado, meu estômago está dando cambalhotas. Katuscia chega. E se Giselle não vier? Sim! As pessoas ficam doentes, têm imprevistos, além de todo o caos do Rio de Janeiro... E ela mora em Jacarepaguá, que a música não deixa esquecer que é "longe pra caramba!" (Jota Quest)... E com cabelos ainda mais coloridos, dentes arreganhados e olhos apertadinhos Giselle faz sua entrada. É... Agora não tem volta... Não escondo meu nervosismo de minhas madrinhas. Sem decidir, já começo a construir uma permeabilidade, não preciso fingir, esconder, soterrar nada, deixo vir. Elas me acalentam, uma diz que a primeira vez no trio é perceber-se corar, outra diz que o importante é escutar. Ouço tudo com atenção, entendendo que aquele não é um momento de nervosismo só para mim, percebo que elas se sentem responsáveis. Lembro-me de outras primeiras vezes... O primeiro beijo, o primeiro porre, o primeiro amor. Toda primeira vez tem um momento crucial em que você pode ir ou desistir, e independente da sua decisão, chegar nesse ápice, a menos que o tempo congele, já te torna covarde ou corajoso um segundo depois de sua ação. As informações são passadas com generosidade pelos médicos, é... A reunião de rotina é mais do que

importante. Com a chave nas mãos, é hora de fazer do Banheiro o camarim e dar início ao ritual. Me atraso um pouco devido à falta de prática. Penso que é só uma questão de tempo, e quando percebo já me imagino me arrumando para aquele trabalho outra e outra vez, isso me faz sorrir. Ofereço os objetos que levei às minhas parceiras, elas sabem o que pode funcionar. Gi generosamente pega o fantoche de ratinho deixando para mim o de dragão - muito mais impressionante - e incentiva que eu leve também a caixinha de música. Todas prontas! Hora de aquecer! Uma música do repertório, um jogo de dupla adaptado ao trio, mais uma música. Vamos? Só mais um!!! Peço eu, como pede a criança mais cinco minutinhos no parque de diversões. "Vocês têm que sair pois eu estou com dor de barriga e preciso usar o banheiro!", somos interrompidas por uma moça enfezada, Giselle explica que precisamos de mais um minuto, que estamos finalizando para sair, "O banheiro é dos funcionários! Vocês podem fazer isso aqui fora!". Giselle explica firmemente que não podemos, e que se ela quiser pode usar o banheiro. A funcionária sai literalmente enfezada criando a deixa que eu precisava. A resistência de Gi defendendo o nosso espaço me encheu de confiança, me senti pronta para o que der e vier, um sacolejo sonoro e contagiante se instaurou e disse agora sim! Narizes a postos. A porta se abre e o tempo não congela, "decida-se permitir-se", meu último pensamento antes de irromper porta a fora. Experimento meu figurino naquela realidade, meus sapatos deslizam, jogo com isso. Giro e minha saia gira, ou será que minha saia gira e me gira? Pessoas de diferentes idades, cores, tamanhos. Pessoas que enxergam com as mãos. Minhas parceiras

propõem, compro. Proponho, elas embarcam. A plateia propõe, vamos juntos. É realmente sobre não saber. Vou me paquerando como quem se atrai por alguém em um baile, sem ansiedade, mas mostrando interesse em saber qual é a minha. Percebo-me muito permeável, gosto tanto que me apelidaria de Perfex. A palhaça Capricho sempre tem cartas na manga e sua experiência e generosidade a fazem transitar nos diferentes papéis de palhaço, já a palhaça Sabuga é um augusto nato, com a maior cara de pau que já presenciei e um dom inigualável de fazer bebê chorar. Me divirto. Percebo que, por um momento talvez, Sabuga não esteja realmente se divertindo. Adentrando o Pátio, uma menina pré-adolescente a assedia de forma invasiva, assanhando-lhe os cabelos e puxando seu nariz. Ver minha colega naquela posição me deixa desconfortável, visto meu branco, ainda tímido, e digo a menina que não faça aquilo pois eu era a cabeleireira da Sabuga. Descubro que branco não pede, ordena. Consigo salvá-la por um momento, mas a menina volta a importuná-la em vários outros momentos da visita. Me questiono agora se a Sabuga em algum momento foi permissiva sem querer. Mas, a essa altura, Capricho já nos convocava ao fuzuê do saque das cestas básicas, e depois de levarmos quase uma coça de cinto subimos ao momento que eu mais temia: a Sala de aula. No quadro, checando o horário, não estaria tendo aula. Quase não entramos por achar que estava vazia, mas eu disse apontando os espaços vagos no papel: "está tendo aula de branco!" e não me lembro quem abriu a porta num rompante. A sala estava lotada. Capricho e Sabuga muito à vontade, faziam perguntas sobre o seminário que no *power point*

trazia uma foto da famosa Anne Guedes, de três bebês em três vasos de flores. Elas descobriram que a nova forma de trazer seres humanos ao mundo não era mais parir e sim plantar crianças. Ouvei tudo atentamente, passando por cima dos alunos e cadeiras para cima e para baixo na busca do melhor lugar da sala. Logo Capricho me alertaria que aquela aula era do curso de jardinagem, e como nosso interesse era medicina não perderíamos nosso tempo. O Ambulatório estava relativamente cheio e pudemos transitar por diferentes tipos de interesses e interações, pude reafirmar minha afinidade com os jogos que implicam o corpo e o movimento, tenho boas tiradas, mas não me vejo uma palhaça piadista. Ter a criança como foco aumenta nosso jogo de cintura. Meio da visita. SPA. Sala cheia. Uma das funcionárias diz que a sala está cheia e que a gente não pode ficar ali, que a gente passe para a sala ao lado, diz que o Dr. Liberal - "que adora vocês" - está lá, e que passemos logo. Me surpreendo pela minha falta de constrangimento, mas vejo que terei que aprender a medir o que realmente pode ser verdade e o que é jogo. Ao lado, Dr. Liberal examina um bebê. Quando nota nossa presença para e inicia seu repertório de piadas a fim de entreter a plateia: "Cadê o seu crachá? Qual o seu nome? Em que período você está? A Ana Achcar sempre coloca os novatos com os piores palhaços...". Finaliza me dando as boas vindas e a visita segue. Passando pela área externa, nos deparamos com um grupo de residentes, todas mulheres, alinhadas no paredão, posicionadas de forma que a nesga de sombra acolhesse a todas. Não perdemos a deixa, nos misturamos e fazemos uma foto para a revista *VOGUE*, elas se divertem e

confessam que estão ali pois não têm lugar para se fixar dentro do hospital... A empatia e confiança que o palhaço desperta me deixam confusa, as pessoas insistem em falar sério... Seguimos. Ao subir as escadas para a Enfermaria, Capricho anuncia que vem chegando o fim da nossa jornada. A UTI neonatal, em virtude de obras, havia se movido para a parte da frente da enfermaria, tínhamos um trabalho sonoro cirúrgico para não perturbar os bebês e domar a energia das crianças, que ansiosas aguardavam nossa visita. Logo na entrada, um dos meninos anuncia que fizeram uma festa, mostra um desenho e diz que aquele é o convite. Explicamos que estávamos preparadas para tal, mas precisávamos examinar os bebês antes. Eram três. Todos frágeis e pequeninos. Contrária às minhas expectativas, não sinto nenhum tipo de tristeza. Sinto a importância de estarmos ali, para eles e para nós, percebendo a criança em sua essência, que vive muito além de tubos. A festa urge! E o anfitrião é K.. É... Sair do isolamento depois de tanto tempo realmente merece uma festa, e o presente é impressionante! O menino que antes não conseguia medir sua carência, depois da afinada festa (as crianças jogaram com uma escuta exuberante!) não só se despede, como leva os palhaços até a porta...Entramos no isolamento e a mãe de L. o acompanhava. Conversamos com ele e entramos em acordo que não faríamos muito barulho nesse dia para que sua mãe não descobrisse a bagunça que fazíamos quando ela não estava presente. Ela deitada estava, deitada ficou. Sei que a criança tem todo o direito de dizer não à nossa presença, mas e nesse caso? A verdade é que L. não fala nem se move, aquela mãe sem dúvida tem o momento

com seu filho invadido por médicos e enfermeiras a qualquer hora, um momento - que não sei quantas vezes ela tem por semana - sem privacidade, já que L. nasceu e nunca saiu do hospital. Teria ela vontade que nós saíssemos? Ela não verbalizou, e sem nenhuma agressividade, fizemos o contrário do que ela fez, incluímos sua presença. Fim da visita. Onde está a chave do banheiro? Deve estar com a moça do piriri, digo eu dando sem querer de cara com a própria que nos vem entregar a chave. Capricho abre a porta do banheiro. Entro sem querer que aquilo tudo acabe. Tiramos o nariz. Nos abraçamos. Não acabou. Ainda está aqui dentro.

Palhaço Tobe

Beto Correa
Relatório de Observação - 2017.
Hospital Universitário Gaffrée & Guinle.

Minha primeira visita ao hospital. Visita de observação. Quando cheguei a Camilla já estava se arrumando e alguns minutos depois a Giselle apareceu. Estava um dia frio e chuvoso. Logo na entrada percebi que o hospital estava meio vazio e em seguida descobri que o motivo dessa calma era toda eram as férias. Ficamos ali conversando no Banheiro enquanto as meninas se arrumavam, Camilla me explicava que exatamente naquele dia o K. iria para sala de cirurgia e que havia grandes possibilidades de amputarem sua perna. Depois continuou me explicando todo o procedimento de tratamento já realizado e o que seria a cirurgia.

Não me recordo exatamente de tudo, mas lembro algo a respeito de abrir o osso da perna e colocar uma espécie de cimento. Depois dessa cirurgia, precisaria aguardar um período, realizar

uma outra operação para a retirada desse cimento, e aí sim, verificar se a bactéria havia sido eliminada. Desta forma, ele anulava as chances de amputação. A cirurgia deste dia seria para a retirada desse cimento. Estou relatando isso porque confesso que sempre me surpreendo com esses procedimentos e tratamentos médicos e que esse assunto de cimento no osso não saiu da minha cabeça.

Depois de um ótimo aquecimento da dupla e já na presença das enfermeiras palhaças Aurélia e Capricho, nos enveredamos pelos espaços do hospital. Logo na saída, ali no balcão dos jalecos, começou um jogo com os guardas e a Aurélia ficou conversando com eles até passar um médico, e na mesma hora, ignorou todos os presentes, agarrou-se no médico e ficou dando em cima dele, elogiando, paparicando... Capricho, sempre chamando atenção, tratou de pegá-la pelo braço e seguimos pelo Corredor.

De fato, não tinha quase criança nenhuma e os jogos aconteceram mais com os funcionários, médicos e adultos que estavam por ali. Capricho e Aurélia jogavam também comigo, o que achei ótimo. No Pátio (espera para o Ambulatório), encontramos uma senhora e ela começou a contar sua história para nós, contava que na noite passada o cachorro do vizinho mordeu sua neta, e ela brava, foi lá tirar satisfação com o dono do cachorro que por ventura era policial. Era incrível que quando a senhora se referia a ela mesma e ao que tinha dito para o policial, ela revivia aquele momento com tanta verdade, falava como se ele estivesse ali do lado dela. Todos conseguíamos ver o policial ali, do lado dela, e tudo por conta de tanta verdade no que dizia. Capricho fazia piadas

com Aurélia, mas a senhora nem percebia de tão compenetrada que estava em nos contar o ocorrido. Aquela senhora se divertia com as palhaças, mas antes disso, se abria com elas, queria lhes contar histórias. Foi um momento diferente que eu não tinha presenciado ainda. A senhora reconheceu nas palhaças, pessoas que estavam por ali dispostas a ouvir suas frustrações e problemas.

Em seguida entramos na Sala de Aula, mas não tinha ninguém, e novamente o jogo aconteceu comigo. As palhaças escreviam no quadro e tentavam dar aula para uma sala vazia e me culpavam pela falta dos presentes. Depois disso subimos para a Enfermaria e os espaços se encontravam também vazios, há não ser pelos funcionários, enfermeiros e médicos. Passamos pelo Isolamento e conseguimos pegar a saída do K. para a sala de cirurgia.

Foi muito importante ele ter tido o contato com as palhaças naquele momento, notei que estava bem e confiante e quando Capricho e Aurélia apareceram ele ficou feliz. Entramos em uma sala que tinha uma criança no colo da mãe e alguns enfermeiros e médicos, e iniciou-se o jogo da apresentação do nome com música, que geralmente funciona muito.

Depois no CTIp conheci o L., que estava dormindo. Aurélia e Capricho começaram com intervenções sonoras e a enfermeira alertou para que não o acordassem. Na volta, quase chegando ao Banheiro, Aurélia encontrou um outro médico, agarrou ele pelo braço novamente e antes que Capricho a impedisse, saiu com ele e desapareceu. Ficamos ali no Balcão dos jalecos esperando sua volta e Capricho, bem indignada com Aurélia, dizia que ela não tem jeito, que adora um doutor...

Finalizamos, levantando comentários sobre os jogos e observei boa escuta na dupla, urgência sagaz e facilidade em se adaptar aos espaços vazios. Fica para mim mais que evidenciado dentre todas as observações deste dia, que o palhaço é sempre provocador, transformador... O palhaço no hospital modifica o ambiente e os espaços por mais simples que sejam. Transformando aquela rotina hospitalar em algo mais agradável, acolhedor e divertido, tanto para os pacientes quanto para os profissionais e familiares.

Palhaço Arame

Aramis David Correia

Maio de 2018

Hospital Universitário Gaffrée & Guinle.

Palhaço de Hospital como especialidade da palhaçaria

Atualmente sou doutorando[1], cuja pesquisa investiga as possibilidades da palhaçaria como uma plataforma para o Ensino do Teatro no segmento do ensino médio da educação formal. Em função desta investigação, me aproximei do Programa Enfermaria do Riso, estabelecendo uma relação de pesquisador residente, o que me permitiu participar da maior parte de suas atividades: reuniões de avaliação, sessões de supervisão psicológica, processo de seleção de novos integrantes e atuações em eventos diversos. Esta intensa interlocução resultou no convite para co-ministrar a disciplina Jogo do Palhaço I[2], em 2017.2, parceria que institucionalmente foi formalizada como Estágio Docente, momento que considero como meu batismo na função de Monsieur de palhaços.

Escrevo agora me reportando a 29 de setembro de 2016, minha primeira visita ao Hospital Universitário Gaffrée & Guinle (HUGG) para observar a pernóstica dupla de palhaços Sona e Pastilha, (Cacá Otoni e Juliana Brisson, respectivamente). Nesse dia, eu que já havia conversado tanto a respeito da atuação de palhaços em hospital, me surpreendi ao me dar conta de nunca tê-los assistido pessoalmente, e apesar dos meus interesses de pesquisador, me deixei mover apenas pelo desejo de estar presente, sem formular perguntas específicas.

De imediato me impressionou como as ações dos palhaços encontram-se perfeitamente integradas ao cotidiano do HUGG. Posso imaginar que durante todo seu tempo de existência, o Programa tenha enfrentado diferentes desafios, sejam eles relativos à incompreensão da natureza desta atuação ou ligados à hierarquia do ambiente hospitalar. Porém, o que testemunhei foi a perfeita incorporação da dupla de palhaços naquele lugar, flagrante tanto na maneira como o pessoal do hospital lida com ela, quanto na desenvoltura com que elas transitavam pelos diferentes ambientes.

Um exemplo: logo no início do dia, uma das jovens palhaços, ainda sem sua maquiagem e figurino característicos, perguntou a uma estudante de Medicina qual o quadro clínico de determinado paciente. As duas não se conheciam. A estudante de Medicina, sem hesitar, respondeu como se dirigisse a uma colega de curso, usando o vocabulário técnico, específico do curso. Somente no meio da resposta cogitou que sua interlocutora talvez não pertencesse a mesma área que ela. Entretanto, não demonstrou estranheza alguma quando descobriu que estava falando com uma

palhaça à paisana. Abriu um sorriso e prosseguiu com o diálogo usando termos mais acessíveis. Tal fato, mais do que evidenciar a amistosa colaboração entre estudantes da palhaçaria e de Medicina, mostra o perfeito domínio dos protocolos cotidianos do hospital por parte das palhaças, inclusive com algum entendimento de jargões médicos, ao ponto de serem confundidas com estudantes da área da Saúde.

O caso é interessante também por revelar que a chegada das palhaças estudantes ao hospital é igual à de todos os outros profissionais: sem nenhum *glamour*. Chegam, checam o quadro de pacientes do ambulatório - onde houve o caso citado -, e vão para o vestiário, que faz a vez de camarim. Neste dia, elas estavam tranquilas e sonolentas, sem muitos indícios do que viriam fazer em breve, como aquela excitação característica dos atores antes do espetáculo. Falávamos amenidades enquanto trocavam de roupa. Por breves momentos cheguei a esquecer do que fui fazer ali. Neste lapso de distração elas ficaram prontas e, sem anúncio, começaram a cantar com toda energia, como se tivessem acionado um botão de ignição. Tomei um susto tão grande que quase pedi que baixassem o volume. Impulso evidentemente refreado. Naquele instante começava o trabalho.

Acredito que meu ímpeto de censura possa ser atribuído, em parte, ao imaginário do hospital como ambiente silencioso e, em maior medida, a um tipo de estado de espírito gerado por este lugar. A maior parte dos presentes está ali a contragosto: uns a trabalho, outros por força das circunstâncias. Se pudessem, estariam em qualquer outro lugar. A aridez da realidade de um hospital afeta a todos, em maior ou menor grau. Não é só o riso que

contagia. Todos os estados de espírito possuem o mesmo fator: se amplificam em situações coletivas. São tão contagiosos quanto os vírus! Nossas risadas se multiplicam num ambiente com muitas pessoas, nossas lágrimas brotam quando há muita gente triste reunida. No hospital, é difícil especificar exatamente o que se passa. Percebe-se no ar um misto de tristeza, dor, tédio e superação. Assim, a rotina de trabalho dos palhaços, se consolida justamente na contramão das demais rotinas do hospital.

Vem daí uma segunda observação referente ao desafio que esta circunstância traz para a atuação do palhaço: no teatro ou no circo, por exemplo, as pessoas estão predispostas a assistir à apresentação porque escolheram estar ali. No hospital não. O paciente, o acompanhante ou o funcionário, estão ali por absoluta necessidade, então seu interesse precisará ser capturado. É preciso conectar-se com pessoas que sequer imaginavam a possibilidade da fruição artística. Com o agravante de que, muitas vezes, o eventual espectador encontra-se num estado de vulnerabilidade psicofísica, seja por questões de saúde ou porque, de alguma forma, está tolhido por aquele ambiente.

Daí desprende-se uma particularidade: em raras situações, como nos pátios e corredores dos ambulatórios, haverá muitas pessoas para interagir. A maior parte das atuações se dá entre o palhaço e um grupo restrito de pessoas, muitas vezes com um único indivíduo. Condição que implica na necessidade do engajamento dos participantes como fator fundamental, sob risco de fiasco automático e imediato. Testemunhei o jogo com um menino de cerca de quatro anos de idade,

acompanhado da mãe no corredor. A interação primeiramente se deu com a mãe que estava disponível ao jogo. Ela vestia uma calça com estampa de tigre e, a partir da sugestão das palhaças, começou a fazer movimentos que imitavam um felino. O menino, calado, escondido atrás da mãe, assistia sem esboçar adesão. Após alguns jogos e negativas do menino, as palhaças se despediram. Quando iam iniciar uma nova interação mais a frente, foram abordadas pelo mesmo garoto que, antes indisponível, agora queria mostrar que sabia lutar *muay thai*. Então, um novo jogo se iniciou, desta vez partindo da proposta dele.

O caso torna explícito que o foco da atuação deixa de ser simplesmente a exibição das habilidades do palhaço e passa a ser sua capacidade de conectar-se ao outro. Nesta circunstância de atuação, então, quem assiste fica em uma condição ambígua, pois age como um parceiro de jogo, e como testemunha de seu acontecimento. Assim, contracenação e audiência ficam em um limite muito tênue, algo como um permanente número de plateia, com o diferencial de não expor o voluntário. Em outros termos, o papel do espectador é problematizado já que a maior parte da atuação não é regida pelas dinâmicas convencionais de um espetáculo. Grande parte do que se dá entre o palhaço e as pessoas com quem ele joga não são exclusivamente da ordem da fruição estética, havendo componentes ligados aos aspectos emocionais e/ou afetivos.

Em um hospital, a dimensão do cuidado, agenciada pelos profissionais de saúde, a maioria das vezes não é capaz de tocar a questão do afeto. O tempo de contato com cada paciente se restringe

a duração da execução de determinado procedimento. Seja nos hospitais públicos, em que as condições oscilam entre o aceitável e o precário; ou nos particulares, em que o tempo de permanência significa gastos exorbitantes para o paciente; a qualidade da atenção disponibilizada quase nunca é proporcional à necessidade da pessoa enferma. Nesse sentido, a atenção dada pelo palhaço de hospital cumpre o caminho inverso e complementar ao dos profissionais de saúde, isto é, não se presta aos princípios do cuidado hospitalar, mas preenche o campo dos afetos.

É importante ressaltar que, os profissionais de Saúde também ficam vulneráveis ante estas circunstâncias de trabalho. Ouvi um médico, o Dr. T., dizendo que “os palhaços ajudam a mudar o ar sorumbático do hospital, trazendo vitalidade ao ambiente”. Afirmação que revela que o alcance da atuação dos palhaços é ainda maior do que se poderia supor. Sua atuação não é restritamente dirigida às crianças, já que a dupla interagiu com médicos, enfermeiros, seguranças, equipe de limpeza, gestantes, idosos e crianças. Com todos, cada qual a seu modo, demonstrando abertura aos jogos.

Por outro lado, é incrível como a figura do palhaço desperta comportamentos pitorescos das pessoas. Sua simples presença libera as pessoas para agirem de forma totalmente fora dos padrões, suspende-lhes a censura ou autocrítica. Parece funcionar como uma antena que capta e atrai os descontroles. Uma moça estava aparentemente tranquila até ver as palhaças. A partir de uma proposta delas, dançou *funk* até o chão e cantou como se estivesse entre os seus! Uma senhora, com jeito de dona-de-casa um pouco acanhada, a

partir de um jogo com os braços, em que foi feita a sugestão de que ela era do *hip-hop*, começou a improvisar um tipo de música completamente estapafúrdia. Deve estar até agora lá, falando coisas completamente incompreensíveis. Enfim, a simples presença das palhaças parece autorizar as pessoas a exercitarem suas estranhezas, fantasias e brincadeiras.

Por fim, ao observar como aquelas duas jovens palhaças atuavam junto aos alunos da Medicina, me ocorreu o que de fato estavam fazendo ali: elas eram palhaças residentes, do mesmo modo que eles eram médicos residentes no Hospital Universitário. Isto é, palhaças que se especializavam na atuação em hospitais. Ficou claro o quanto o ofício do palhaço de hospital é uma especialidade dentro da palhaçaria, pois, trata-se do palhaço tal como se conhece - com sua identidade artística, repertório de números e, é claro, engraçado - mas que esteja, ao mesmo tempo, preparado para uma apresentação incomum em que o foco não seja exatamente ele. Tal conjunção subentende a hipótese de que um palhaço experiente possa eventualmente ter dificuldades em se desenvolver neste âmbito, ou ainda, que uma pessoa mesmo sensível ao campo relacional e com boas intenções não consiga ultrapassar impedimentos técnicos e artísticos para atuar como palhaço. Portanto, a especificidade está em ser um palhaço eficiente com desenvoltura para jogar dentro das circunstâncias delimitadas pelo ambiente hospitalar.

Mesmo sem uma busca específica, fui confrontado com uma série de entendimentos do que é ou o que pode ser o palhaço, justamente por assistir a atuação neste contexto em que o riso não

é exatamente uma finalidade, mas uma espécie de veículo de interação. Obviamente, fui agraciado pela atuação de Cacá e Juliana que, ao final, comentaram que aquele foi um dia em que tudo deu certo. E, observe-se que elas permaneceram jogando por cerca de quatro horas. Fazendo-me pensar que para o palhaço deveria prevalecer algo como a lógica dos pilotos de avião, que em seu currículo contam o número de horas de vôo, significando o tempo em que se mantêm no exercício do seu ofício. Se houvesse algo como o número de horas de nariz, certamente seria uma referência relevante para falar da *expertise* do palhaço de hospital.

[1] No PPGAC - Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UNIRIO.

[2] Oferecida na grade curricular optativa do Curso de Bacharelado em Atuação Cênica da Escola de Teatro da UNIRIO.

Palhaça Sona

Cacá Ottoni

Setembro de 2016.

Hospital Universitário Gaffrée & Guinle.

Não sei lidar muito bem com despedidas, mas quem sabe né?! Nunca ouvi ninguém dizer: “adoro despedidas!”, “despedida é comigo mesmo” ou algo do gênero. Mas, não tem jeito, os ciclos da vida insistem em se apresentar. Além do que, tudo tem feito tanto sentido na minha trajetória que até o ato de pendurar as chuteiras ganhou uma beleza extraordinária. Vocês chegam e eu vou, a barriga chega e a faculdade vai, a Malú chega para minha mãe não ir, enfim... Em todos os âmbitos tudo se revela circular. Mas antes de tornar esse primeiro contato mais terapêutico do que deveria, é mais conveniente me ater ao Programa Enfermaria do

Riso, portanto, sejam muito bem-vindos e bem-vindas ao projeto que mais acreditei, até hoje. Em primeiro lugar, junto com o fora Temer, preparem-se: o hospital é uma cachaça, por mais louca que pareça tal afirmação. Perceber a necessidade dessa troca, não por um viés assistencialista ou benevolente, do clássico palhacinho que concede alegria as criancinhas doentes, que lindo!, mas pelo olhar torto sobre nós mesmos. Perceber-se nada, se ajustar perfeitamente ao pé 23 de determinada criança e dar com a cara na porta de outra no instante seguinte, entender profundamente a rejeição, lembrar para sempre de um sorriso, não chorar a morte, ser surpreendido a cada segundo, ganhar uma mãe na equipe de limpeza que se torna avó e frita salgadinhos às 7 da manhã pro seu chá de bebê, ter vontade se pendurar nas bochechas do Edson Liberal, ver o A. peladinho da cintura para baixo fazer a Pastilha desaparecer enquanto se recupera da cirurgia, aliar-se ao T.S., o maior zagueiro do Brasil e entregar o nariz para ele! (Uau! Essa foi ousadia!!!!), assistir a primeira mamada de A.L, a primeira andada de B., a primeira ida de Wanderful e a outra série de estreias e histórias arrebatadoras fazem parte desse osso que só largo parindo.

Esse mês tudo mudou um pouco de figura. Pastilha ficou mais sagaz, Paulalaura mais augusto, Capricho mais branco, eu mais gorda e minhas visitas ainda mais protagonizadas pela minha barriga. No entanto, percebi que fiz dela meu nariz nos últimos dias. O jogo com ela tornou-se progressivo. Caroço de melancia, bebê na moranga, bola de basquete das olimpíadas, pânceps, sonífilha, inviável, infinitos nomes e explicações

foram atribuídos a minha dilatação abdominal. O carinho de toda a equipe também dobrou de tamanho com ela. Fui homenageada com um chá de fraldas com direito a salgadinho, enfermeira no pandeiro, bola, empadão melhor do mundo, *brownie*, discurso e roupinha de tricô feita à mão.

Esse mês tive ainda mais certeza da parceria com Dr. Liberal, que vocês ainda terão a honra de conhecer. Numa reunião sobre a nossa apresentação num congresso de pediatria dia 10 de outubro, ele nos falou sobre seu interesse de transformar em pesquisa as questões levantadas a partir da relação pediatra/família. Fiquei ali sentada admirando aquele senhor de 64 anos fugir de qualquer zona de conforto, apesar de ser médico. Nossa profissão, de ator/palhaço e artista em geral, nos impulsiona a buscar certa instabilidade, a dele muito pelo contrário. Para Edson, zona de conforto não foi uma expressão apresentada como palavrão e no entanto lá está ele, optando pelo meio público, pela medicina humanizada, pelo riso na saúde, por um hospital menos hostil. Em suma, virei fã número um do Edson.

Em relação a equipe médica, desde o início da minha gravidez, fiquei temerosa de ter ultrapassado os limites do envolvimento, transformando-o em vínculo. Isso, caros ingressantes, tem a ver com um dos princípios levantados pela Ana a respeito do trabalho no hospital. Aliás, meu segundo conselho consiste na compra de um caderno. Anotem frases soltas da Ana, ela tem um lado mestre dos magos que me arrependo de não ter sugado mais. Não ouçam apenas o que estiverem de acordo. Malhem os ouvidos, principal ferramenta nesse trabalho.

Voltando a equipe médica e o medo do vínculo, preferi acreditar que tudo bem. Essa relação é fruto de muitos anos de trabalho, agregados a dois eventos de extrema importância realizados esse ano: a oficina O Riso na Saúde e nossa presença na reunião de Rotina do Serviço Pediátrico, logo esse afeto de mão dupla tem a ver, na minha opinião, com a real compreensão da nossa interferência semanal. Ainda assim não somos vistos como parte da rotina, e nesse ponto, ponto para Pastilha que tem se mostrado campeã em aniquilar qualquer menção a essa palavra perigosa.

Esse mês o espaço da Enfermaria também ganhou destaque, pelo menos nos meus dias de visita. Tive os melhores jogos de todo o meu histórico hospitalar. O time dos pacientes foi crucial para essa experiência. Na última visita, T.S, aos 10 anos, não satisfeito em criar a dramaturgia do jogo, conseguiu realizar a difícil tarefa de englobar todos os presentes na ficção criada. Isso tudo dentro de uma realidade em que a dor se mistura ao tédio, a pior combinação do mundo em se tratando de infância. T.S nos instigou uma postura inédita. O jogo lá pelas tantas já tinha virado mágica e o pequeno A. se divertia em fazer aparecer e desaparecer objetos no leito. Resolvi me aproveitar da situação para me livrar da Pastilha. "Será que você não consegue fazer desaparecer a Pastilha não?" O menino hesitou. Seria difícil fazer sumir uma coisa daquele tamanho. Fui logo propondo as cortinas e a possibilidade do truque encorajou A. que "Abracadabra", desintegrou Pastilha. Fiquei feliz, comemorei e depois de um tempo pedi para que ela voltasse. Ele disse que não seria possível. Me desesperei. Na ficção, e na realidade. Pedi, implorei, eu não podia trabalhar sem ela, já estava

me dando certa saudade até, antes mal acompanhada do que só, até que a pedido de T.S, A. refez a mágica revelando uma Pastilha totalmente nova, morena, mais bonita, com ares do nordeste, igualzinha a mãe de Z., o bebê do leito ao lado, apelidado por T.S de Zé do Egito. Elogiei muito a reconfiguração de Pastilha e quis testar também para ver se acontecia o mesmo embelezamento comigo. A. topou. Quando feito desaparecido atrás da cortina do leito de Z., T.S. veio correndo me pedir para ser o Sono, a versão alterada da Sona e naquele momento, essa transferência do nariz fez um sentido enorme. T.S. que havia revelado A. como grande mágico. Antes disso também colocou Z. e E. no jogo, como o governador do Egito e a princesa prometida respectivamente. Aceitou seu título de zagueiro, mas jogou no ataque, conquistando a posição de artilheiro do campeonato. Ele era a figura de integração mor dentro da Enfermaria. Nada mais justo do que colocar o nariz. Passei pela primeira, e muito provavelmente única vez meu nariz para T.S. que tocou um Arroxá no pandeiro, enquanto A. dançava com as mãozinhas próximas ao rosto, sentado no leito. Ali, escondidas e completamente a mercê do instante, longe de nossas máscaras, fomos privilegiadas por presenciar o ápice do jogo acontecer sem a gente. Naquele momento eu entendi que a melhor troca se dá quando a mesma transcende nossas figuras. Agradei, sem religião e em silêncio por aquele recorte de tempo. E fiquei muito feliz em perceber que o trabalho continua existindo na nossa ausência.

Bom, amigos ingressantes, a ausência de um caderno me fez esquecer os tópicos sugeridos para esse relato. Mas creio ter passado por eles de

alguma forma. Desejo a vocês uma experiência tanto intensa como potente e, certifiquem-se sempre se estão devidamente matriculados em seus cursos. Brincadeira. Isso já é uma outra história. A dificuldade da despedida também aparece na escrita, então é melhor parar assim, *a la Saramago*, no meio de uma.

Saudações de super boas-vindas!

Cacá.

Quando tocamos nossa criança interior

Em 2001 tive meu primeiro contato com o trabalho desenvolvido no Programa Enfermaria do Riso através da professora e minha irmã, Ana Achcar. Minha aproximação se deu pela necessidade em abrir um espaço para os alunos refletirem sobre a atuação no hospital sob a ótica emocional, e assim favorecer o entendimento do que aquele universo mobilizava em cada um.

Sou psicóloga clínica infantil e entendo que quando trabalhamos com crianças, seja em qualquer área, entramos em contato com a nossa criança interior, cheia de lembranças e marcas das experiências vividas. Assim, ofereci o que se nomeou na época de Workshop de Brinquedos, onde nos encontrávamos durante três dias para experimentar a brincadeira, elaborar as vivências e conhecer um pouco da teoria do desenvolvimento infantil. Com essa experiência onde cada um acessava a sua própria criança, podíamos refletir sobre as necessidades das crianças do hospital.

Junto com essa prática, criamos um novo espaço de Supervisão Clínica onde os enfermeiros do riso traziam suas questões e dificuldades frente ao jogo, muitas vezes geradas por uma identificação ou projeções. A supervisão psicológica tem esse caráter de acolher as emoções causadas pelas situações encontradas no hospital, e ajudar através da discriminação, chegar ao entendimento de como transformar através das relações, que é o objetivo final.

Ao longo desses anos, nossos encontros foram aprofundados com novas experiências e visões do desenvolvimento emocional infantil e o

que acontece quando a criança está hospitalizada. Incluímos o corpo e o movimento, o olhar, e principalmente a qualidade da relação que o adulto precisa estabelecer com a criança para que ele seja um agente de transformação.

A criança é um ser de infinitas possibilidades desde o nascimento, e é preciso que o adulto reconheça sua potência, a partir de cada faixa etária, para assegurá-la emocionalmente. Hospitalizada ela está mais fragilizada e provavelmente com uma idade emocional diferente da cronológica, mas é na relação com o outro que ela vai se fortalecer e transformar.

Para concluir, o trabalho que esses meninos fazem no hospital é de uma importância única, regado de beleza e emoção com as histórias e as relações estabelecidas. E poder fazer parte, é um privilégio para mim.

Luciano Pires Maia

Julho de 2018.

O início da pedagogia do sensível

Foram anos de muitos desafios e alegrias experimentados ao longo de quase três décadas de atuação[1] na Escola de Teatro da UNIRIO e gostaria de destacar aqui, nesse depoimento, e muito especialmente, um inusitado convite a mim feito pela colega de Departamento e amiga. Prof^a Ana Achcar, que me possibilitou, literalmente, experimentar a aventura de compartilhar o tablado e os cursos de iniciação à palhaçaria (Jogo e Relação) no ano 2000. Concebidas pela professora, as disciplinas foram a origem do exitoso Programa Interdisciplinar de Formação, Ação e Pesquisa Enfermaria do Riso, que passou, com inequívoca

excelência, a se ocupar da formação dos estudantes de terceiro grau, na linguagem, códigos e princípios da palhaçaria, visando prepará-los, à época, para a atuação como enfermeiros palhaços nas dependências pediátricas do Hospital Universitário Gaffrée & Guinle, da UNIRIO. Mais tarde, a experiência foi estendida a outros hospitais da cidade.

Nunca serei suficientemente justo, por mais que deseje e tente, em expressar minha gratidão à colega pela oportunidade que este convite me contemplou: compartilhar um instigante e insuspeito processo pedagógico, através da regência cúmplice e simultânea de alguns módulos do curso Jogo e Relação para os alunos da Escola de Teatro. Exposto à experiência, eu pude, a cada aula, a cada troca com Ana e nossos alunos, compreender, e profundamente me afetar, com a complexidade, em nível sensível, pedagógico, metodológico e humano. Os exercícios criados, propostos, apresentados e aplicados aos nossos alunos; as analogias estabelecidas pelas análises conjuntas, de Ana, comigo e com os discentes, sobre os jogos e as relações advindas através de suas aplicações, as leituras dos exercícios, enfim, tudo nos foi agregado, e, a mim, indubitavelmente, ao professor, ao ator, ao artista e ao homem que sou hoje.

Em dezembro de 2000, em razão de afastamento da Ana Achcar para coleta de experiências e trocas na formação do palhaço de hospital, tive a responsabilidade e o privilégio de acompanhar a primeira dupla de enfermeiros-palhaços na estreia de suas atuações no HUGG. Sem a presença física da Ana, a responsabilidade assumiu grande dimensão para

mim. O professor Edson Liberal, professor da Escola de Medicina, hoje diretor do Serviço Pediátrico do HUGG e colaborador do Programa Enfermaria do Riso, compartilhou a experiência e a responsabilidade comigo, atenuando assim os efeitos experimentados pela minha solidão nesse início.

Foi inesquecível, e muito emocionante, descobrir como o Programa ganhava compleição de concretude, com corpo, espírito e luz, nas atuações dos palhaços com as crianças internadas nas enfermarias, consultórios e CTI pediátricos, com seus familiares e acompanhantes; com os médicos, enfermeiros, e outros profissionais da saúde, e demais servidores do hospital. Inesperadamente, pude sentir que era possível a derrubada das hegemonias hierárquicas, sejam as observadas no ambiente hospitalar, sejam aquelas percebidas pela injusta segregação social da nossa cidade e do nosso país. Percebi com espanto e entusiasmo, a trégua alcançada nos medos, angústias e dores das crianças internadas e seus acompanhantes cansados e aflitos. Quando a atuação dos palhaços terminava, e as duplas se deslocavam para outras áreas da Pediatria, os efeitos dessas sensíveis e cuidadosas intervenções permaneciam, tanto no ambiente como nas pessoas, num rastro luminoso. Foi através da observação do antes, do durante, e do depois das intervenções que experimentei a certeza da importância do Programa Enfermaria do Riso, a contribuição da Arte e do Teatro na formação dos alunos, palhaços, dos docentes, dos funcionários da Saúde e a incontestável colaboração para a transformação sensível do nosso país, das suas graves desigualdades sociais, à

construção de um mundo com mais humanidade, solidariedade, sensibilidade e menos dor.

[1] Ingressei como docente, do Departamento de Interpretação Teatral, da Escola de Teatro, do Centro de Letras e Artes, da, então, Universidade do Rio de Janeiro – UNIRIO, em 1989, através de Concurso Público de Provas e Títulos; o primeiro processo seletivo docente promovido por esta universidade, para as disciplinas de Artes Cênicas e de Interpretação Teatral, e em 1995, passei também a reger disciplinas de caráter pedagógico, para o curso recém criado de Licenciatura Plena em Educação Artística, habilitação Artes Cênicas. Em 28 anos, e sempre em regime de dedicação exclusiva, fui professor responsável pela disciplina Interpretação Teatral e outras disciplinas do curso de Licenciatura; e desempenhei funções no âmbito da gestão universitária, como a chefia do Departamento de Interpretação, a coordenação de Cultura, a Pró Reitoria de Extensão e Cultura e a Direção da Escola de Teatro.

Diana Herzog
Agosto de 2018.

Olhar de Dentro

Numa ocasião eu disse à Ana que ter participado do Programa Enfermaria do Riso me transformou como artista e pessoa. Disse assim, sem pensar muito, como se fosse uma resposta reflexo, uma resposta do óbvio que eu nunca tinha parado para elaborar. Agora sentada aqui, de frente para o computador, penso sobre a minha história dentro do Programa, e percebo a radicalidade dessa transformação pela qual eu passei.

Eu não atuei no hospital como palhaça. Na verdade, pedi pra sair do Programa uma semana antes da minha suposta entrada. Lembro da Ana inquieta, não entendendo esse meu pedido, me dizendo: “Diana, você tem certeza? Que dó! Você vai morrer na praia? Você já vai entrar no hospital, que pena.”. Foi uma escolha difícil, mas necessária e muito pessoal, naquele momento específico da

minha vida. As palavras dela ficaram ressoando no meu ouvido... Eu estava tão perto... Fiz um percurso tão longo pra não alcançar o objetivo comum de todos que fazem parte da formação... Pensei... Pensei... Quase voltei atrás... E aí a ficha caiu!

Eu já estava dentro do hospital há muito tempo, eu já estava com os palhaços e as crianças, eu já estava ali junto, participando, aprendendo e observando. Eu já estava ali, não como palhaça, mas atrás de uma câmera, como fotógrafa. Já são quase dez anos da minha saída e ainda consigo sentir o meu corpo espremido no canto do quarto, agachado, todo torto, documentando momentos extraordinários. Enquanto escrevo, me recordo de muitos deles. Da emoção, do esgotamento; lembro de diferentes olhares de diversas crianças, vejo os olhinhos exaustos e tristes voltando a brilhar, mesmo que por poucos minutos; e a criança que reaparecia de repente através de um sorriso; dos meus amigos palhaços ressignificando aqueles quartos e corredores frios, através do jogo, trazendo vida para espaços onde a morte tinha muito mais lugar; lembro das fotos.

Era uma Diana que ia, e outra que voltava. Me tornava quase invisível atrás da câmera durante algumas horas, e foi exatamente essa invisibilidade que proporcionou uma vivência intensa e vertical numa realidade muito dura, mas também incrivelmente poética. Eu presenciava momentos de suspensão, e me deparava com a implacabilidade e a potência de se estar vivo.

Hoje penso que não morri na praia, hoje percebo que nadei, mergulhei, vi peixes, águas vivas, enxerguei um coral inteiro. E serei sempre muito grata à Ana e ao Enfermaria do Riso, por

hoje estar uma pessoa e uma artista mais inteira, mais conectada com a vida e com toda a loucura e beleza do que é estar viva.

Renata Mizrahi

Agosto de 2018.

Estudo, dedicação e amadurecimento. Novas percepções da vida. Contato direto com o outro e comigo mesma. Desafios. Quebra do ego. Superação. Expectativa. Aposto. O principal: ouvir. Minha formação como artista e pessoa está totalmente ligada à minha passagem no Programa Enfermaria do Riso. Nas leituras, nas práticas em aula e no acompanhamento no hospital. Entendo hoje, que ali comecei a pensar em uma escrita mais autoral, sem medo de ir nas camadas mais profundas de sentimentos, porque era com eles que a gente lidava, tanto no trabalho prático, quanto no teórico. O trabalho me fez entrar em contato com tudo aquilo que queria esconder, mas precisava revelar. O Enfermaria me fez perder o medo de me expor. Em todos os aspectos da vida. E o principal: exercitar o olhar para o outro. As crianças pacientes, o foco do trabalho, mas o outro de um modo geral também. Nunca com pena, isso aprendi muito bem. Mas no mesmo nível, para só assim, ser real a troca. Encontrar o meu palhaço e perdê-lo, seguidas vezes. É uma metáfora da dinâmica da vida. O rir de si mesmo e olhar para a plateia, compartilhando, generosamente, as falhas que nos tornam o que somos, sem medo. Poder acompanhar de perto, participar de horas de reuniões, estudar, ler e ter muito orgulho de estar junto em tudo o que podia. Estreitei laços muito fortes que levo comigo até hoje. Se tem uma ação que tenho muito orgulho de ter participado é o Enfermaria do Riso. Estou conectada até hoje, e

sempre a postos para o que for preciso. Salve Enfermaria do Riso! Viva os encontros potentes!

Edson Ferreira Liberal

Julho 2018.

Enfermaria do Riso
20 anos de parceria Escola de Medicina e
Cirurgia/HUGG e Escola de Teatro da UNIRIO

O presente depoimento tem a intenção de relatar o processo de parceria estabelecido entre a Escola de Medicina e Cirurgia/HUGG e a Escola de Teatro, ambas da UNIRIO, a partir do Programa Interdisciplinar de Formação, Ação e Pesquisa Enfermaria do Riso, desde 1998. Ao revisitar o passado, vejo-me diante de um momento ímpar que tive a oportunidade de vivenciar na Universidade, quando fui convidado a participar de um grupo de profissionais e estudantes das várias áreas de conhecimento da UNIRIO, representando a Escola de Medicina, no Departamento de Extensão da Pró Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão, que iniciou o exercício de pensar coletivamente uma Universidade que se desejava comprometida com a sociedade. Foi dessa forma que conheci a professora Ana Achcar, coordenadora do Programa Enfermaria do Riso, e me encantei com a proposta. Ainda me recordo da sua emoção ao apresentar o trabalho que pretendia desenvolver, contagiando a todos os que a ouviam. Tratava-se da atuação de enfermeiros palhaços no Hospital Universitário Gaffrée & Guinle (HUGG). Fui honrado com o convite para fazer parte da coordenação do projeto, representando a Escola de Medicina.

Fiquei extremamente feliz de poder participar dessa construção como facilitador da entrada do Programa no Hospital e, também, por

ter a possibilidade de atuar no processo de seleção dos primeiros alunos da Escola de Teatro para participar dessa importante ação de extensão. Assisti a algumas aulas de formação na arte do palhaço e percebi, neste momento, a extrema seriedade do trabalho – os professores Ana Achcar e Luciano Maia cumpriam à risca a definição do Programa. Aprendi muito nesse processo. Nesses vinte anos, inúmeros enfermeiros do riso participaram do Programa. Incrível como cada um assumiu, ao longo do tempo, características de um personagem, mas sempre mantendo algo em comum entre eles: o improviso, com uma rapidez surpreendente.

A entrada no HUGG foi cercada de expectativas. Muitas perguntas: como será a receptividade de algo tão novo fazendo parte da rotina hospitalar, geralmente com tantos sofrimentos e envolvimento pessoais e profissionais? Como se sentirão os alunos da Escola de Teatro em outro espaço de atuação? Que limites podem intervir na implantação e no desenvolvimento das improvisações? Quais são os limites do jogo teatral?

A chegada do grupo na Pediatria foi preparada cuidadosamente com a apresentação da ação na sessão clínica do Serviço, onde estavam presentes estudantes internos, médicos residentes, professores e médicos. A dinâmica começou com a apresentação inicial dos enfermeiros palhaços, seguida de debate. Com relação às equipes de enfermagem, conversamos particularmente sobre o Programa e sua importância, com os componentes de cada um dos três plantões.

Todas as atividades com as crianças, principalmente com aquelas que se encontram

internadas, devem considerar e explorar seus sonhos, suas fantasias. É importante lembrar que elas amam o lúdico, gostam de brincar e de rir. No momento do jogo, a criança retoma o ser criança, e isso é mágico. Por isso, a figura do palhaço é diferente quando passa a fazer parte do cotidiano de um hospital. Ele é a novidade que mexe com as emoções e permite que a realidade se torne menos dura. Os enfermeiros palhaços ajudam de várias formas: quando resgatam a alegria nas crianças, particularmente nas hospitalizadas, e nos profissionais de Saúde quando a brincadeira, o jogo, também os remete à infância.

Muitas vezes observando o trabalho dos palhaços, consegui distinguir singelas diferenças de acordo com a situação. É importante lembrar que o palhaço conversa sobre o estado dos pacientes internados com equipe de Saúde antes de entrar em cena. Recordo que um determinado dia os palhaços entraram com toda a sua energia na Enfermaria quando, de repente, eles se depararam com os profissionais discutindo numa mesa redonda o caso de uma menina muito grave. Foi um *stop* imediato. Pararam e acenaram com leveza para nós, em silêncio. É aquele silêncio que fala.

Os pacientes com internação duradoura, principalmente os escolares, a toda hora perguntam qual dia vem os palhaços, e esperam por eles ansiosamente. Interessante destacar que até hoje, quando encontro os palhaços sem a máscara, sem a roupa que os caracteriza, eles parecem outras pessoas: são sérios, coloquiais (“Tudo bem professor?”). Porém, há uma imensa transformação quando assumem a identidade de enfermeiro palhaço. Eu gosto de jogar com os palhaços. Gosto de provocar. Digo que a chefe

deles pediu para eu tomar conta e que eles estão chegando muito tarde, ou não estão com o crachá, entre outras provocações. Geralmente eles aceitam o jogo, e dizendo que eu sou o que mais tira férias no Serviço, fazem ainda outras brincadeiras. Por exemplo, é comum falarem que já haviam chegado há muito tempo e eu é que não estava, falam para os meus pacientes: “Dr. Edson nunca está aqui!”. Já me puseram até peruca de palhaço. Vibro com essas interações!

Com o tempo, os palhaços foram conquistando mais espaços no HUGG, além dos previstos inicialmente, como o de Internação, entre eles a Enfermaria de Pediatria e a Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (CTIp). Importante destacar que o grupo foi aprendendo a diferença das entradas nos dois setores. Na Enfermaria podem ser mais barulhentos e interagir com as crianças, a família e a equipe de profissionais. Já no CTIp, o comportamento é diferenciado com alguns pacientes e mesmo com as equipes. No Ambulatório da Pediatria a interação é muito intensa, principalmente na sala de espera. Espaços conquistados ao longo do tempo foram os corredores do HUGG, onde eles interagem com pacientes que aguardam consultas, desde uma brincadeira com o nome da pessoa, até um detalhe na roupa, no cabelo. Sempre me surpreende a capacidade que eles têm de improvisação, de criatividade e de sair de situações que as vezes se tornam delicadas. A saída é sempre fantástica. São alunos atores especiais. Um outro espaço que conquistaram foram as salas de aula no hospital. Neste caso, depende do professor que está ministrando o curso, pois alguns ainda não compreendem ou aceitam essa interação. Os

enfermeiros palhaços não insistem muito e saem de forma muito elegante e respeitosa. O jogo na hora da aula é interessante porque tem muito improviso. Por último, não posso deixar de lembrar a conquista do espaço do Anfiteatro do HUGG com o espetáculo PalhaSOS. Essa apresentação dos enfermeiros palhaços do Enfermaria do Riso foi inesquecível.

Posso afirmar que o Programa Enfermaria do Rio trouxe nesses vinte anos outra perspectiva para a formação de estudantes e profissionais da área da Saúde que exercitam suas práticas no HUGG. Trata-se de concretamente desenvolver uma das principais habilidades para quem trabalha com o corpo doente, especialmente das crianças. Refiro-me à humanização da Equipe, que deve ser o princípio fundante a permear todas as ações em qualquer hospital, em especial um hospital universitário.

O Programa possibilita estratégias de produção de sujeitos mais livres, autônomos, criativos e corresponsáveis, espaços substantivos de formação de compromisso, respeito e solidariedade entre as pessoas, espaços de trocas afetivas e simbólicas, sem as quais a eficácia das práticas ficaria seriamente comprometida.



**COLEÇÃO
CADERNOS**

Caderno de Textos sobre a Máscara (2001)

Caderno de Textos sobre a Voz do Ator (2002)

Caderno de Textos sobre a palavra do *griot* Sotigui Kouyaté (2015)

Caderno de Textos sobre o *Rasaboxes* (2016)

Caderno de Textos sobre o Palhaço de Hospital (2018)

Caderno de Textos Ariane Mnouchkine (2020)